

DOZE

A CULTURA DO ESTUPO

DOZE


Editora
Newton

HUDSON BONATTO
FERNANDA CASANOVA
PATRICIA MATOS
NASH CASTRO

Hudson Bonatto
Fernanda Casanova
Patricia Matos
Nash Castro

DOZE

A CULTURA DO ESTUPRO

Prefácio Homero Nunes
Ilustrações Paulo Bevilacqua



Editora
Newton Paiva

Belo Horizonte 2020

Presidente do Grupo Splice
Antônio Roberto Beldi

Reitora
Camila Ribeiro Romeiro

Responsável acadêmico
Fabiano do Prado Marques

Diretor da Educação a Distância
Ricardo Pampillon Gonzalez Pacheco

Procuradora Institucional
Gláucia Corrêa

Secretária Geral
Ana Paula Matias

Orientadora
Christiane Rocha

Ilustrações Paulo Bevilacqua



ISBN 978-65-87392-13-4

B699

Bonato, Hudson

Doze: a cultura do estupro / Hudson Bonatto, Fernanda Casanova, Patricia Matos, Nash Castro; prefácio de Homero Nunes e ilustrações de Paulo Bevilacqua – Belo Horizonte: Editora Newton Paiva, 2020. 191p.

ISBN 978-65-87392-13-4 (e-book)

1. **Violência sexual (Relatos)** 2. **Estupro** 3. **Crimes sexuais** I. Bonatto, Hudson II. Título.

CDU 343.541

(Ficha catalográfica elaborada pelo Núcleo de Bibliotecas do Centro Universitário Newton)

Apoio Técnico

Núcleo de Publicações Acadêmicas do Centro Universitário Newton Paiva
Projeto gráfico e diagramação Ariane Lopes

prefácio

homero nunes

Um livro corajoso, estranho, doloroso. Que aborda um assunto do qual não gostamos de falar, tabu, varrido para debaixo do tapete social. Há quem até duvide que exista tal “cultura do estupro”, por desinformação, ignorância ou covardia mesmo. Melhor nem saber, talvez. Não é fácil aceitar que os homens que você ama, assim como os outros que nem ama, compartilhem de uma lógica perversa, cruel, violenta. Uma cultura do estupro que está na formação do nosso país, colonizado por homens que não traziam para cá as mulheres. Pegavam-nas no laço. Elas estavam aqui, “com as vergonhas à mostra”, como descreveu Pero Vaz de Caminha na carta que fundou o Brasil. Mesmo ele já reparou e contou ao rei, e a todos. Convidativas, não é mesmo? O que mais podiam esperar?

Para os bravos aventureiros que aqui buscavam riquezas, era só colher as mulheres índias e fazer o que quisessem a elas. Tinham autorização oficial e ainda a conivência da Igreja, que as considerava selvagens sem alma. A história de pegar no laço ainda ecoa nas expressões populares: “meu avô pegou minha avó no laço”. Parabéns, seu avô era um estuprador. Se pegou no laço não era consentido. As índias foram as primeiras a sofrer abusos inimagináveis e a parir os primeiros brasileiros. Sim, este mestiço que nasceu do estupro é o brasileiro. Lembro-me do Darcy Ribeiro contando no espetacular livro “O Povo Brasileiro”, que o brasileiro nasce da “ninguendade”, desse ninguém que não era índio nem europeu. O índio não sabia de Brasil nem nada, era nativo, filho da terra, da natureza. O Europeu queria enriquecer e voltar para a sua terra, ir embora. Ou no mínimo fazer daqui algo que lembrasse a sua terra. A índia via na criança a face do dominador, do opressor. O pai via um indiozinho, nada mais. Não era nem índio, nem europeu, era ninguém. Processo que continuou por séculos, parindo ninguéns por todo lado.

A primeira onda de estupros e abusos foi com as índias, a

segunda com as negras. Quando Portugal descobriu que manter cativa a força de trabalho nativa era difícil e que índio caía no mato e desaparecia, percebeu nas colônias africanas braços fortes para o trabalho pesado de extrair tudo que fosse riqueza daqui. Importava aos montes, como animais, os negros africanos escravizados. Homens fortes, adultos, já preparados para ordenhar a vaca colonial. Seria custoso trazer um menino e esperar crescer, ou um velho que duraria pouco. Machos, adultos, fortes, de dentes sadios. Mas os negreiros não deixavam de escolher também algumas negrinhas, meninas de 12, 13 anos, crianças e adolescentes, para vender aos homens. Propriedade de homens que as usavam para os trabalhos domésticos, para cuidar de outras crianças, para iniciar sexualmente os meninos brancos, para serem seviciadas pelos donos. Meninas que mal sabiam o que acontecia a elas, usadas como brinquedo sexual, estupradas aos montes. As que eram trazidas da África em idade precoce e também aquelas que nasciam nas senzalas, que a cor da pele permitia tudo, “da cor do pecado” (como o título da primeira novela da Globo com uma negra protagonista, em 2004). Na intimidade da Casa Grande, serviam para tudo. De novo, o Darcy Ribeiro se lembra de um caso de uma senhora “de bem” que, ao descobrir as investidas do marido sobre uma negrinha, tomada de ciúmes, mandou que lhe quebrassem os dentes e desfigurassem o rosto. Ela sabia como funcionavam as coisas entre os homens daquelas bandas. Pior para a moça escravizada.

Também destas relações entre a “Casa Grande e Senzala”, nasciam mestiços. Se eram negros o suficiente, eram absorvidos ou vendidos como escravos. Se puxavam ao pai, mulatos de pele clara ou fenótipos denunciadores, eram dados à adoção, levados para longe, eram ninguéns. Nem pretos, nem brancos, eram ninguéns. Típicos brasileiros miscigenados, como nós. Da “ninguendade” do abuso, era povoada a nação. Brasileiros acostumados à submissão, a abaixar o olhar, a aceitar a violência da sociedade inteira. Pior para as moças escravizadas, para as índias, as mulatas, as pobres. Porque também a estratificação social permitiu o estupro, a classe, o lugar de origem, a pobreza.



A cultura do estupro está arraigada na estrutura social inteira, de quem está no comando aos comandados, dos opressores aos oprimidos. Ela aparece sempre que a situação permite, que a oportunidade se apresenta, que alguma vulnerabilidade seja percebida, em qualquer nível social, em qualquer estrato. Diz respeito a uma mentalidade, entende? Uma forma de ver e viver as relações sociais. Implantada de cima para baixo, no Brasil, desde a colonização.



Abusar da pobreza é também uma característica que forjou a nação. Um país acostumado à desigualdade, com pessoas em situação econômica inferior se submetendo aos trabalhos mais humilhantes, a tudo. Um lugar onde as pessoas jogam lixo na rua para dar emprego ao gari ou aceitam a pobreza que permite o conforto de não lavar o próprio banheiro. Há sempre alguém disposto a fazê-lo por dinheiro. Um trabalho pela sobrevivência, claro. Pela dignidade. Só não é digno quando envolve sexo. Moralidade cristã. Sexo não pode ser pago, a menos que a pessoa que se prostitui seja pobre. Da pobreza são recrutadas as prostitutas. Quando uma moça rica (ou da classe média) se torna prostituta é notícia, vira livro, filme, o povo se espanta. Doce veneno do escorpião. Ora, prostituição é coisa de moça pobre. Talvez por isso os meninos ricos considerem que podem abusar delas. Pobres moças pobres. Uma cultura do estupro que está nas relações entre as classes, entre os empregadores e empregados, nas relações do poder econômico. São típicas as histórias do rapaz rico com

a empregada, do patrão com a secretária, do recrutador com a candidata, do ator consagrado com a figurinista.

Aliás, quando o ator global foi acusado de assédio, ele se defendeu dizendo que foi criado numa cultura na qual homens agem assim. Pediu desculpas dizendo ser de outra época... Entende-se de quando os homens agiam da mesma forma e as mulheres ficavam caladas. É uma relação de poder. A cultura do estupro é uma questão de raça, de classe, de gênero. “O macho adulto branco sempre no comando”, diria Caetano Veloso na música “O Estrangeiro”. Sempre no comando.

Contudo, é importante marcar que os abusos são praticados também por negros e pobres, homossexuais e mesmo por mulheres e tantos tipos sociais possíveis. Não, não há discriminação na violência. Todos foram socializados aqui, na mesma lógica cultural que define as relações de poder entranhadas em nós. Acreditem, mesmo o “macho adulto branco” pode ser vítima em algum momento. Talvez de uma mulher. A cultura do estupro está arraigada na estrutura social inteira, de quem está no comando aos comandados, dos opressores aos oprimidos. Ela aparece sempre que a situação permite, que a oportunidade se apresenta, que alguma vulnerabilidade seja percebida, em qualquer nível social, em qualquer estrato. Diz respeito a uma mentalidade, entende? Uma forma de ver e viver as relações sociais. Implantada de cima para baixo, no Brasil, desde a colonização.

Uma sociedade patriarcal na qual as mulheres são vistas como propriedade, como recursos vivos para a satisfação dos homens, os algozes mais típicos. Os mais viris e másculos são os que mais pegam, que dão vazão aos impulsos, que não se envolvem, que tratam as mulheres como objeto. Não que não sejam ensinados ao respeito, pelo contrário, respeitam as mães como santas. É que na cultura do estupro, todas as outras mulheres do mundo são profanas. Todas são objetos sexuais. Nenhuma tem voz, força, reação. São encoxadas nos ônibus, ejaculadas, cantadas, assobiadas, comentadas, compartilhadas, reduzidas ao pedaço de carne que devoram no dia-a-dia. Uma relação do poder vinculada à sexualidade.

Desejos carnavais expressos no poder e na dominação de um sobre o outro. Sobretudo os mais vulneráveis, chegando às crianças. Mulheres, crianças, meninas, meninos, quaisquer vulnerabilidades. Uma cultura do estupro que não salva ninguém. Que atropela as relações familiares, próximas, da convivência íntima. Os dados mostram que a maioria dos abusos se dá por pessoas próximas às crianças. Ou que os espancamentos acontecem dentro de casa. Um mal sobre o qual a sociedade se diz horrorizada à luz do dia, mas que abafa às sombras. Muitos casos nem são denunciados pela sensação de impunidade, de nada resolver. Da vítima culpabilizada por vestir tal roupa, por estar naquele lugar, por existir. Uma relação de poder, perpetuada por uma sociedade injusta.

Neste livro, eu – macho sis branco hétero, classe média, com curso superior e emprego de professor – tive a honra de prefaciar, meus ex-alunos, jornalistas, que fizeram doze entrevistas e contaram doze histórias de abusos que denunciam a cultura do estupro em nossa sociedade. Nestes dolorosos depoimentos, em forma de entrevista, relato e observação, estão escancarados os casos que se repetem, indefinidamente, no Brasil. Tristeza de uma sociedade conservadora, careta, machista, preconceituosa, violenta e injusta. Vergonha nossa. Estamos em construção. Ainda precisamos construir a nossa sociedade.

Contudo, também é um orgulho para mim um trabalho tão corajoso e importante. Que minhas alunas e meu aluno, agora ex-alunos, tenham se dedicado a enfrentar a questão e trazer à tona as histórias das pessoas que sofreram a violência desta cultura do estupro. Jornalismo é isso, é publicar o que a sociedade esconde, é dar voz às pessoas que precisam, é denunciar e informar. Aprendi muito com eles, doeu ler os relatos, fiquei orgulhoso do material que produziram. Uma boa leitura a todos. Que doa em vocês como é necessário doer.

Belo Horizonte, outubro de 2017

sumário

Dezembro	10
Janeiro	30
Fevereiro	48
Março	62
Abril	78
Maiο	88
Junho	102
Julho	114
Agosto	126
Setembro	136
Outubro	149
Novembro	161
Capítulo 13 — Solstício	181

DEZEMBRO



Tamborilando, nervosamente, os dedos por sobre a mesa da lanchonete da faculdade — que servia não apenas como nosso quartel general, mas também como nosso *habitat* em meio a todo o caos que era a faculdade —, a menina de cabelos ruivos soltou um suspiro longo. Nós nos conhecíamos há muito tempo, quase quatro anos nos vendo diariamente, passando, pelo menos, quatro horas juntos em uma rotina caótica.

Eu nem sabia ao certo quando o nosso grupo tinha se formado, mas a verdade era que nós nos identificávamos. Eram três garotas e eu. Uma delas era bem baixinha, com os óculos bonitos e com o costume de ter sempre uma opinião sobre política. As pessoas não a entendiam bem, mas o que lhe faltava em tamanho, ela compensava em opinião e em uma garganta potente. Ela, que não era mais alta que uma criança de doze anos, falava bem mais que as velhas que ficam na praça de qualquer cidadezinha do interior.

A outra era mais alta. Esguia, cabelos lisos e muito castanhos. Havia sempre algo em seu olhar e eu ainda não tinha decifrado se aquilo era força ou, simplesmente, desconfiança. Esta já não estava tão ligada assim em política. Gosta da TV, da produção, das coisas que acontecem por detrás das câmeras. Ela gostava de festas e seu perfil no *Instagram*¹ era cheio de postagens sobre seus fins de semana animados. De longe, era ela a que tinha a vida social mais ativa.

A terceira — e não menos importante —, era a mais jovem. Tinha os cabelos volumosos e cacheados, recém pintados por uma tinta acobreada que destacava ainda mais sua pele clara. Ela tinha entrado na faculdade como uma menina: vinda do interior, cheia de sonhos e ilusões. Como a vida sempre assusta, pouco tinha sobrado da menina deslumbrada que tinha vindo da cidade pequena, mas eu

¹Rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Tumblr* e *Flickr*.

também não ousaria chamá-la de mulher. Ainda era possível ver em seus olhos uma ingenuidade sutil, mas ela fazia questão de escondê-la em camadas e mais camadas de piadas e de dureza.

E também, havia eu, em meu amontoado de cabelos, opiniões e indecisões, que era o único homem em meio a aquela confusão organizada que era a nossa convivência. Eu que vivia no meio dela tentando ser a “voz da razão”, quase nunca conseguia êxito nas minhas investidas. Nós quatro tínhamos personalidades fortes e nosso grupo poderia ser desastroso, mas era lindo como nos completávamos. Éramos um grupo unido e, por mais estranho que parecesse, os assuntos polêmicos pareciam nos procurar. Talvez por curiosidade ou pela vontade de lutar por nossos direitos que viviam escondidos em nosso peito, trabalhamos, durante 01 semestre letivo na faculdade, contextualizando um blog que criamos sobre o tema ‘Cultura no Estupro’. Nesse meio tempo, tínhamos recebido diversos relatos, estudado a fundo o que era a cultura do estupro e sentido, na pele, que as pessoas que sofreram abuso, confiavam, cada vez mais, em nós e no nosso trabalho.

Então, depois de muito discutir, tínhamos decidido levar além o nosso projeto e amadurecíamos a ideia de estendê-lo no formato de livro-reportagem, para o TCC trabalho de Conclusão de Curso.

— Então faremos mesmo um livro sobre cultura do estupro? — A dona da vida social mais animada disse, enquanto conferia algo no celular. Ela, que tinha longos cabelos castanhos e aquelas pintinhas charmosas perto dos lábios, riu para seu celular antes de enfiá-lo na bolsa. Certamente, tinha visto alguma piadinha interessante que logo, seria um assunto nosso. Eu não podia chamá-la de menina, porque ela era uma mulher, cheia de atitude e força e uma cabeça tão feita que, às vezes, nem ela entendia sua força. Ela deu uma mordida no sanduiche natural que equilibrava na outra mão e me olhou. Eu, no auge da minha indecisão, apenas assenti e busquei apoio nas demais meninas.

—Vamos começar a buscar as pessoas para entrevistarmos então.

— A ruiva começou falando, mesmo sem demonstrar muito interesse. Era fim de ano e todos nós sabíamos que ela estava muito mais interessada em aproveitar as festas de natal do que na nossa conversa sobre o livro. A menor de todos apenas ergueu os olhos e se perdeu na sua cabeça e em como as coisas funcionavam lá dentro.

— Eu vou tentar o contato com algumas ONGs. — Argumentei enquanto olhava as meninas. Tínhamos passado seis meses de nossas vidas enfiados em depoimentos e relatos tristes, mas cada vez mais, entendíamos que aquele era o motivo pelo qual havíamos optado pelo jornalismo. Mais do que informar, nós queríamos fazer a diferença e dar voz às pessoas que não tinham.

Nós quatro decidimos que buscaríamos o máximo possível de pessoas para nos dar depoimentos que registraríamos em vídeo ou em áudio para conseguirmos montar o livro. O calor de dezembro era forte, mas eu já estava esperando que aquele ano seria um ano repleto de emoções fortes, assim como o sol naquele mês.

Eu visitei diversas ONGs em busca de alguém que pudesse - e quisesse -, falar conosco. Porém, quanto maior era a nossa força de vontade, maior eram as dificuldades que se apresentavam. E quando eu estava prestes a desistir das minhas ideias, resolvi enviar uma mensagem a um grupo de amigos. Falei, abertamente, sobre o tema e, quando menos esperava, recebi uma mensagem de alguém que estava no meu grupo de amigos.

Para a minha agradável surpresa, Dezembro* se ofereceu para nos dar o seu depoimento e eu, mais que depressa, marquei um dia com ela. Nossa primeira entrevista foi feita em um dos estúdios da faculdade em que estudamos e eu não poderia estar mais nervoso. Uma das meninas, a mais jovem delas, resolveu me acompanhar, mas deixou bem claro que EU deveria fazer todas as perguntas; e que ela estaria ali apenas para me dar o que ela chamou de “Apoio Moral”.

*Nome fictício.

Assim que Dezembro chegou, com seus enfeites pendurados pelos braços e pelos cabelos, a levei até o estúdio. Dezembro, que não era boba, tinha um incrível tino comercial e não demorou para começar a vender suas bijuterias para quem passava por ali. A primeira foi a minha amiga de grupo, que foi logo comprando pulseiras. Logo depois, Dezembro atacou o técnico de áudio, insistindo que ele deveria levar algo para sua esposa. Me diverti enquanto Dezembro relaxava. Mas quando o momento chegou, ela deu uma respirada funda e se sentou.

— Qual foi o seu primeiro contato com a cultura do estupro?—
Perguntei para Dezembro depois de apertar o *play* da câmera.

— Que eu me lembre, foi aos cinco anos. Eu uso de referência uma viagem que fiz com o meu pai. Acho que o meu celular está tocando...

Dezembro puxou sua mochila e mexeu em seu celular. Eu aproveitei o momento de distração para conferir se a câmera estava mesmo ligada e gravando. Ela voltou a falar.

— Voltando, que eu me lembre, como eu falei, foi uma viagem que eu fiz com o meu pai de Goiás para o Acre. Eu me lembro dessa viagem e me lembro de coisas que aconteceram dentro do ônibus. Então, é a partir daí que eu lembro, porque as outras coisas são muito fragmentadas. Eu não sei se foi antes ou se foi depois.

— Você era muito novo, né? Com cinco anos ainda... —
Comentei, enquanto olhava para a minha amiga, que tinha ficado do outro lado do vidro, apenas ouvindo a entrevista com atenção.

— E assim: eu só sei da minha idade nessa viagem porque eu perguntei pra minha mãe depois. —
Dezembro acrescentou.

— E como foi a sua orientação sobre sexo? —
Perguntei e Dezembro ergueu uma sobrancelha. Respirei fundo e completei a pergunta:—
E em relação ao seu gênero: a sua mãe te privava de alguma coisa, de brincar só com meninas?

— Ah, tá! Eu nasci em um lar ‘cristão’ (*ela mesma usou as aspas com as mães*). Dezembro continuou:

— Então.., quando você vem de uma família cristã tradicional,

existe essa separação muito cedo, de ‘menino brinca com menino’ e ‘menina brinca com menina’. No entanto, nós somos um casal de filhos, né? Eu tenho um irmão e eu era cercada de meninos, mas eu não podia brincar com os meninos. Mas como meus pais trabalhavam, a gente acabava brincando ali, todo mundo junto. Tinha uma menina só na minha rua, mas a mãe também não deixava brincar com os meninos. Então, tipo, ‘escondido’, eu brincava com os meninos, mas não podia. Era separado, sempre foi muito separado.

— A sua mãe então foi bastante rígida com isso — eu perguntei, ao que Dezembro assentiu com a cabeça. Eu voltei a questioná-la sobre isto: “ela te orientava sobre algum mal que os meninos pudessem fazer?” Dezembro prosseguiu, me respondendo:

— O quê que acontece...: como eu era muito pequena, eu não me lembro de muitas coisas. Eu acho que também, por ter passado por isso, eu tentei apagar muita coisa da minha cabeça. Então, da minha infância... Eu lembro sim, é lógico. Mas eu não lembro de tudo na minha infância. Algum acontecimento me remete lá ao passado, aí eu penso: ‘nossa, isso aconteceu comigo!’ É, mas por muito tempo eu tentei apagar, totalmente, da minha cabeça, essa questão da infância... A gente não consegue, claro.

Dezembro buscou fôlego e então, me olhou e continuou: — Então... eu sei que existia isso, mas como minha mãe me orientava, eu não lembro. Igual ao fato que acontecia comigo e com o meu pai; eu sabia que era errado, mas eu não sei como que me foi passado que isso era errado. Por exemplo: eu sabia que não podia contar pra minha mãe, que a minha mãe não podia saber e que as outras pessoas não podiam saber. Mas eu não lembro quais foram as palavras que meu pai usou pra dizer que eu não podia contar. Entendeu?

Eu entendi o que Dezembro dizia e completei com outra pergunta: — E você se lembra de alguma orientação da sua mãe dizendo como você deveria se comportar, isso mais na adolescência?

Você se lembra de ela falando algo como: ‘Não faça assim; mulheres direitas não agem assim’? Ela continuou:

— Sim... Você cresce ouvindo que existe um ‘*padrãozinho*’ pra criar as meninas. Inclusive, isso tá tão impregnado na gente, que hoje, eu tenho uma filha de dez anos e eu tenho que me frear pra não fazer isso com ela. A igreja na qual eu cresci ... — eu falo muito sobre a igreja porque acho que influencia também... Por exemplo, lá as meninas não podiam usar short e nem calça. Era só saia. Então, tinha essa coisa de sentar, sentar separado, essa coisa de falar baixo, de não conversar com homem... Inclusive, na igreja, tinha essa separação de meninas não poderem ficar de papinho com meninos. Eu sempre fui mais assim... *Tava* no meio dos meninos quando via... mas existe isso, o que eles chamavam de ‘mal testemunho’. Mas eu cresci ouvindo que NÃO podia. Com os meus primos. Às vezes, a minha avó falava (que a gente ia pra casa da minha avó) que era para as meninas brincarem com as meninas e os meninos com os meninos: *eles brincam pra lá e as meninas brincam pra cá*. Porque os meninos correm, eles brincam de carrinho, sobem em árvore e as meninas não podem fazer isso.

— Então você teve uma criação machista? — Eu perguntei, Dezembro, sem hesitar, me respondeu:

— Sim, totalmente. O exemplo que eu tenho... assim... e isso eu lembro muito, somos eu e o meu irmão. A gente estudava e quando a gente chegava em casa, eu era louca pra assistir a ‘Os Cavaleiros do Zodíaco’². Eu queria chegar em casa pra assistir, mas eu não podia fazer isso porque eu tinha a casa para varrer e tinha a

² Saint Seiya ou Os Cavaleiros do Zodíaco é uma série japonesa de mangá escrito e ilustrado por Masami Kurumada. Foi publicada originalmente na revista Weekly Shōnen Jump de 1986 a 1990 e adaptada para anime pela Toei Animation de 1986 a 1989.

louça pra lavar. Já o meu irmão não tinha obrigação; então, ele já ia, se sentava no sofá e ia assistir.

— E você questionava isso? — Perguntei eu a Dezembro.

— Não! — Dezembro disse aquilo como se eu tivesse pedido que ela pulasse da ponte. E continuou: — Porque a gente não cresce aprendendo a questionar. A gente não questiona, a gente não responde os pais, né? Cresce aprendendo que a gente não tem que responder nem tem que questionar. Trazendo isso pra vida adulta e pra adolescência, às vezes, você se torna alguém que baixa a cabeça, porque você não sabe questionar. Você não aprendeu.

Em seguida, eu perguntei a ela como tinha sido sua orientação sobre sexo. Dezembro nem me deixou terminar o meu questionamento e começou...

— Não fui. Na verdade, existia... Na verdade, ainda existe; mas eu acredito que é menos, porque essa geração já está educando seus filhos de uma maneira diferente. Digo, eu pelo menos, faço assim... É, eu já sabia o que era isso, mas eu não tinha um limite. Eu não sabia o que era certo e o que era errado, digamos assim, sabe? Se é que existe alguma coisa certa ou errada. Só que a minha mãe nunca falou nada comigo. A única orientação que eu recebi era que mulher não podia fazer sexo antes do casamento, o que, pra mim, gerava muito medo, porque eu lembro de ouvir uma história... Inclusive, teve uma tia minha que se casou, mas ela não era mais virgem. Com três dias, o noivo devolveu ela.

Dezembro estava com o olhar perdido e opaco, mergulhando cada vez mais fundo em suas lembranças escuras e densas.

— E aí, dentro de casa, existia um preconceito muito grande com ela (*minha tia*). Pra você ter uma noção, eu, que era sobrinha, não podia ficar sozinha com ela. Minha avó não deixava, a minha mãe não deixava, porque parecia que ela era uma influência ruim pra mim. Então, a gente acabava enxergando ela com outros olhos. Isso, se você for olhar, é recente. Minha tia não é tão velha assim, porque eu deveria ter de uns nove para dez anos. Eu já sabia o que era sexo,

por tudo o que acontecia, só que a gente não podia... Era como se a minha tia fosse alguém que estivesse impura... talvez por causa da religião. Mas hoje, eu enxergo isso como aquele tradicionalismo das famílias. A minha avó aceitou ela em casa, apenas porque o meu avô impôs isso. Meu avô era muito amoroso, então por ser filha dele, ele aceitou ela em casa de novo. Mas, pra minha avó, nunca mais foi a mesma coisa. Tanto é que minha tia não aguentou a pressão dentro de casa e fugiu com outra pessoa.

— E o seu irmão ele foi criado com esse mesmo pensamento?

— Eu perguntei a Dezembro:

— Meu irmão é bem machista. Hoje, às vezes, eu vejo meu irmão e parece que a gente nem foi criado junto, sabe? Mas porque eu me permiti. Eu acho que quem vive a opressão, tudo o que ela quer é sair disso, daquele ambiente. E pra outra pessoa é comum”.

— Respondeu ela. Em seguida, eu quis saber se Dezembro considerava que seu irmão tinha obtido mais acesso à informação ou se ele tinha mais incentivado ao sexo, do tipo - enquanto com Dezembro era ‘*não, você não deve fazer sexo antes do casamento*’, com seu irmão era mais ‘*vai, perde a virgindade logo*’”. Segundo Dezembro, valeu mais a primeira opção.

— Essa questão de ‘perde a virgindade logo’, não. Essas palavras não tiveram influência pra ele. Não teve isso... No entanto, teve aquilo de que, se ele perdesse a virgindade, não seria um problema. Chega a ser hipócrita, porque assim, se eu perdesse a minha virgindade e me casasse, o cara ia saber que eu não era mais virgem, mas se ele perder a virgindade aqui... — Dezembro deu de ombros, *demonstrando que ninguém se importaria*. Então continuou: — Quem é que vai saber? Não vai fazer diferença.

— Também para o homem, isso não vai fazer nenhuma diferença... — Assenti, dando de ombros, então vi Dezembro erguendo os dedos, se lembrando de algo.

— Eu me recordei até de uma história que aconteceu comigo. Aos treze anos de idade, eu fui submetida a um teste de virgindade,

porque surgiu um comentário de que eu não era mais virgem. E eu tinha um namoradinho, só que a gente só tinha aquela coisa de querer se encontrar, querer se ver, porque era tudo muito proibido, né? Mas não...

Dezembro tentou achar as palavras, mas não importava. Eu sabia o que ela queria dizer.

— Né? Minha mãe quis fazer o teste de virgindade porque ela queria saber se eu era virgem, porque aquilo era inadmissível. Ainda mais porque eu tinha treze anos. Aí ela foi e eu não sei como é hoje pra fazer um teste de virgindade. Mas na minha época, você tinha que fazer um boletim de ocorrência. Minha mãe me levou no hospital pra fazer o teste de virgindade e lá, eles falaram pra ela que precisava fazer uma ocorrência. Minha mãe foi, fez a ocorrência. E quando você vai fazer...

Dezembro se calou e colocou a mão sob os olhos. Ela fingiu que queria apenas coçar os olhos, mas eu sabia *bem* que ela estava com vergonha de me revelar aquela história.

— Quando você chega no hospital pra fazer isso, vão dois policiais junto com você. Eles ficam um do lado de fora da sala e o outro do lado de dentro e o médico faz o teste em você. É quase igual a um exame ginecológico: você deita, abre as pernas e ele vai te examinar. Pra minha sorte, era uma médica. No entanto, um dos policiais, o que *tava* do lado de dentro, frequentava a mesma igreja que a gente. Eu brincava com as filhas dele. Então, para mim, foi extremamente constrangedor. Eu tive que fazer aquilo, apenas pra tirar a dúvida da minha mãe. Hoje eu me pergunto que diferença ia fazer na vida da minha mãe eu ser virgem ou não. Só que eu *tava* com muito medo...

Dezembro repetiu que '*estava com medo*' várias vezes. Pude observar como ela apertava as mãos e os olhos, revelando toda a intensidade do medo que ela sentia.

—... por causa de tudo o que tinha acontecido antes. Por mais que, com aquele rapaz, não tivesse acontecido nada, já tinham acontecido outras coisas antes. Então, eu ia apanhar, ia ser colocada pra

fora de casa, porque foi o que eu sempre ouvi. Então, eu chorava muito e a minha mãe não entendia porque eu estava chorando. Ela achava que eu *tava* chorando porque *tava* errada. Pra minha sorte, a médica explicou pra minha mãe que existiam várias formas de hímen; alguns são como um véu; outros têm uns buracos maiores; e tem o *MEU* hímen: ele não rompe³. Bom, eu não sei explicar, mas é mais ou menos isso. E só aí a minha mãe se acalmou, mas pra ela, ainda ficou uma dúvida. Depois disso, eu não conseguia mais ir à igreja. Assim... eu ia porque tinha que ir, mas eu não tenho nem palavras para descrever como era a sensação. Eu parei de brincar com a filha do policial... Por mais que ele fosse um profissional que não iria levar isso pra dentro de casa, mas pra mim, era como se todo mundo estivesse sabendo. E esse boato aconteceu no meio das pessoas que eu convivia e os boatos de que eu fiz o teste de virgindade também. Então eu tinha vergonha das pessoas... Muita vergonha. E eu não sei se aconteceria a mesma coisa com o meu irmão se o boato fosse ao contrário.

Em seguida, pedi a Dezembro que me contasse qual fato tinha lhe causado mais trauma. Ela ficou em silêncio por alguns instantes. Estava buscando forças. As lágrimas que se formaram em seus olhos a traíram. E ela então respondeu:

— Sabe que hoje de manhã, eu pensei assim: ‘nossa, eu tô tão fria hoje pra falar disso. Eu vou falar disso com uma propriedade, com uma calma que eu... não vai fazer a menor diferença.

Dezembro engoliu o choro e respirou fundo. O ar parecia mais pesado naquele momento. E ela prosseguiu:

— O mais traumático foi que a gente viajou... foi a família toda.

³ Hímen complacente ou Elástico. É um tipo de hímen que costuma não romper durante o primeiro contato íntimo. A cada tentativa, porém, a tendência é de que ele se rompa parcial/completamente e que sangue (ou que deixe vestígios de sangue na vagina).

A gente morava em Goiás e a gente foi pra Rondônia (*pra casa da minha avó*). A gente esperava o fim do ano chegar *pra gente ir pra casa da minha avó*. Todos os primos, todas as primas, todo mundo *tava lá*. Meu *vô* tinha (recém) comprado uma fazenda. A fazenda dele era referência em Rondônia por causa do café. Inclusive, as pessoas falavam assim: *'ah, fica dois quilômetros pra lá do cafezinho'*. Ele (meu *avô*) plantava café e era até bonito de ver a plantação. E *tava* todo mundo feliz e tudo o mais. E meu pai me levou...

Dezembro estava com o nariz vermelho de tanto segurar o choro, mas ela já não conseguia mais. E continuou a externar suas lembranças:

— Hoje eu consigo usar o termo 'meu pai'. Por muito tempo, eu chamava ele pelo nome ou por qualquer outra coisa. Mas hoje, eu consigo usar 'meu pai' e eu gosto de falar e enfatizar quem ele é, quem ele foi na minha vida.

Dezembro respirou e prosseguiu:

— E aí, ele (meu pai) me chamou pra dar uma volta. Eu não me lembro o que foi que ele falou, mas eu sei que eu tive que ir com ele. Eu lembro da sensação de que eu já sabia o que ia acontecer. A gente já tinha chegado ali há alguns dias; então, a gente brincava no meio do cafezal e tal... meu *vô* até pedia pra gente tomar cuidado com cobra. Mas a gente vestia umas galochas grandes e ia brincar, porque era bonito. Os pés de café já estavam bem grandes e a gente era criança, então a gente corria no meio dos pés de café.

Dezembro abaixou os olhos, girando o anel que ela trazia no anelar esquerdo. Ela tirava e colocava o anel tentando afastar as lembranças mais dolorosas. Mas eu ainda conseguia ver força naqueles olhos baixos. E ela continuou:

— E ele me chamou... assim, eu tento lembrar o que ele falou pra que eu fosse pra lá... eu lembro que, perto dos pés de café, tinham uns pés de jaca; e eu lembro que meu *vô* pôs bastante(s) redes nos pés de jaca. Eu tava com medo, muito medo, mas eu não sei se o medo era do que iria acontecer ou se era de que alguém pudesse ver ou pegar. Eu não sei... mas essa é a minha lembrança mais traumáti-

ca. Eu vou tentar dar mais detalhes, mas é que... realmente, isso me incomoda ainda.

Dezembro respirou fundo e olhou para suas mãos. Ela ainda não tinha parado de brincar com o anel, continuando a falar.

— Eu não lembro quantos anos eu tinha, mas deveria ter uns sete anos. E a gente foi. Eu lembro que ele forrou um lençol e eu não sei como ele conseguiu sair com aquilo, porque tinha muita gente na fazenda... Eu só queria que aquilo ali acabasse, porque era como se eu estivesse perdendo uma parte do dia; era como se aquilo ali não fosse acabar, era como se aquilo fosse uma obrigação e só de falar daquilo, o meu corpo dói, mas é a parte mais traumática. Foram várias vezes, mas essa foi a mais traumática, de sensação, de pensamento, essas coisas.

Chocado com o que Dezembro me dizia, perguntei se ela chegou a contatar ele depois e se voltou a falar sobre o episódio. Ela respondeu positivamente às duas perguntas.

— Sim. Tem uns dois anos. Eu consegui falar com ele e a minha intenção era perdoar ele. Eu não conseguia mais viver com aquela dor, aqueles sentimentos, com aquele incômodo. Eu imaginei que a saída fosse perdoar mesmo. Ele já tinha tentado vários contatos comigo... Cheguei a passar um tempo com ele quando eu tinha dezesseis *pra* dezessete anos. Ele estava em Palmas, casado e tudo o mais. Eu fui passar um tempo... passei um mês na casa dele. E eu tentei conversar com ele, mas acho que eu também era imatura. Não usei as palavras certas, a gente acabou brigando e ele me mandou de novo *pra* casa da minha mãe. Aí, há uns dois anos — eu tinha vinte e seis anos —, eu *tava* passando por vários processos na vida. Tinha terminado um relacionamento, queria recomeçar do zero, reestruturar a minha vida. E tudo aquilo que me incomodava, eu queria abrir mão... Eu queria conversar, queria falar sobre aquilo. Tanto é que foi a primeira vez que eu falei sobre essas coisas com outra pessoa...

Dezembro engasgou com suas lágrimas e fechou os olhos por um instante. Em cada lágrima, em cada palavra, havia um pouco

da sua dor. Ela, que era tão cheia de vida, não parecia, ali, ser tão forte assim.

— ... E foi até com uma psicóloga, com uma terapeuta. E a minha psicóloga falou que, de alguma forma, eu tinha que resolver isso na minha vida. E eu enfrentei e falei: Não, eu vou. Eu conseguir o telefone dele! Eu liguei pra ele e comecei a falar que eu tinha ligado porque eu queria perdoar ele por tudo o que tinha acontecido na minha infância. E ele falava pra mim assim: ‘*ué, mas o que que aconteceu na sua infância?*’ E eu falei pra ele: ‘ *você sabe*’. E ele: ‘*não, eu não sei*’. E aí eu comecei a falar... falar e dar detalhes do que eu lembrava. E aquela vez (*que ele me levou pro cafezal*) foi uma das coisas que eu falei. Eu chorava muito, soluçava muito e não conseguia falar direito. Aí, ele começou a falar pra mim que aquilo não tinha acontecido; que era coisa da minha cabeça; que não tinha acontecido; que quando a gente viajou para lá, eu era muito nova, que era coisa de criança; que talvez eu pudesse ter imaginado aquilo e que não tinha acontecido. Só que eu carregava uma culpa muito grande, por causa dessas coisas. Porque chegou a um ponto que eu comecei a ter benefícios por causa disso. Por exemplo, eu e o meu irmão fazíamos alguma coisa muito errada e ele corrigia o meu irmão, batia no meu irmão, me levava pro quarto e ‘*fingia*’ que me batia. Então, pra uma criança é um benefício. Eu não ficava de castigo, eu não apanhava, se eu pedia alguma coisa, o meu pai me dava. E eu começava a usar esses benefícios. Inclusive, quando eu queria ‘*punir*’ o meu irmão, digamos assim..., se eu fosse lá e contasse alguma coisa por meu pai, ele castigava meu irmão. Se meu irmão fosse lá e contasse alguma coisa de mim por meu pai, ele (*meu pai*) passava a mão na minha cabeça. Tinha um preço, mas eu tinha os meus benefícios. E eu me sentia muito culpada... era como se... Eu não sei explicar. Mas, de certa forma, eu me sentia culpada por ter benefícios por causa daquilo.

— E ele não assumiu, então? — Eu perguntei a Dezembro, que, rapidamente, me respondeu:

— Não. Ele falou que era coisa de criança, que eu deveria ter

imaginado aquilo. Eu já me sentindo muito culpada e, naquela ligação, eu pensei: *'meu Deus...'*. Eu acreditei que aquilo pudesse ser coisa da minha cabeça. Eu acreditei...! Falei: *'Será que eu vivi com isso esse tempo todo e isso foi coisa que eu criei na minha cabeça? Porque a cabeça do ser humano...'* E eu comecei a chorar. E, tipo: eu era muito nova; e criança não tem essa coisa de maldade, de sexualidade assim, naquela idade. Eu não posso ter inventado isso. Pelo menos uma vez aconteceu pra eu desenvolver todas as outras coisas. Aí, ele começou a falar que eu tava doida, que eu tava inventando, que sempre quis chamar atenção. Que eu era uma pessoa muito carente quando criança. E eu acreditei nisso. E nós conversamos sobre outras coisas, sobre a separação dele (da minha mãe), que eu tive uma reação muito diferente do esperado quando ele e minha mãe se separaram. Essa foi a primeira vez que ele me fez sentir muito culpada. Tanto é que eu me senti tão culpada que eu achava que a minha mãe sabia de tudo e que, por muito tempo, eu tive raiva da minha mãe porque achava que ela sabia e que ela não me defendia para não perder o meu pai. Porque ela tinha um amor cego por ele. Então, quando ele se separou dela, ela ficou muito agressiva. Mais agressiva comigo; com o meu irmão não. Eu lembro de situações que a gente *tava* indo pra igreja. Minha mãe ficava do lado com meu irmão no colo; meu pai me colocava no colo dele ... ele ficava excitado e eu sentia. Disso eu lembro, eu tenho nitidez e eu falei disso com ele. E ele falava que era mentira.

Dezembro respirou fundo. Assim como tantas outras vítimas, pessoas com quem tínhamos tido contato ao longo de todo o trabalho, Dezembro estava apática. Era duro saber que havia pessoas capazes de machucar e manipular as outras desta forma. Ela então continuou a falar sobre o seu pai.

— A gente deve ter conversado por uma hora e quarenta e eu não conseguia nem me mexer, porque pra mim ainda era muito forte. Nesses dois anos, eu já conversei sobre isso com outras pessoas; então pra mim, hoje, isso é mais leve. Aí, por último, eu *tava* quase desligando já (*o telefone*). Ai ele me pediu perdão, falou que não sabia

que as coisas que ele fez iriam me marcar tanto, que ele achou que eu nem me lembraria mais. Que ele era muito novo, que ele se casou muito novo e que ele nem tinha muita consciência do que ele estava fazendo. Quando eu já *tava* convencida de que eu *tava* louca, que eu tinha inventado tudo aquilo, ele confessou, pediu perdão e falou que me amava muito. E toda vez que ele falava que me amava muito, eu sentia muita ânsia de vômito. Mesmo..., de verdade... A minha intenção era continuar a falar com ele e realmente perdoar, mas eu não consegui. Talvez, se ele tivesse me ouvido e não falado que eu *tava* inventando, talvez eu perdoasse. Talvez eu me apegue a isso pelo fato de eu não ter perdoado ainda.

— Talvez, o seu perdoar é eliminar esse peso da sua vida. — Susurrei, ao que ela respondeu-me:

— Olha, essa história de esquecer, deixar pra trás, ‘*superei*’; isso não existe. Não existe! A gente vive, dorme e acorda com isso.

A voz melodiosa de Dezembro foi tomada pela força das lágrimas, quando ela continuou:

— É um espaço dentro da gente que vem à tona, direto! Eu convivo, eu sorrio, eu amo, erro, acerto, perdoo. Mas isso existe e está ali. É uma sombra que te acompanha. E ela te acompanha até no escuro. E se alguém consegue superar estupro, se alguém consegue superar um abuso, essa pessoa é extremamente forte. Porque não é assim... não existe essa de deixar pra trás. Marca! Porque, talvez, se fosse uma pessoa que eu não conhecesse, um estranho que aparecesse e sumisse da minha vida.... Eu não sei também... a gente fala assim porque nunca aconteceu com a gente. Mas comigo, foi alguém que era pra me proteger. E ele não protegeu. Então isso marca! Tanto marca que eu tenho a minha filha de dez anos, a minha mãe pede pra passar um tempo com a minha filha e eu não deixo, porque tenho a sensação de que a minha mãe não me protegeu. Então, como é que ela vai proteger a minha filha?

Dezembro se desfez mais uma vez em lágrimas e soluços nervosos, continuando o raciocínio imediatamente anterior.

— É horrível! Você tem medo de tudo. Eu, às vezes, me pego pensando que a minha filha tá indo pra escola sozinha. A escola é perto da minha casa, mas eu tenho aflição! Fico com pânico ao saber que a minha filha tá indo pra escola sozinha e que pode acontecer alguma coisa com ela. Os homens que têm à minha volta, eu observo muito eles pra que eles possam se aproximar da minha filha, sabe? Às vezes, eu tento relaxar, mas dentro de mim fica aquela sensação de que, se acontecer alguma coisa com ela, eu nunca vou me perdoar, porque eu errei em algum ponto, sabe? A proteção que eu tento ter com ela é grande por causa disso. Só que, ao mesmo tempo, eu sei que a minha mãe não sabia de nada do que acontecia. Mas eu vou viver com isso pra sempre. Qualquer pessoa pra mim é suspeita.

Diante do que me disse Dezembro, perguntei então qual tinha sido a reação das pessoas com quem ela já havia falado sobre o episódio com o pai.

— Eu procurei psicóloga por causa de outras coisas. Na primeira consulta, ela me ouviu. Eu falei, falei e na hora que eu ia embora, eu tava na porta, com a mão na maçaneta. Ela virou e falou assim: *‘eu preciso te perguntar uma coisa. Você já sofreu algum abuso?’*. Aí, eu olhei pra ela com espanto (‘assim’) e comecei a chorar, porque depois de quase vinte e seis anos, era a primeira pessoa que tocava no assunto comigo.

Dezembro fungou e coçou o nariz, soltando de vez o anel que fazia um barulhinho irritante sobre a madeira da mesa. E prosseguiu:

— Eu sofria e chorava, sozinha, aquilo; e pensava: *‘que Deus me livre de contar aquilo pra alguém’*. Estava enterrado, muito bem enterrado. Eu não queria mexer naquilo. Eu ouvia histórias, chorava com outras histórias, mas eu não sabia compartilhar essas coisas com ninguém. E aí ela falou: *‘não precisa falar mais nada, não. A gente fala sobre isso na próxima sessão’*. O que seria na próxima semana, eu levei quase dois meses pra voltar lá, porque eu não sabia como ia ser. Eu tinha medo. Aí ela me ligou e eu fui. Eu contei pra ela e a gente começou a trabalhar aquilo. Fora a psicóloga, eu contei pra minha companheira, na época. Ela ficou transtornada, queria ir lá em

Palmas pra discutir, pra ‘socar a cara do meu pai’. Mas foi essa minha companheira que, depois, usou isso contra mim. Não de propósito, mas ela sempre jogava isso na minha cara. Acho que isso marca muito. E contei pra um cara, um amigo, que é um pai pra mim hoje em dia. Eu nem sabia que eu ia ter outro pai, eu nem queria.

Dezembro abriu um sorriso iluminado ao falar desse homem. O alívio em seu rosto era quase palpável. Ela continuou:

— Mas ele é mais que amigo, ele é um pai. Ele cuida de mim mesmo. E eu contei pra ele. E ele é outra pessoa que eu acredito que estava preparada pra lidar com isso. Se hoje eu me ofereço pra falar disso, se eu falo com tranquilidade, eu devo isso a ele. A psicóloga me deixou falar e me ouvia. E depois disso, todas as coisas que aconteciam à minha volta, as desagradáveis, eu tomava a culpa pra mim. Eu não tinha confiança em mim mesma. É uma sensação que não dá pra explicar, mas é uma culpa. Eu não confiava quando eu via, por exemplo, um pai e uma filha brincando. Eu não acreditava que existia mesmo um relacionamento entra pai e filha, eu pensava que todos os pais faziam aquilo. Mas era porque eu cresci com o meu pai fazendo aquilo. Eu não confiava...

Então, perguntei a Dezembro se ela considerava que a culpa que tanto mencionava ter tinha sido desenvolvida por ela ou pelo pai. Ela disse que não se lembrava.

— Eu não lembro. A única coisa que eu lembro é que eu sabia que aquilo era errado, sabia que ninguém podia saber, principalmente minha mãe e meu irmão. E olha que eu e meu irmão éramos muito amigos assim, éramos bem apegados na infância. Eu acreditava que me sentia culpada porque eu usava os benefícios. Teve um tempo que eu achei que a minha mãe soubesse, porque meu pai comprou uma *tevé* pequena, de quatorze polegadas, porque eu pedi. Só que ele não deixou na sala porque ele era pastor de uma igreja e não podia ter *tevé* em casa. Aí, um dia, ele levou pro quarto dele e a gente ficou assistindo. Estávamos eu no meio, meu pai de um lado e meu irmão do outro. Estava muito frio. A gente estava lá embaixo e ele *tava*

passando a mão em mim. A minha mãe chegou e puxou a *coberta*, brincando. Ele tirou a mão rápido, mas ela me olhou com o olhar de reprovação e eu fiquei com muito medo. Hoje, eu sei que minha mãe não sabia. Nós conversamos sobre algumas coisas, mas eu não contei *pra* ela. Eu nunca tive coragem de contar pra ela, mas eu pude perceber que ela não sabia de nada.

Como eu não tinha perguntado antes, encontrei o momento de indagar Dezembro se ela tinha noção de quanto tempo havia durado aquele abuso. E ela respondeu:

— Meus pais se separaram, eu ia fazer dez anos de idade. Mas a única referência que eu tenho foi essa viagem (*Rondônia*), porque dentro do ônibus, ele (*meu pai*) passava a mão em mim. É o que eu lembro. Mas eu acho que hoje, eu *tô* muito mais preocupada em proteger a minha filha. *Aí, me dói*; é inaceitável para mim saber que eu não posso proteger ela. Porque existe uma Cultura do Estupro, que tá muito mais dentro de casa do que na rua.

Após ouvi-la, eu disse: “eu acho que é isso”. Finalizei um pouco sem jeito e toquei as costas de Dezembro. Ela tinha uma filha linda, educada e cheia de vida. Estava criando aquela garota para ser tudo que uma mulher precisava nos dias de hoje e eu, estava orgulhoso dela.

— Obrigado”. Disse eu, ao que ela respondeu: “ — eu quem agradeço.

Dezembro sorriu e eu a acompanhei até o lado de fora da faculdade. Naquele momento, eu percebi que as pessoas que sofriam abuso tinham muito o que falar e que falar ajudava. Ninguém era obrigado a carregar todo aquele peso sozinho e nós estávamos dispostos a dividir tal peso com quem nos confiasse. Minha amiga tinha ficado lá dentro pensando e analisando tudo o que tinha ouvido, enquanto eu ficava ali, olhando Dezembro partir com toda a sua alegria.

Dezembro sempre seria feliz e cheia de comemorações. Jamais lhe faltariam motivos para sorrir ou presentes a serem entregues. Dezembro tinha vida, assim como as luzes e os enfeites que coroavam as fachadas dos prédios. Esperei um minuto para que a minha

amiga me alcançasse. Ela pousou os dedos sobre o meu ombro e me disse, em um sorriso.

*“Dezembro quando chega com seus ares de verão
Cê vai saber de quem eu sou, de quem eu sou
E não precisarei fingir...
Será que ainda preciso fingir que sou feliz?”⁴*

³Trecho da canção “Dezembro” do grupo Reação em Cadeia. Composição: Jonathan Correa. Parte do álbum “Enfim Dezembro” - quarto álbum de estúdio da banda, lançado em 2011.

JANEIRO



O mês de janeiro já começa com aquele peso na consciência que vem logo após os exageros das festas de final de ano, além da quantidade de contas a se pagar. Isso tudo pode dar a impressão de que não há como iniciar planos, projetos e promessas feitos na virada, que não há o que comemorar. Mas não é bem assim. As primeiras horas de janeiro são dedicadas à Paz.

Ao contrário de Janeiro*, um amigo de longa data, inquieto e agitado, que se lembro bem, são quase 15 anos de amizade. Crescemos juntos; acompanhei sua vida, vi ele se descobrir sexualmente e os relacionamentos abusivos que tinha vivido. Esses detalhes me fizeram lembrar de sua história e do quanto Janeiro poderia agregar ao nosso livro. Esperei anoitecer, pois sabia que ele estaria na faculdade, sozinho e resolvi ligar para propor sua participação. Expliquei o projeto e, apesar de ele ter relutado um pouco, acabou aceitando. Combinei, imediatamente, para a próxima semana. Para não complicar e eu não correr o risco de fazê-lo desistir, já combinei o local. Eu iria até ele, até a Faculdade de Medicina da UFMG.

Por estar atolado de afazeres, não tive muito tempo de pensar na entrevista, não em sua estruturação e no que perguntar, mas em como me sentiria em entrevistar alguém tão próximo, que sofreu algo tão doloroso. Quando chegou o dia, próximo do horário combinado, senti um frio na barriga. Nada parecido com algo que já havia sentido. Respirei fundo, entrei no ônibus e segui para o encontro.

ram quase 17h, o dia estava claro, com o céu azul e uma temperatura agradável, apesar de já estarmos no verão. O ônibus passava pelo movimentado Centro de Belo Horizonte, para depois entrar na chamada 'área hospitalar'. Trata-se de uma região próxima ao centro; portanto, não era um lugar tão calmo. Mas tinha muitas árvores e verde, o que trazia certa paz para quem passava por lá. Quando o ônibus entrou na avenida principal, além do verde predominante no

*Nome fictício.

canteiro central, de um lado, tínhamos escolas com estruturas antigas e do outro Hospitais e a famosa Escola de Medicina da UFMG, meu local de parada. Desci do coletivo, bem na porta do campus, entrei e já fui, imediatamente, ligando para Janeiro. Ele já me esperava em uma área comum, em uma mesinha de concreto, por onde os alunos passavam o tempo ocioso.

Assim que Janeiro me viu, pude ver em sua expressão a tensão que sentia. Cumprimentamo-nos e pude ter certeza, pelo sorriso amarelo, que o nervosismo predominava nele. Antes de começar, ele pegou seu cigarro de palha, eu, o meu e aproveitei para já colocar o celular para gravar.

— Que bom que você aceitou, Janeiro ou; que bom que consegui te convencer. — Dei uma risada para tentar fazê-lo relaxar um pouco. Mas não sei se obtive muito sucesso.

— Vamos lá então, né?! Acabar logo com isso. — Ele riu de volta. Acho que foi uma risada de amizade, para não me deixar sem graça com o comentário feito por ele. Para não prolongar demais e Janeiro desistir, tratei de obedecer e começar rapidamente.

Depois de algumas conversas com outros entrevistados, não tinha como não começar com a pergunta inicial clichê:

— Me conta como foi o primeiro caso. — Não adiantava, toda vez que perguntava, um nó se formava em minha garganta.

Janeiro olhando para os lados, com medo de as pessoas ouvirem nossa conversa, começou quase que sussurrando.

— Quando eu me descobri mesmo, eu tinha mais ou menos uns 8/9 anos. Foi com um vizinho meu. Ele tinha essa idade também e era da minha sala, inclusive. A gente era criança, estava brincando e acabou rolando alguma coisa. Tipo assim, eu peguei no pênis dele, ele pegou no meu, eu botei a boca no dele, ele botou a boca no meu... Aí foi só isso que aconteceu. Só que daí um outro vizinho descobriu, na verdade, viu a gente na varanda, foi bem inocente mesmo. A gente estava na varanda, um lugar aberto assim: ele chegou, olhou pela janela e viu. Logo contou para minha mãe e foi a primeira per-

cepção que ela teve disso, que eu era assim... Mesmo assim ela não conversou comigo sobre isso, pelo contrário, ela me bateu. Bastante, inclusive. Acho que pai nem ficou sabendo disso. Depois que passou, ficou amortizado. E foi ali que me entendi homossexual. — Janeiro gaguejava demais, não sei se por nervosismo ou pelo fato de estar fumando e pausando sua fala entre os tragos que dava no cigarro.

Eu, assentindo positivo com a cabeça, como sinal de quem acompanhava o que ele dizia, também dei um trago no meu, como se aquela fumaça que entrava em meu pulmão pudesse organizar as ideias em minha mente. E continuei:

— Me conta como foi o primeiro contato com alguém mais velho, o primeiro abuso. — Conhecia Janeiro bem demais; a cada pedido que ele contasse uma parte de sua história, era um gelo no estômago que eu sentia. Podia sentir pela minha voz que eu estava nervoso.

— É... eu tinha acabado de mudar para o interior e minha irmã arrumou um namorado. Ambos tinham 17 anos e, nessa época, eu tinha mais ou menos 10. Ele frequentava bastante lá em casa, o relacionamento dos dois ficou bem sério. Eu o achava um menino muito bonito, eu já me entendia gay, mas eu não tive contato com homem depois do episódio com meu vizinho. Mas para mim, visivelmente, ele não era gay. O que a gente fazia junto era jogar videogame, que ficava no meu quarto. E quando a gente estava jogando videogame, depois que a gente teve certa intimidade, aconteceu o primeiro toque. E fui eu que tentei a primeira aproximação. Ele deu “meio” que um choque assim, ele olhou para mim, olhou para a cena que estava acontecendo, eu tentando encostar no pênis dele por curiosidade e... Ele deixou. — Quando Janeiro terminou a frase, sua voz saiu até mais leve, como se tivesse desabafado, vomitado todas aquelas palavras e estava bem melhor agora. E continuou:

— Aí eu vi que ele tinha ficado excitado. Mas eu nem me lembro se eu também ficava. Na verdade, eu acho que não. Não ficava. Eu ficava muito tenso, na verdade. Aí ele deixava e a gente ficava só nessa. Que eu me lembre, ele nunca gozou. Nunca vi ele gozar. Eu

ficava masturbando ele e, por um curto período de tempo...

Eu interrompi Janeiro sem nem perceber.

— Na primeira vez já rolou isso?! — minha voz não escondia a ansiedade.

— Nessa primeira vez, na verdade, eu não consigo te afirmar com certeza. Mas eu me lembro que, algumas vezes, era só por cima da calça e eu não chegava nem a botar a mão lá dentro. Era tudo uma evolução. A cada dia a gente evoluía um pouquinho mais. Tanto que ele ficou muito assustado nessa primeira vez e eu também. Aí ficamos um tempão sem fazer nada, sem nem conversar direito. Até que um dia, ele voltou no meu quarto para gente poder jogar videogame, foi aí eu vi que ele estava querendo e eu também queria. Continuamos no mesmo esquema, só na masturbação mesmo. — Janeiro não parava de olhar para os lados, percebendo cada aluno que passava por nós e com o medo estampado no rosto, em ser reconhecido pelo relato que contava. Então, decidi puxar mais, interagir mais:

— Quando ele voltou, ele tomou a iniciativa? — Queria que ele continuasse de onde havia parado.

— Não, ele nunca tomava iniciativa. Ele só sentava do meu lado, esperando eu fazer alguma coisa. E engraçado, tinha um sinal, uma coisa bem idiota, sabe?! Tipo, a manete do videogame ficava bem próxima do colo, em cima do colo da pessoa e era um jogo de luta... Alguma coisa assim. Aí, ele pediu que eu ficasse apertando os botões, uma das teclas da manete, no colo dele. Tudo isso enquanto ele apertava outra tecla. Como se fosse para continuar dando os golpes melhor e tal. Isso era o máximo que ele fazia. Eu que ficava por conta do resto. — Ele terminou de contar com a voz em tom reflexivo e sua expressão acompanhou seu pensamento.

Eu, percebendo esse gesto de Janeiro, decidi perguntar algo importante, mas que iria fazê-lo pensar mais ou me dar a certeza que ele já havia chegado em uma conclusão sobre o que havia acabado de contar.

— E você não via isso como uma atitude abusiva, uma forma de abuso? — Janeiro, sem pestanejar, me respondeu logo em seguida.

— Não, de forma nenhuma. Eu não via isso como uma atitude abusiva de forma nenhuma. Inclusive eu gostava. — Janeiro falou em tom forte, como se fosse a única certeza que tinha na vida. Eu apenas continuei.

— E esse caso durou por quanto tempo? — Perguntei rápido, como se quisesse esquecer a sua última resposta.

— Com o namorado da minha irmã durou mais de 1 ano. E ficou só nisso. Eu nunca fiz sexo oral, ele nunca me tocou. Só eu que tocava nele. Em uma das últimas vezes, ele tinha pedido para eu sentar no colo dele. E ele falou com essas palavras: ‘Senta no meu colo’. Mas eu não senti também, eu nem sabia para que eu ia sentar no colo dele. — Janeiro pareceu perder o fôlego, mas não deu nem uma pausa para respirar, continuou falando.

— Aí teve uma das vezes que minha irmã acabou descobrindo e tal. Ela ficou com raiva de mim e ficou a favor dele. Mas ela acabou reatando com ele; inclusive, eles tiveram uma filha. Minha sobrinha já está velha já. Minha irmã engravidou dele durante esse caso nosso que aconteceu. Ele fazia minha irmã dormir e ia lá para o meu quarto. — Janeiro fixou o olhar no cigarro que estava em sua mão, como se analisasse o que acabou de falar.

Para que ele não pensasse demais, eu me forcei a voltar para realidade, pois, naquele momento, meus pensamentos voavam tanto quanto os de Janeiro. E já fui perguntando o que veio depois:

— E como foi o segundo caso? Você mencionou uma vez que teve um cara bem mais velho.

— Então... nesse meio tempo, a gente morava do lado de uma mercearia pequenininha. O dono da mercearia era bem mais velho, tinha uns 45 anos, já tinha cabelo branco, era casado e tudo mais. Eu estava nessa mesma faixa de idade, em torno de 10 a 11 anos, não passava disso. Eu ia comprar bala e tal, aí ele me levava lá para os fundos e pedia para eu fazer sexo oral nele; eu fazia. Fiz isso algumas vezes. Isso aconteceu ao mesmo tempo do namorado da minha irmã. Foi simultâneo. Aí teve uma vez que ele sugeriu de me buscar de

bicicleta em algum lugar à noite, para me levar não sei aonde, não lembro, para poder fazer outras coisas comigo. Só que esse dia nunca aconteceu. Eu não tive coragem. Eu fiquei com medo. — Janeiro resolveu respirar depois de soltar tudo de uma vez só.

Para deixá-lo respirar um pouco mais, joguei uma pergunta que, talvez, o ajudasse a se recompor.

— Como foi a abordagem dele?

— A abordagem dele... eu não sei por que, às vezes ele percebia que eu era gay. Ele teve bastante receio na primeira vez, mas depois que eu dei a entender que eu era mesmo, ele já foi direto e falou o que queria: se eu podia ir lá atrás com ele, onde ficava o depósito da lojinha. Ele tinha filhos; inclusive, um filho dele trabalhava lá, a mulher dele ficava lá de vez em quando. Mas eu acabei indo. Esse caso ninguém descobriu, até porque, se alguém tivesse descoberto, ele estaria até preso, né?! — Janeiro fez uma expressão como se tivesse falado algo não tão óbvio, mas que ele tinha que falar e continuou:

— Mas como ninguém descobriu, então ficou por isso mesmo. Ele nem era atraente, eu só estava numa fase que eu estava bem curioso com relação a tudo. Já que com meu cunhado não acontecia nada direito, com ele, eu pensei que poderia acontecer algo mais, com mais privacidade. Mas eu também não me sentia muito feliz ali não. — Janeiro concluiu como se aquilo não te afetasse, o que até poderia acreditar que não afetou mesmo. Se eu não o conhecesse tão bem...

Resolvi seguir, deixar um pouco nossa amizade e intimidade de lado, sem perder o foco. Estava bem difícil não me envolver emocionalmente com o que ele me contava, mas permaneci forte.

— E quando foi seu primeiro namoro? — Cuspi as palavras e logo, acendi meu cigarro para que ele não percebesse qualquer reação minha.

— Meu primeiro namorado eu tinha, mais ou menos, 16 anos. Depois desses dois casos, eu fiquei um bom tempo sem fazer nada com ninguém. Praticamente nada mesmo. Tiveram pequenos episódios

dios, mas com pessoas da minha idade. E o *Roberto** foi quando eu mudei de cidade de novo, por um curto período de tempo. Eu tinha 13 anos, o conheci em um carnaval de rua. Eu estava com a minha irmã. Ele olhou pra mim, eu olhei para ele, eu gostei dele, ele gostou de mim, aí ele me deu um sinal e eu fui atrás dele. Dei um perdido e fui. Ele se apresentou... tinha 24 anos na época, eu lembro que ele era quase 10 anos mais velho que eu. Eu achava ele muito bonito. Acho que ele foi a primeira pessoa gay que eu tive contato. Ele me contou que era e tal e, naquela época, as pessoas não se assumiam mesmo. Eram poucas as pessoas que assumiam. E todo mundo que você conhecia que era gay, tinha aquele estereótipo de gay, entendeu?! E ele não tinha esse estereótipo, o que acabou me fazendo ficar atraído por ele. — Janeiro foi falando como se estivesse revivendo. O tom de nostalgia era perceptível em sua voz.

— Trocamos telefones e tal e eu queria ver ele de novo. Só que foi virando uma bola de neve isso, porque eu tinha que mentir para minha irmã. Eu falava que eu estava saindo com uma namoradinha da minha escola. E isso durou, mais ou menos, uns três meses. A gente saía toda noite. Eu saía do trabalho, porque eu estudava e trabalhava à noite com a minha irmã num comércio. Quando o comércio fechava, eu ia encontrá-lo. A gente não fazia nada demais, a gente nunca fez sexo nem nada assim. — O tom de voz de Janeiro foi diminuindo, como se estivesse se justificando para alguém, como se estivesse, realmente, se explicando.

— A gente saía pra passear, a gente beijava, dava a mão, abraçava. Ele me dava presentes, mas nada de valor, dava, tipo, um chocolate. E mesmo ele sendo mais velho, ele não forçava nada. Nunca forçou. Ele fazia o que eu queria fazer ou ele sugeria alguma coisa. Se eu quisesse fazer, eu faria. Inclusive foi ele que me ensinou a fumar. Eu não fumava, via ele fumando e acabava tentando aprender a fumar

*Nome fictício.

com ele. — Janeiro olhou para o cigarro e deu uma leve risada. Risa-da essa que me pareceu uma lembrança boa no meio de tantas ruínas.

Eu sorri junto, como se tivesse visto a cena acontecer na minha frente. Deixei minha imaginação fluir junto com sua história. Era um momento leve, tranquilo. Ele olhou para mim sorrindo e voltou à expressão de sempre. Parecia ter se lembrado do que viria a seguir e continuou:

— Aí era isso. Até que um dia, minha irmã resolveu me seguir para ver se meu caso era verdade. Ela me seguiu durante todo o encontro. Deixou a gente fazer tudo o que a gente, habitualmente, fazia. No finalzinho, quando a gente estava se despedindo, ela surgiu — tipo do nada — e começou a gritar comigo. Eu só virei para ele e falei assim: ‘Corre, pode correr.’ Porque eu sabia, no fundo da minha cabeça, que aquilo era sério mesmo. Eu era muito novo e ele era bem mais velho. Aí, ele olhou no fundo do meu olho e perguntou se eu tinha certeza, se eu não queria que ele ficasse. Eu só falei: ‘não’; e mandei ele ir. Eu sabia que o negócio não ia ficar bom e tive razão. Minha irmã chamou a polícia e a polícia veio na hora. Eu até tentei sair correndo, mas a polícia correu atrás de mim e me botou no carro. Os dois policiais que me abordaram, me levaram de volta para casa e, do carro, ficaram me humilhando, falando coisas em relação a gays. Falando que eu não devia fazer isso, que ‘bicha’ morre, que não sei o que... na época era meio pesado, sabe?! Bem diferente de hoje em dia. Era bem tenso. — Janeiro franziu a testa, juntando as sobrancelhas, como quem fica confuso em acreditar que, antigamente, era pior que hoje.

Mas imediatamente ele voltou à realidade, balançou a cabeça, respirou fundo e continuou:

— Eu contei para minha irmã, mas para ela, foi a mesma coisa de não ter acontecido nada. Com se o policial, para ela, estivesse certo. E por causa desse evento, a gente voltou para nossa cidade do interior, no dia seguinte. Eu nunca mais tive notícia dele. Na época, eu não tinha celular, eu ligava para ele do orelhão. Eu dava

um toque e ele me retornava no orelhão, porque ele tinha celular. Eu sabia seu número de cor. Mas parece que eu sofri um choque muito grande esse dia e apaguei o telefone dele da minha cabeça. Nunca mais me lembrei. Inclusive, eu não sei dele até hoje, eu nunca mais ouvi falar, não sei nem se ele está vivo... — Janeiro deixou no ar sua própria frase, como se, no ar, ele encontrasse a resposta para o que estava se perguntando.

Fiquei curioso em saber como era sua relação com a irmã, já que Janeiro contou dois casos tão delicados com ela. Perguntei na esperança de ter uma resposta positiva, de amizade, de irmandade mesmo.

— E a reação da sua irmã: você acha que foi por preocupação com você e pela idade que você tinha ou foi com a sexualidade? A reação dela foi de proteção? — Perguntei tão rápido que fiquei com medo de Janeiro não ter entendido.

— Naquela época, a minha irmã chegou a falar que era errado em relação à idade e também à sexualidade. Mais em relação à sexualidade. Até porque, ela havia acabado de passar por um episódio comigo e com o namorado dela. E aconteceu aquilo de novo, parece que voltou tudo para ela com o namorado. Na época do namorado, ela não tinha preocupação com a idade, era mais ciúme. Ela nunca conversou comigo, nem naquela época, nem até hoje. Nunca conversamos sobre isso ou sobre os dois casos. Depois disso, voltamos para o interior e por lá ficamos — Janeiro já retomou a história como se não tivesse mais nada para falar sobre a irmã. Como se estivesse colocando um ponto final naquele assunto.

Eu, entendendo sua posição de não querer falar mais sobre aquilo, continuei de onde paramos, seguindo da forma como ele queria.

— E quando você tinha 16 anos, você voltou a namorar, né?! — Falei tranquilamente. Talvez assim Janeiro se tranquilizasse também.

— Esse primeiro namorado que eu tive, aos 13 anos, eu não considero meu namorado, porque a gente ficou junto três meses. Para mim, foi um namoro, mas nem tinha essa palavra ‘namoro’, sabe?! A gente não falava isso. Mas aí eu tive meu primeiro namorado, o que

eu considero namorado mesmo, com meus 16 anos. Eu tinha tido ido a um show, exposição, lá no interior... nesse show eu já bebia, já tinha muitos amigos. A gente acabou conhecendo ele e um amigo dele. E eu fiquei encantado com ele. Também, eu já era maiorzinho e tal, eu não tinha feito nada de sexo até então, não tinha feito nada de sexo mesmo. Eu era virgem. Ele também era gay; foi a segunda pessoa gay com quem eu me relacionei. Ficamos encantados um com o outro. A gente começou a se ver sempre. A gente se via todo final de semana e era uma dificuldade, porque minha mãe ainda não sabia, né?! Na verdade, eu pulei uma parte, porque... — Janeiro parou de falar, olhou para cima e deu mais um trago no seu cigarro, como se estivesse tentando organizar a história na sua cabeça. E continuou:

— Minha mãe já sabia quando eu tinha 16 anos, porque minha irmã me subornou bastante tempo com esse caso que aconteceu aos 13 anos. Com esse namoradinho que eu arrumei lá e que ela me seguiu, ela me subornava para eu fazer as coisas para ela. Quer dizer, subornava não, não é essa a palavra. Ela me ameaçava; na verdade, chantageava. Ela me chantageava para fazer as coisas para ela, senão, ela contaria pra minha mãe. Até que um dia eu cansei disso e ela, realmente, contou para a minha mãe. Então, minha mãe sabia, nitidamente, o que eu era. Ela até me perguntou - 'É isso mesmo que você é?' - e eu respondi: 'É isso mesmo que eu sou'. Ela ficou três dias sem conversar comigo e depois voltou ao normal, mas não falou mais nada sobre o assunto.

Quando Janeiro terminou, eu estava digerindo a parte em que a irmã o chantageava. Talvez eu ainda tivesse uma pontinha de esperança de ela ajudar Janeiro a passar por essa fase, pelo menos era o que eu esperava de uma irmã. Mas errei. Respirei fundo e pedi que ele continuasse para não perder o ritmo.

— Então esse namorado que você teve aos 16 anos frequentava sua casa?! — Perguntei já sabendo da resposta, mas não consegui pensar em nada rápido para que ele continuasse.

— Então... Não. Eu comecei a ter esse relacionamento com ele,

tentei falar dele lá em casa, porque eu vi que eu estava apaixonado. Tentei colocar o assunto sobre ele lá dentro da minha casa, entre minha mãe e a minha irmã, mas era muito difícil de elas aceitarem. Elas começaram a ver que eu não ia deixar de estar com ele, de ser gay mesmo em si. Mesmo elas achando errado, entendeu?! Elas foram vendo que estavam me perdendo aos poucos. Eu ficava mais fora de casa do que dentro. Tinha muito problema pessoal, muito problema na escola... Até que um belo dia, minha irmã viajou e mudou de país. — Janeiro mudou sem tom de voz nesse momento, mostrando certo alívio em dizer aquelas palavras.

Eu, sem conseguir esconder meu alívio também, tentei disfarçar o sorriso que brotava em meus lábios e perguntei, ansiosamente:

— Então, depois que sua irmã mudou, tudo melhorou, né?! — Terminei a pergunta com uma pontada de arrependimento. Acho que estava sendo otimista demais.

— Quando era só a minha mãe, era mais fácil de lidar. Com minha mãe eu já consegui encaixar ele, não dentro de casa almoçando com a gente; até porque, eu com 16 anos e ele com 24, não dava, mas ela aceitava eu sair com ele. — Janeiro estava mais tranquilo. Já não olhava mais com tanta frequência para seu entorno, nem se preocupava tanto com os outros alunos passando.

Mas eu não tive como manter sua tranquilidade, porque precisava perguntar mais coisas e eu sabia que essas coisas trariam sua tensão de volta. Respirei fundo, tomei coragem e perguntei:

— E como foi a sua primeira vez? Foi com esse seu namorado, né?! Lembro-me de você contar que ele chegou a forçar algo.

— Quando eu fiz 18 anos, a gente se mudou junto para outra cidade, fora de Minas Gerais. Eu tinha aquela necessidade, a gente queria começar uma vida nova. Eu estava com a cabeça de um adolescente, recém-adulto, que queria trabalhar, ter minhas coisas e tal. E casar, eu sempre quis casar. Achei o marido e vou me casar com ele. Alugamos uma casa, arrumei um trabalho, mas, até então, a gente nunca tinha feito sexo, porque, sempre que eu tentava alguma

coisa, eu não queria fazer, era uma coisa que era dolorida para mim. Eu não sentia vontade também. Até que um dia gente estava em um lugar desconhecido, que não era minha cidade, estava com outras pessoas, aí a gente foi ter relação. Eu achava que seria o trivial, o de sempre. Só que ele tentou, tentou não, ele impôs o sexo anal. Como se fosse uma questão de vida ou morte. Tinha que ser naquele dia, se não fosse, não sei o que iria acontecer. E eu fiquei com medo de ter jogado tudo fora, pela janela, por causa de sexo... — Janeiro falou, lentamente, como se não tivesse coragem de dizer, como se precisasse de coragem para contar aquilo.

— E eu vou perder tudo. Se eu não quiser fazer, ele vai terminar comigo, eu vou ter que voltar pra trás e tudo. Já pensei um monte de coisa na hora, assim. — Foi quando interrompi Janeiro quase que de supetão.

— Pressão psicológica, né?! — Perguntei quase que afirmando.

— Isso, foi uma pressão psicológica e eu acabei aceitando, cedendo e, realmente, foi muito ruim. Doeu pra caramba. Eu não achei que era necessário fazer aquilo naquele momento. Eu gostava de fazer outras coisas, aquilo não. Na verdade, antes de começar o ato em si, eu tinha concordado, né?! Ele tinha falado e tal e eu tinha concordado na minha cabeça. Eu não pedi ele para parar, entendeu?! Foi doído, mas eu consegui. Deu certo, no fim das contas deu certo. — Janeiro falou com um alívio na voz; aquelas palavras saíram como se ele tivesse vencido, como forma de vitória. E continuou:

— Esse relacionamento durou por dois anos. A gente morou junto, mais ou menos um ano. Namoramos um ano e moramos juntos um ano. Depois a gente separou, porque ele tinha muito problema psicológico. Inclusive ele era bem doído. Depois que eu descobri isso, que ele era bem doído, a gente terminou. Aí eu já tinha 20 anos. — Comecei a refletir o que havia acabado de escutar e quis saber mais sobre seu relacionamento com alguém tão abusivo assim.

— Foi um relacionamento abusivo?! Ele te batia ou algo do tipo?

— Perguntei levemente nervoso, como se não quisesse aceitar os fatos.

— Foi, foi um relacionamento abusivo. Ele me batia, ele me enforcava, ele já tentou suicídio do meu lado. Eu acordei uma vez e ele estava com o fio do carregador enrolado no pescoço, na beira da cama, todo roxo. Nunca vou esquecer essa cena em toda a minha vida. Eu achei que ele tinha morrido. Ele tinha pulso ainda, mas ele estava realmente inchado. Com a cabeça inchada de sangue, estava roxo. E foi aí que eu percebi que eu tinha que sair fora dele, que era um relacionamento que não ia dar certo, pra mim pelo menos. — Janeiro quase engasgou com suas próprias palavras e já abaixou a cabeça, direcionando seu olhar para a mesa.

Eu, naquele momento, não sabia o que falar. Senti que qualquer coisa que falasse soaria tolo, mas engoli seco e continuei.

— Além desses casos, houve outro? Algum outro que você considere abusivo? — Perguntei quase que sussurrando, como se não quisesse fazer mais perguntas; e eu, realmente, não queria. Janeiro respondeu, imediatamente.

— Teve um abuso que foi bem pesado. Foi uma fase da minha vida em que eu morei com meu pai e com meu tio. Meu pai era alcoólatra. Ele já morreu. — Janeiro já falou da morte do pai olhando nos meus olhos. Um olhar diferente, de quem não guarda ressentimento, mas ainda tem dor. E continuou:

— Ele era alcoólatra, aí, morávamos só nós três. Os dois eram muito mulherengos e sem vergonha. Eles tinham muita relação com garota de programa e levavam elas o tempo todo lá pra casa, onde a gente morava. Aí um dia, eles levaram uma garota de programa para mim. Eu tinha uns 14 anos, estava na sexta série, mais ou menos. A garota de programa que eles levaram devia ter minha idade. Ela não tinha nem pelos. Não porque ela se depilava, nem nada; ela não tinha pelo no corpo porque era nova demais. Talvez até mais nova do que eu. Então, ele trancou a gente no quarto e falou que eu só sairia de lá quando fizesse o que tinha que fazer. Eu sabia que ele queria dizer sexo em si. Até tentei, inclusive e ela foi muito boazinha comigo. Só que a coisa não funcionou, eu não consegui ficar excitado. En-

tão, acabamos conversando. Eu expliquei pra ela que eu era gay. Ela até falou que estava tudo bem, que se eu não quisesse falar que não aconteceu nada, ela também não falaria e que a gente podia fazer barulho de sexo para fingir para eles que a gente fez. Aí eu falei ‘ótimo então’; e foi o que fizemos. A gente fez barulho de sexo por um tempo. Depois, a gente pegou um caderno e fomos colorir. Tadinha; ela coloriu pelada. — Janeiro permanecia com seu olhar sereno, apesar de a tristeza ainda ser aparente.

Nesse momento eu não consegui não desviar o olhar de Janeiro e imaginar a cena. Não conseguia acreditar na cena que Janeiro passou, nem como ele lidou com isso esse tempo todo. E a menina? Como ser tão espontânea a ponto de colorir pelada sem se preocupar? Talvez pelo costume da ‘profissão’ ou pela ingenuidade da idade. Janeiro percebeu que eu estava em outro planeta e, para chamar minha atenção, antes de continuar sua história, resolveu pedir o isqueiro.

— Me empresta o isqueiro? Acho que o meu acabou. — Janeiro deu uma leve risada, uma risada amigável. Eu voltei à realidade e entreguei o isqueiro a ele. Janeiro, vendo que eu estava prestando atenção novamente, continuou:

— Eu não vou esquecer dessa cena. Nunca. Ainda essa noite, parece que meu pai percebeu que era mentira e tudo, porque ele sabia... no fundo, os pais sabem, né?! Ele bebeu bastante nesse dia. Aí, quando eu já estava dormindo, era de madrugada, ele chegou bêbado. Eu não sei onde meu tio estava, se estava em algum puteiro, porque ele também não era lá essas coisas. Então, meu pai chegou, abriu a porta do meu quarto, abriu a porta não, né?! Porque era uma lona que ficava no lugar da porta, pois a gente morava em um prédio em construção. Ele abriu a lona do meu quarto, abaixou a calça, tirou o pênis para fora, balançou e disse: ‘É isso aqui que você gosta?’. — Janeiro fez os gestos que, possivelmente, seu pai teria feito. Sua expressão já era de raiva. Não sei se estava mostrando como deveria ser a expressão do seu pai no dia ou se ele estava, realmente, com raiva. Mas não deu tempo nem de interagir, Janeiro já foi falando:

— Nisso, eu estava dormindo. E ele continuava falando: ‘Tira a calça aí que eu vou te comer.’. Eu, obviamente, não tirei a calça. Lembro de ter levantado da cama e ter ficado muito assustado mesmo, porque isso aí pra mim foi meio punk, sabe?! Pesado demais. Levantei da cama e falei para ele que ele estava doido, que não sei o que, que ia contar para minha mãe e tal, e tal, e tal. Daí para frente, não lembro direito o que aconteceu. Não lembro mesmo. Eu sei que o fato em si não aconteceu, porque eu não lembro. Aí, depois dessa cena eu apaguei, apaguei da minha cabeça, não apaguei de dormir, só não lembro o que aconteceu. Eu não me lembro como ele saiu do meu quarto ou o que eu tive que fazer pra ele sair. Foi isso, esse foi o mais pesado de todos. — Janeiro parecia ter voltado à expressão inicial.

Eu, mais uma vez, ainda processando todas as informações que ele havia acabado de dar, fiquei mais uma vez surpreso como um familiar, nesse caso, um pai, poderia fazer algo assim com o filho e ainda tão novo. E fui perguntar o pós dessa cena lamentável, pelo menos para mim.

— E como foi o dia seguinte? Ele falou sobre o que ele havia feito? Ele admitiu o que fez? — Enchi Janeiro de pergunta, tentando entender como as coisas aconteceram.

— No dia seguinte, como ele estava bêbado, ele tinha aquela famosa amnésia de álcool. Ou dizia ele que tinha essa amnésia. Não dá para saber quando a pessoa tem amnésia ou não de álcool. Na verdade, ele não falou nada. Ele, simplesmente, fingiu que não se lembrava. E nunca mais falamos disso. Ninguém sabe dessa história, ninguém.. ninguém.. ninguém.. ninguém, sabe?! — Janeiro repetiu tantas vezes, que percebi que ele estava era me passando um recado para que eu também não contasse a ninguém. Eu assenti com a cabeça e ele continuou:

— Depois disso, ainda morei com ele, praticamente, um ano. Na verdade, morei dois anos com ele. Acho que para ele também deve ter sido pesado, porque ele não tentou mais. Não fez nada, não deu a entender nada mais. Foi só esse episódio em particular. Mas se eu

tivesse cedido, tinha acontecido. Eu acho que eu não ia me perdoar se tivesse acontecido alguma coisa. Nossa, eu acho que eu ia me sentir muito mal depois, muito, muito mal mesmo. — Janeiro finalizou e eu só pensava que quem tinha que se sentir mal era o pai, não ele.

Vendo que Janeiro já estava com uma expressão exausta, depois de contar tantos casos, eu resolvi finalizar. Não somente finalizar, mas agradecer antes de dar tchau. Resolvi falar o que percebi, além de uma última pergunta.

— Eu percebi que, nos dois primeiros casos, seu cunhado e o cara da mercearia, você não viu como abuso; você viu como descoberta da sua sexualidade. Você acha que não viu a falta de limite ou noção de espaço e privacidade por ser homem? — Perguntei, já na intenção de fazê-lo refletir antes de me responder. E consegui. Ele ficou alguns segundos calado antes de me responder.

— Vou ter que te responder que foi machismo. Mesmo porque eu não tenho certeza, eu não achava errado, eu não tinha percepção de que aquilo era errado. Tanto que ninguém havia me falado que era errado. Eu não via aquilo na escola e meus amigos, minhas amigas da escola nunca tinham falado sobre aquilo, que era errado. Então eu achava que era eu. Que aquilo acontecia só comigo; que ninguém mais passava por tal situação. Na época que aconteciam esses episódios, eu não conversava com ninguém sobre isso. Ninguém sabia de nada. — Janeiro olhou para baixo. Senti então que não deveria perguntar mais nada; ele já estava, visivelmente, cansado. Já tinha parado de fumar e só brincava com o cigarro na mão. Então, resolvi encerrar a conversa e agradecê-lo por tamanha disposição.

— Janeiro, não sei como te agradecer. É uma história de vida pesada demais para alguém tão novo, apesar de eu saber o tamanho da sua força. Mil vezes obrigada. — Já levantei, indo abraçá-lo. Ele me retribuiu com um abraço caloroso e um sorriso de alívio no rosto. Saí do nosso encontro com a sensação de dever cumprido, assim como o mês de janeiro que se encerrava, em uma data cheia de emotividade, com um sentimento que eu compartilhava juntamente

com o tema do dia: saudade! Saudade do tempo em que eu e Janeiro não tínhamos preocupação, apenas éramos felizes em viver a vida.

*“...a partir de janeiro as coisas mudem
e seja tudo claridade, recompensa,
justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
direitos respeitados, começando
pelo direito augusto de viver.”⁵*

⁵Carlos Drummond de Andrade, Receita de ano novo. Editora Record, Brasil. 2008, 128p.

FEVEREIRO



Entre uma conversa cheia de risadinhas, com uma espontaneidade divertida e uma piada ou outra, Fevereiro* me deu um sorriso um pouco desajeitado. Com o tempo, entendi que a Cultura do Estupro estava realmente enraizada na nossa sociedade e que todas as pessoas tinham algo a contar, mesmo que parecesse algo bobo. Mas no final, nada era bobo e nenhum abuso era pequeno.

Por baixo dos cabelos ruivos recém-pintados, dos cachos pequenos e das sobranceiras grossas, Fevereiro escondia bem mais do que a sua insegurança galopante. Se alguém prestasse atenção em algo além de seu sorriso irônico ou no humor ácido, entenderia que haviam ali as marcas de um abuso. A diferença era que outras pessoas com quem conversei lidavam com aquilo se fechando para o mundo e os relacionamentos, enquanto Fevereiro lidava com seus traumas de forma simples: era mais fácil não falar sobre o ocorrido ou contar seus traumas em forma de piada.

Fevereiro deixou uma de suas piadas amargarem quando soltou, em uma conversa animada de amigos, que seu primeiro beijo tinha sido forçado por um primo. Para alguns presentes àquela mesa, isso não tinha feito sentido, mas para mim, aquilo explicava bastante coisa.

Não foi uma surpresa para mim e nem para Fevereiro, quando convidei para que participasse da minha “pesquisa”. Quanto mais eu explicava sobre o que estava fazendo, mais via o desconforto pipocando naquele rosto redondo e cheio de pequenas pintas em tons de castanho e negro. Também não houve surpresa quando vi a hesitação em seus olhos muito castanhos. Ela desviou do assunto falando de qualquer coisa que ela tivesse controle, enquanto puxava os cachos ruivos e mordiscava os lábios rachados. O desconforto era tão palpável em Fevereiro que podia senti-lo crescendo, assim como o som oco de seus dedos gordinhos que tamborilavam na mesa, Contudo, depois de uma leve insistência e de uma longa

*Nome fictício.

conversa sobre os quadrinhos que Fevereiro tanto amava, marcamos um encontro em sua casa.

O trânsito estava caótico na cidade naqueles dias e nada daquilo me ajudava a manter a minha cabeça no lugar. Da janela do ônibus lotado, eu podia ver as pessoas desfilando com suas fantasias de carnaval; ouvir o som alto de uma música sertaneja em uma batida eletrônica também estava quase me ensurdecendo. Um anjo pregando suor, uma versão improvisada de Alex DeLarge⁶ e uma garota fantasiada de unicórnio que se balançavam próximos à janela do meu ônibus não me pareciam um bom presságio, mas podia admitir, mesmo que apenas para mim, que andava um pouco ansioso naqueles dias.

Demorei bem mais do que os doze minutos que o meu GPS tinha previsto para que eu chegasse na casa de Fevereiro. Quando entrei pela pequena porta de sua cozinha, me surpreendi com a decoração quase infantil, muito diferente daquele olhar castanho de hesitação de que falei há pouco. Corujas, adesivos, pequenas miniaturas de heróis em metal e diversos livros de ficção faziam parte da decoração multicolorida da pequena kitnet em um bairro tranquilo onde Fevereiro habitava na região Nordeste de Belo Horizonte. Todas as casas ali eram muito familiares, se diferenciando da loucura que era o centro da grande metrópole. Eu quase conseguia me sentir no interior e acreditava que aquele era o motivo para Fevereiro gostar tanto de sua casa, também por ter escolhido aquele local para me dar o seu depoimento.

Tomei um café meio amargo enquanto ouvia Fevereiro dizer que não era muito boa fazendo café, sorri e concordei com um sorriso meio tímido. Aquilo se tornaria uma piada entre nós dois, mas naquele momento, tudo o que pude fazer foi aceitar o café e dar a Fevereiro

⁶Alex é o protagonista, narrador e anti-herói adolescente do romance de Anthony Burgess, *Laranja Mecânica*, e do filme de Stanley Kubrick, *Laranja Mecânica*, no qual ele é interpretado por Malcolm McDowell.

um sorriso encorajador. Do lado de fora da pequena kitnet, o sol castigava. Imaginei, de novo, os foliões que tomavam as ruas da capital com suas fantasias e de como o calor deveria estar afetando-os. Mas dei um sorriso e engoli o café quente meio sem querer.

— Como devemos começar? — Fevereiro resmungou quando eu apertei o REC do gravador. Observei, em silêncio, como Fevereiro respirou fundo e buscou as palavras em meio a toda aquela bagunça de cachos, moletons de super-heróis e, claro, daquelas corujas. Seus dedos gordinhos tamborilavam no braço do sofá e um sorriso desconfortável cortou seus lábios rachados.

— Talvez você possa nos contar como foi o seu primeiro contato com a cultura do estupro? — Comecei.

— Eu sou filha de professora que foi uma mãe solo maravilhosa. Então, comecei a minha vida de forma bem livre. Eu podia brincar com bonecos de ação, ter fantasias de super-herói, ao mesmo tempo em que podia ser uma princesa e uma super espiã. Não posso reclamar de nada na minha infância. Mas a primeira lembrança que tenho de algum abuso foi há muito tempo. Eu tinha doze anos e, na minha cabeça, eu ainda era uma criança. Como era de costume em todos os finais de semana na cidade onde nasci, todos da família se reuniam para almoçar e para colocar a conversa em dia. Sou de uma família muito grande, então sempre estava rodeada por meus primos e primas. Eu ainda tenho uma relação bem próxima com a maioria deles. — Fevereiro começou a contar enquanto bebericava o leite com Nescau de sua xícara do Homem-Aranha.

Sua infantilidade era quase palpável, assim como uma maturidade, que se mostrava tão delicada quanto a porcelana de sua xícara.

— Era a tarde de um domingo e, como sempre, estávamos todos juntos na casa que era da minha avó. Naquela época, eu morava naquela casa com minha mãe, uma tia e três primos que mais eram meus irmãos. Meus primos mais velhos estavam na sala jogando uma partida de *WAR*, enquanto eu, que era a única pré-adolescente presente naquele dia na casa, fiquei no quarto lendo um livro. Tinha

descoberto há pouco tempo que ler livros de fantasia eram uma das coisas mais incríveis da minha vida.

Houve um momento de silêncio enquanto Fevereiro saboreava o gosto amargo daquelas lembranças, e eu quase pude sentir o amargor de suas recordações, mas logo entendi que aquele era o gosto do café horrível que Fevereiro tinha preparado. Vi seus olhos escuros se perdendo em um emaranhado de tristezas e histórias que ela parecia ter reprimido há algum tempo. Não tive coragem de tirá-la daquele devaneio. Mas ela não demorou mais que alguns segundos para continuar a compartilhar a sua história comigo.

— Só que não demorou muito até que um dos meus primos resolvesse ir até o quarto para ver o que eu estava fazendo. Ele era bem mais velho do que eu, tinha algo entre vinte e vinte e cinco anos. Eu ainda estava deitada na minha cama quando ele entrou no quarto e, como nós tínhamos o costume de passar muito tempo juntos, eu não achei estranha aquela aproximação. E eu também jamais pensaria que ele iria tentar algo comigo. Éramos primos e, minha família, sempre adepta daquela velha ideia de que os mais velhos cuidavam dos mais novos e assim por diante — Fevereiro buscou apoio no meu olhar e eu assenti com a cabeça.

Por mais que outras entrevistas já tivessem acontecido, eu não sabia bem o que deveria falar quando as pessoas começavam a se abrir. — Meu primo me perguntou o que eu estava fazendo e eu lhe mostrei o livro. Ele conversou alguma coisa muito aleatória e me perguntou se eu já tinha beijado alguém. Eu, do “alto” dos meus doze anos, disse que não. Ele insistiu e disse que eu tinha cara de quem já tinha beijado muitas pessoas, que eu não enganava ele com a minha falsa carinha de santa. Eu achei que era uma piada e voltei a ler o meu livro. Ele começou um questionamento estranho sobre se eu já tinha beijado alguém, se eu já tinha visto um pau ou se eu era mesmo sapatão como eu aparentava, e a cada vez que ele perguntava, eu ficava mais sem graça.

Mais um minuto longo de silêncio enquanto Fevereiro disfarçava suas inseguranças com um gole longo em sua xícara enfeitada. Enquanto apertava os olhos e buscava coragem para continuar a contar suas histórias de abuso, senti que estava perdendo sua atenção. Os cabelos longos estavam mal presos e os cachos rebeldes fugiam para seu rosto, o que distraía Fevereiro de seu relato. Pigarreei para que Fevereiro percebesse que eu ainda estava ali e recebi um sorriso torto como resposta.

— Como eu estava dizendo, meu primo, não satisfeito com o meu constrangimento, segurou forte na minha nuca e aproximou os meus lábios dos dele, dizendo que ele iria me beijar pra eu saber que um beijo de homem era melhor que qualquer coisa. A sensação da língua dele na minha boca ainda me causa arrepios. Eu passei muito tempo ignorando o fato de que aquele tinha sido o meu primeiro beijo, já que eu tinha escutado toda a minha vida que o meu primeiro beijo tinha que ser especial, com alguém que eu amasse demais. Mas não foi. Meu primo saiu do meu quarto depois de ver a minha cara de pânico e me deixou ali sozinha, com toda a minha vergonha e com o meu medo. — Senti o engasgo na voz de Fevereiro enquanto a história saía dela.

— Por muito tempo, eu quis ignorar aquela lembrança e sempre que eu voltava a pensar no que aconteceu naquele domingo, eu me sentia suja e muito mal. Isso sempre me acompanhou e vai morrer comigo. Hoje, esse meu primo já é casado e sempre que nos encontramos nas festas de família, ele se aproxima de mim como se nada tivesse acontecido. Porque para ele não foi nada, realmente. Mas aquele domingo me ensinou que os homens acreditam ter algum tipo de poder sobre nós e sobre nossos corpos. E que eu, como mulher, teria que conviver com isso pelo resto da minha vida.

— E você não pensou em contar isso para ninguém? — Perguntei sem saber muito bem como continuar aquilo. Conhecia Fevereiro há muito tempo e nunca a havia visto de forma tão vulnerável.

Seus olhos estavam marejados e tinha certeza de que não conseguiria manter o olhar fixo nos meus por mais de cinco segundos. Fevereiro deixou a xícara vazia de lado e pegou o celular entre os dedos. Fingiu estar mandando algumas mensagens apenas para que eu não a perturbasse por alguns instantes. Então, continuou:

— Eu achei que se eu contasse para a minha mãe, ela iria ficar muito brava com ele. Eu já era a prima mais nova, não queria ser a que dedava as coisas que os meus primos mais velhos faziam. Entre a minha paz de espírito e fazer parte do meu bando de primos, eu preferi fazer parte do bando. — Fevereiro me deu um sorriso magoado e depois se levantou, levando a xícara até a pia.

— Você lida bem com isso agora? — Insisti mais um pouco no assunto. — Digo, quando se encontra com esse seu primo?

— Ele seguiu sua vida numa boa. Tem uma família. Ironicamente, tem filhos agora e fico pensando que talvez isso faça com que ele se arrependa do que fez comigo. — Fevereiro sorriu e voltou a se sentar. Estava em um estado de inquietude desesperador.

— Falar sobre isso me fez pensar em outra coisa que aconteceu comigo, quase na mesma época que aconteceu isso com o meu primo. Nessa época, meu corpo estava começando a mudar: eu estava começando a ter peitos e, naquele ano, eu estava fazendo várias coisas. Minha mãe tinha me colocado na natação, em um curso de teatro e também estava fazendo aulas de dança do ventre. Aos doze anos, eu não pensava naquela dança como algo sexual. Muito pelo contrário. Para mim, dançar era só liberdade e amor. E isso era uma das coisas mais legais pra mim naquela época. — Uma pausa longa se instaurou enquanto Fevereiro me servia mais do seu café amargo. Beberiquei um gole sem reclamar. Os talentos culinários de Fevereiro podiam ser bem poucos, mas eu não seria maluco de dizer aquilo ali. Não naquele momento.

— Então, eu comecei a dançar. Logo fiz minha primeira apresentação em um seminário, depois em uma cidade vizinha e depois,

me vi no teatro municipal dançando para uma plateia lotada. Era divertido demais e eu sempre fui uma cria dos palcos. Eu adoro essa sensação de holofotes, de estar diante do público, de saber que eu podia ser quem eu quisesse no palco. Um mal de atriz, sabe como é!

Aquele comentário quase me fez dar uma risada; Fevereiro também riu um pouco, mas logo deu de ombros e caiu mais uma vez naquele estado quase catatônico de revirar suas lembranças mais obscuras. Seu sorriso estava distante...

— E você costumava dançar em apresentações sempre?

— Eu fiz várias apresentações nessa época, até que chegou o dia das crianças. O prefeito da minha cidade, Itabira, convidou a gente para fazer uma apresentação de comemoração na praça, ao ar livre. Eu lembro que fiquei muito empolgada com a ideia de dançar naquele dia e convidei todos os meus amigos da escola e todo mundo da minha família. Eu sempre me empolgava demais quando o assunto eram apresentações assim. — Ouvi a gargalhada alta de Fevereiro e sorri; estava aliviado ao ver o jeito divertido de Fevereiro voltando. Era estranho pensar que alguém com tanto potencial cômico podia esconder tanta angústia.

— No dia da apresentação, eu saí com as minhas amigas do curso de dança e quando chegamos à praça, estava muito lotado. Fomos de van e todas nós já estávamos prontas, com nossos sutiãs enfeitados com várias miçangas coloridas, nossas saias de seda e os cinturões também enfeitados. Eu notei que havia vários homens correndo para a parte de trás do palco apenas para nos ver ali. Uma amiga minha, que já era bem mais velha que eu, pôs a mão no meu ombro e disse pra mim que eu deveria ficar tranquila. Eu era bem mais nova que todas as meninas que participavam da dança e, talvez por isso, eu era como um destaque no grupo.

— E você gostava de toda essa exposição?

— Ah, eu sempre fui dos palcos. A exposição não me importava muito naquele tempo. E eu amava estar ali com todas as luzes e os

aplausos. Essa sempre foi a coisa que eu mais amei na vida. Mas o que, realmente, importa, era que, nessa coreografia, eu costumava ficar para trás e entrava por último. Todas as meninas foram para a concentração e subiram para o palco. Éramos como um arco-íris de miçangas e barulho. Eu me sentei na van pra esperar. Estava com os cabelos soltos e, naquele dia, eu estava muito nervosa pra dançar. A música começou a tocar e tudo o que eu podia ouvir eram os gritos das pessoas. Eu não costumava entender, no auge dos meus doze anos, que os homens viam a dança do ventre como algo muito sexy. Eu acreditava que era apenas uma coisa muito charmosa. — Fevereiro respirou fundo. Àquela altura, ela já estava com as bochechas — brancas como porcelana —, totalmente vermelhas. Eu era incapaz de julgar sua timidez.

— Hoje, eu culpo muito a minha professora de dança. Eu ainda era só uma menina e ela ainda tinha escolhido para mim uma roupa totalmente vermelha. Eu não sabia que uma dança podia provocar alguém e sabia menos ainda que meu corpo, que estava se formando, podia ser o motivo da excitação de alguém. Na hora que a música chegou no momento em que eu estava acostumada a entrar no palco, comecei a caminhar, com esse meu hábito de andar bem distraída; e tudo o que eu senti foi um homem me agarrando pelo braço. Não me lembro muito do rosto dele, mas sei que tinha o formato bem redondo. Ele disse coisas como: que eu era uma *gostosinha*; que eu não deveria provocar os caras daquele jeito e que mesmo sendo muito pequena, eu já aguentava tudo o que ele queria fazer comigo. Talvez alguns homens acreditavam que aquilo era um elogio, mas pra mim, era só um monte de desespero. — Eu conseguia imaginar a pequena Fevereiro em sua roupa de miçangas vermelhas sendo agarrada pelo braço por um homem estranho. E também conseguia imaginar todo o desespero em seus olhos castanhos.

— Ele só me soltou porque uma menina da produção correu na minha direção e me puxou pro outro lado. Mas ainda tive que ouvir

muitos gritos dele. Eu fiquei com o braço vermelho durante toda a minha dança. Mas subi no palco e dei o meu melhor. Conseguia ver a minha mãe e as minhas tias lá embaixo, pulando e torcendo por mim. Só que tudo o que queria naquele momento era chorar e correr. Quando o show acabou, eu agradei e saí correndo pra van. Aquele cara ainda estava lá e quando eu passei, foi mais uma chuva de assobios e gritinhos. — Fevereiro fez silêncio. Apertou os olhos e engoliu seco, voltando a falar:

— Eu nunca mais dancei depois disso. A dança era uma coisa que eu amava, que eu fazia com todo o meu coração. Mas depois disso, depois de, realmente, sentir na pele que alguns homens, os que eu não conhecia, acreditavam que meu corpo pertencia a eles de algum modo, eu entendi que nunca teria a liberdade que eu queria. A liberdade de dançar, de usar meu sutiã de miçangas vermelhas. Naquele dia, eu saí das aulas de dança e devolvi para a minha professora a minha roupa vermelha. Tudo o que sobrou para mim da época que eu dançava foram traumas e fotografias da minha cara de assustada daquele dia.

— Então você nunca mais dançou?

— Nunca mais.

— E sente falta da dança?

— Um pouco. Eu gostava muito de dançar e adorava a sensação de estar no palco, mas descobri outras formas de estar no palco sem ser dançando. Depois de sair da dança, eu me enfiei mais ainda nos estudos de teatro. Hoje, eu sei que o palco sempre foi o meu lugar, mesmo quando não era. — Fevereiro me deu um sorriso acolhedor e me pediu um tempo. Ela se levantou, sem qualquer jeito e foi, novamente, até a cozinha. Me ofereceu alguma coisa para comer: balas, chocolate, um panetone que ela mantinha em uma cúpula própria. Fevereiro comeu um pedaço do pão, depois mordiscou o chocolate até que voltou à sala.

— Eu fico feliz que tenha participado. — Disse, sem muito jei-

to, enquanto bebia o último gole do meu café rançoso.

— Ah, foi bom falar disso de alguma forma. — Ela respirou fundo e concluiu seu pensamento, enquanto eu me estiquei para pegar o celular e desligar o gravador:

— Acho que eu ainda tenho uma história para contar. — Então, eu parei e esperei que ela continuasse:

— Eu vim para cá, pra Belo Horizonte, pra fazer a faculdade e trabalhei bastante pra tentar me adaptar a essa cidade. Foi bem complicado no começo, mas quando eu comecei a me acostumar com o ritmo da cidade, com os sons altos dos carros e das músicas que quase me ensurdeciam, tudo isso se abriu para mim. Eu comecei a entender que a cidade tinha vida própria e que ela respirava por si mesma. Eu gostava, admito. Quando fez dois anos que estava morando aqui, peguei meu ônibus normalmente para a faculdade. Estava até meio cedo, ainda tinha sol e tal. Me sentei no banco da janela do ônibus e coloquei a minha bolsa no colo. Eu sempre pegava a mesma condução, me sentava no mesmo banco, sempre dizia oi para o trocador e passei a me sentir em casa em Belo Horizonte. Até aquele dia. Eu me sentei sem pressa, fiquei distraída olhando pela janela as pessoas que passavam, quando um homem se sentou ao meu lado. Ele colocou uma mochila preta no colo e ajustou seu agasalho de moletom. Eu estava, *mesmo*, muito distraída naquele dia e nem olhei pra cara do homem que tinha se sentado ao meu lado. À medida que o ônibus passava pelas avenidas compridas de BH, reparei que o cara do meu lado estava meio inquieto. Se ajustava toda hora no banco e, talvez, por um descuido dele, pude ver que estava com o pau pra fora. Eu sei que estava se masturbando e quando ele notou que eu tinha visto, o filho da puta sorriu. Eu nunca senti tanto medo na minha vida. Levantei correndo; era como se não tivesse ar naquele lugar horrórico. Dei sinal para o ônibus parar sem me importar se era ou não o meu ponto. Devo ter descido umas três paradas antes da minha e devo ter ficado uns vinte minutos parada no meio da rua,

chorando, antes de ter coragem de ir pra faculdade. Eu não sou bem dessas meninas que choram, eu sou completamente fechada com os meus sentimentos, mas não consegui me segurar naquele dia. Eu senti medo. Não só daquele cara, mas também me lembrou que eu não era dessa cidade, que nada daquilo me pertencia. — Fiquei em silêncio e Fevereiro também não teve mais nada a dizer. Ela se sentou ao meu lado e ousei pegar em suas mãos. Os dedos gelados e gordinhos da mão dela estavam trêmulos, quando eu completei:

— Obrigado por se abrir assim para mim. — Disse, sem muito alarde, enquanto observava que ela não tinha me afastado, como costumava fazer com todos os que se aproximavam.

— Eu que agradeço por ter me escutado. — Fevereiro me disse com um sorriso aliviado. Me estiquei mais uma vez para desligar o gravador e assim que apertei aquele botãozinho silencioso, ouvi o fungar alto dela.

Aquela foi uma das poucas vezes, em todos os anos de convivência entre nós, que eu ouvi Fevereiro chorar. Ela tinha aquela dureza que era só dela e um sorriso irônico que também era só seu. Mas naquele momento, não havia dureza e nem força em Fevereiro, havia apenas uma dor solitária em seu peito. Parte de mim sempre se sentiria mal por fazer tantas pessoas reviverem coisas que elas jamais fariam a ninguém, mas outra parte fazia com que eu me sentisse bem. Aquele fardo era muito pesado para que alguém o carregasse sozinho e para mim, era uma honra dividir o peso daquelas histórias.

Ofereci o ombro para Fevereiro, mas ela apenas jogou os longos cachos ruivos para trás e respirou fundo. Eu podia ver que ela estava buscando forças onde não tinha, simplesmente para colocar de novo aquela máscara de garota forte que ela estava tão acostumada a usar. A vi secar as lágrimas de dor com as pontas dos dedos roliços e me dar um sorriso sem jeito:

— Você já viu que vão lançar um novo filme do Homem-Aranha?
— Ela perguntou com um sorriso sem jeito e se levantou. Eu dei

um sorriso para ela e a vi retribuir aquele sorriso, quando completei:

— Vi sim. Quais são seus planos para o carnaval? — Perguntei, juntando as minhas coisas que tinham ficado espalhadas pela minúscula sala de Fevereiro.

— Devo ir pra minha cidade. Minha família toda vai pra lá desde sempre. — Ela disse sorrindo, enquanto enfiava mais dois pedaços de chocolate na boca, quando voltou a me perguntar:

— E quais são os seus?

— Eu ainda não pensei em nada. Talvez ficar por aqui mesmo. Eu vi que BH nunca teve um Carnaval de rua tão bom assim em anos.

— Disse eu, dando de ombros.

— Vou te levar até a porta. — Fevereiro me acompanhou com lentidão. Parte de mim sabia que ela jamais se abriria assim para ninguém, que ela jamais contaria aquelas histórias a outras pessoas; aquilo fazia com que aqueles depoimentos pesassem um pouco mais. Toquei o ombro de Fevereiro quando ela abriu o portão:

— Obrigado. — Sorri; Fevereiro apenas acenou com a cabeça, talvez aliviada por se ver longe de mim.

Subi pela primeira vez o morro íngreme da casa de Fevereiro. O carnaval estava acontecendo na cidade. As pessoas estavam cheias de alegria e pulavam de um lado para o outro ao som de músicas bem agitadas; mas eu sabia que, no fim, toda aquela felicidade acabaria.

Fevereiro é um mês curto; também é um mês que costuma ser cheio de vida, repleto de felicidade, de piadas e festas nas ruas, sendo o mês que abriga, conforme o calendário romano, a maior festa popular do mundo. Aquele sempre foi um mês divertido. Porém, fevereiro também escondia um toque sórdido de tristeza. Uma quarta-feira cheia de cinzas, assim como a minha amiga, minha jovem Fevereiro. Ela sempre teria a alegria, o humor e a vivacidade que eram só dela. Nos corredores da faculdade, ela ainda seria apenas risadas e uma música interessante. Ela sempre seria o carnaval, cheia de vida. E como o mês, ela seria toda festa, não fossem as cinzas que

se misturavam aos seus cachos e à sua calidez.

*“Quando fevereiro chegar
Saudade já não mata a gente
A chama continua no ar
O fogo vai deixar semente
A gente ri, a gente chora”⁷*

⁷Trecho da canção “Quando Fevereiro Chegar”, interpretada por Geraldo Azevedo. Composta por Geraldo Azevedo e Fausto Nilo.

MARÇO



Éramos dois; na verdade, três, contando com Março*, o terceiro mês do ano. Na leonina, estava depositada toda a expectativa de participar da primeira gravação de um relato. Em mim, mais uma ferida seria aberta após escutar mais um caso. Era assim que recebíamos cada depoimento, como uma facada. Cada palavra dita, cada frase formada, cada história concluída era uma fenda que ia se abrindo e dilacerando nosso psicológico. Com Março não foi diferente; até mesmo os ruídos do estúdio me pareciam mais altos e assustadores.

Nos conhecemos em uma festa, Março e eu; e não conversamos naquela noite. Era o casamento de sua cunhada, que também era minha amiga. Essa amiga trabalha comigo e, um dia em uma conversa, ela me contou um fato que havia acontecido com Março; aquela, que conheci no dia de seu casamento. Inicialmente, escutei a conversa e decidi que iria guardá-la na memória. Mas nem pensei em usar depois, era para me lembrar sempre de como as pessoas podem ser invasivas. Quando lembrei novamente de sua história, achei que seria ideal colocar no livro, pois se tratava de mais um exemplo clássico da cultura do estupro. Só não imaginei que poderia me surpreender tanto com novos fatos.

Março trabalha em um shopping de BH e, como sabemos, os horários de funcionamento das lojas não contribuíam com as atividades extras. Por isso, foi muito difícil conseguir marcar um dia e um horário para a gravação. Conseguimos, enfim, agendar em uma sexta feira às 20h. Por causa do dia e do horário, consideramos que o estúdio de Rádio da faculdade seria a melhor opção para realizarmos a gravação.

No dia marcado, chegamos bem cedo para montar a câmera e preparar o local. O responsável pelo estúdio nos deixou bem à vontade. Disse que sairia antes mesmo de nossa entrevista iniciar. Por

*Nome fictício.

Éramos dois; na verdade, três, contando com Março*, o terceiro mês do ano. Na leonina, estava depositada toda a expectativa de participar da primeira gravação de um relato. Em mim, mais uma ferida seria aberta após escutar mais um caso. Era assim que recebíamos cada depoimento, como uma facada. Cada palavra dita, cada frase formada, cada história concluída era uma fenda que ia se abrindo e dilacerando nosso psicológico. Com Março não foi diferente; até mesmo os ruídos do estúdio me pareciam mais altos e assustadores.

Nos conhecemos em uma festa, Março e eu; e não conversamos naquela noite. Era o casamento de sua cunhada, que também era minha amiga. Essa amiga trabalha comigo e, um dia em uma conversa, ela me contou um fato que havia acontecido com Março; aquela, que conheci no dia de seu casamento. Inicialmente, escutei a conversa e decidi que iria guardá-la na memória. Mas nem pensei em usar depois, era para me lembrar sempre de como as pessoas podem ser invasivas. Quando lembrei novamente de sua história, achei que seria ideal colocar no livro, pois se tratava de mais um exemplo clássico da cultura do estupro. Só não imaginei que poderia me surpreender tanto com novos fatos.

Março trabalha em um shopping de BH e, como sabemos, os horários de funcionamento das lojas não contribuíam com as atividades extras. Por isso, foi muito difícil conseguir marcar um dia e um horário para a gravação. Conseguimos, enfim, agendar em uma sexta-feira às 20h. Por causa do dia e do horário, consideramos que o estúdio de Rádio da faculdade seria a melhor opção para realizarmos a gravação.

No dia marcado, chegamos bem cedo para montar a câmera e preparar o local. O responsável pelo estúdio nos deixou bem à von-

*No calendário judaico, o começo de março é chamado de adar, o último mês do ano, enquanto que o fim de março é chamado de nisã, e é considerado o primeiro mês do ano. Por isso março representa o início e o fim.

tade. Disse que sairia antes mesmo de nossa entrevista iniciar. Por isso, foram necessárias duas pessoas; uma iria realizar a entrevista e a outra, controlar os equipamentos de filmagem e som.

Março ainda é considerado por algumas etnias, o último e o primeiro mês do ano⁸. Talvez por isso, eu sentisse como se aquela fosse minha primeira entrevista. Eu estava com um sentimento diferente. Março chegou no horário marcado e, como estávamos ansiosos para iniciar, fomos logo para o estúdio. A câmera estava posicionada de frente para a cadeira onde ela estava sentada. Eu estava de costas para a câmera e, na cabine de som, a outra integrante do grupo nos observava. Março também me observava enquanto eu ligava a câmera e, em alguns momentos, seus olhos se perdiam pelo cubículo. Liguei a câmera e me sentei de frente para ela. Queria observar seus movimentos, sua expressão, tudo o que me fizesse entender seu sentimento naquele momento.

Iniciei a entrevista perguntando qual era seu nome e sua idade; e através dos óculos de minha companheira de grupo, pude perceber seu espanto. Ela tem apenas 22 anos, bem alta e de cabelos longos bem pretos. Apesar de parecer uma mulher mais madura, possui em sua voz uma delicadeza de criança. Disse a ela que se, em algum momento ela se sentisse incomodada, poderíamos parar a gravação. Ela sorriu, assentiu e prosseguimos.

Eu já conhecia superficialmente o depoimento de Março, mas como eu disse, era como se aquela fosse minha primeira entrevista. Talvez eu me sentisse assim, por estar em um estúdio ou por precisar manipular equipamentos que eu nunca havia utilizado ou por, simplesmente, estar entrevistando alguém já conhecido de novo. Eu queria saber da história dela, de como havia sido sua infância e perguntei em qual momento de sua vida ela havia se sentido sexualmente constrangida ou abusada pela primeira vez. Era uma curiosidade misturada com medo.

— Março, me conta como foi o primeiro abuso? — Não adiantava, sempre repetia na minha cabeça o quanto essa pergunta era incômoda.

— Que eu me lembre, foi quando eu era criança ainda; tinha oito ou nove anos. Eu estava brincando com uma amiga e tinha um amigo da família. Eu me sentei em um banquinho próximo de onde

estávamos; ele veio até mim e passou a mão na minha vagina. Eu me assustei, mas não entendia o que estava acontecendo. Então, depois disso, ele quis me colocar no colo dele e eu saí correndo. Fiquei tão assustada que entrei pra minha casa. — Março pareceu não ter muito problema em contar, mas percebi que pela pressa em que soltou as palavras que queria resumir o máximo a história.

Naquele momento, me peguei imaginando quantas vezes isso não acontece todos os dias, com milhares de crianças no mundo. Na hora que acontece, não é possível que ela entenda o que está acontecendo. A pureza e a inocência de uma criança não são capazes de assimilar o abuso. Com o passar dos anos, nos esquecemos desses fatos, eles se concretizam e entram em uma caixa de lembranças insignificantes de nossa mente. Quando, por qualquer motivo, tentamos recriar as imagens de situações semelhantes que já vivemos, percebemos que nosso corpo e nosso psicológico já foram tantas vezes violados, que começamos a nos confrontar sobre nossa capacidade de suportar tais situações, independentemente de gênero, cor e idade; e questionamos sobre até quando mais suportaremos. Pelo menos era assim que eu via ou acreditava. Mesmo certo de qual seria a resposta, continuei:

— Você já havia contado isso a alguém? — minha voz parecia já estar conformada com a resposta que viria.

— Conte agora, estou contando agora para você. Na verdade nem me lembrava, mas quando você me perguntou qual tinha sido meu primeiro contato com o abuso, pensei: bem, meu primeiro contato foi aquele. — Março respondeu e pela sua expressão percebi que aquele fato não foi traumático ou marcante em sua vida. Porém, houveram outros acontecimentos então prossegui com a entrevista.

— E algo similar havia ocorrido na sequência? — perguntei sem mais delongas, acho que até direto demais. Ela então continuou:

— Minha mãe tinha um namorado que eu me sentia abusada por ele. Ele me cercava e seu olhar me dava nojo. Eu tinha uns doze anos e dormia no mesmo quarto que minha mãe. Por diversas vezes eu senti ele sentado na beirada da cama me olhando enquanto eu dormia. — Março não só fez uma expressão de nojo, mas mostrou em sua voz o mesmo sentimento.

Eu não consegui não perceber e já perguntar mais.

— Sua mãe chegou a perceber alguma coisa? — Soltei as palavras como se tivesse pressa em saber a resposta.

— Não, minha mãe estudava e ele procurava chegar na minha casa quando ela não estava, quando eu estava sozinha. Ele me cercava o tempo todo. Tentava me comprar oferecendo dinheiro, chegava a me dar cinquenta reais assim, do nada. E eu tinha apenas doze anos. Eu percebia que ele tentava chamar minha atenção, acho que fazia aquilo esperando algo em troca ou para se aproximar de mim.

Percebendo que Março começou a ficar desconfortável em contar aquilo, me acalmei, recuperei o controle das palavras e tentei interagir ainda mais. Mostrar para ela que estava ali, prestando atenção nela.

— Em algum momento ele te disse algo que pudesse insinuar alguma coisa? — Quando perguntei isso, era como se Março tivesse ido lá no fundo de suas lembranças, e por alguns segundos, tenha tentado se lembrar.

— Hum... não, falar que eu me lembre não, mas tinha algo que me incomodava bastante, ele ficava apertando seu órgão, apertando mesmo. Ele se tocava sempre que me via e eu percebia isso. Às vezes eu estava sentada no sofá, ele se sentava ao meu lado e começava a apertar o pênis.

Todas as vezes em que ela dizia que ele se tocava, quando a via, Março simulava um homem apertando o próprio pênis. Com aquele gesto, ela foi capaz de reproduzir como aquilo era nojento e agressivo. E não consegui segurar, tinha que saber como ela, tão nova, poderia lidar com algo assim.

— E como você, com uma idade daquela, conseguiu lidar com a situação? Você estava a mercê dele. - Perguntei quase mostrando surpresa na voz, mas tentei controlar o máximo que podia.

— Com ele eu travei. Sabendo que ele era namorado da minha mãe e que eu não tinha coragem de contar pra ela, nem mesmo tinha liberdade de falar sobre isso, foi muito difícil. Então, ela nunca ficou sabendo. Com o tempo, eu comecei a ter ódio, nojo e medo dele. Não suportava olhar na cara dele... — E foi exatamente nesse ponto, que interrompi a história e para abrir um parêntese.

Quando minha amiga, contou-me o que havia acontecido com

Março, tratava-se de uma abordagem abusiva que Março havia sofrido em uma passarela, abuso esse que ela mesma considerou como sendo o mais traumático de todos. Foi quando eu perguntei:

— Aconteceu algo que você considera pior que isso? — Março, prontamente, respondeu:

— Na verdade sim, o que aconteceu no ano passado. Foi o que estourou tudo de vez... Eu estava indo trabalhar, por volta de uma e meia da tarde, mais ou menos. No meu trajeto, próximo já do meu serviço, tem uma passarela que atravessa a MG10. Lá tem muitos pontos cegos e já é considerado perigoso por causa de altos índices de assalto. Meu medo era esse, tanto que escondia o celular e dinheiro sempre que passava por lá.

Março parou de falar. Nesse momento, respirou, me olhou nos olhos e disse:

— É pra contar tudo, tudo mesmo? — Respondi calmamente:

— Sim, o máximo de detalhes que você conseguir. — Ela então prosseguiu:

— Bom, nesse dia eu não estava com medo e eu sempre passo lá com muito medo de ser assaltada, observo tudo.

Talvez, a ausência do medo em Março tenha deixado ela mais desatenta, mas comecei a refletir se essa ausência não teria afastado a expressão de medo do seu rosto e que isso, por algum motivo, possa ter despertado em seu abusador o sentimento de desafio ao confrontá-la. Voltei para a realidade e continuei escutando o que ela falava.

— Ele apareceu do nada; a passarela tem umas curvas e rampas, o que impossibilita ver quem está vindo do lado oposto em sua direção. Do ângulo em que ele estava, era possível que ele me visse, mas eu não era capaz de ver quem estava vindo. Só pude perceber que era um homem quando, por debaixo da grade, pude ver seus pés se aproximando. Para não encará-lo, continuei olhando para seus pés, mesmo sendo possível ver seu rosto. Foi quando percebi que ele interrompeu seu trajeto, exatamente quando estávamos lado a lado. No momento, pensei que seria assaltada, ele olhou para um lado e para o outro e me abordou, inicialmente perguntando como fazia pra chegar a uma avenida que era próxima dali. O problema é que ele tinha acabado de vir dessa avenida e era, exatamente, para onde eu

estava indo. Eu não queria que ele me acompanhasse; então, disse a ele que ficava para o lado oposto ao meu trajeto, imaginando que ele prosseguiria. Mas não foi isso que aconteceu; ele se aproximou mais de mim e perguntou o que era preciso ele fazer pra ‘ficar’ comigo. Então eu disse a ele que era casada e tinha filhos. — Março tinha desespero em voz, como se estivesse revivendo tudo novamente.

Logo imaginei que ela havia mentido na esperança de que o homem a deixasse em paz. E ela continuou:

— Pensei que ele iria desistir, mas não, ele insistiu dizendo que não queria saber e que queria ficar comigo de qualquer jeito. Nesse momento, eu tive medo, muito medo, pensei em como eu sairia dali e só conseguia dizer que eu não podia e que era comprometida. Mas ele continuava a insistir. Quando tentei sair, ele se aproximou mais de mim, ficamos frente à frente e ele enfiou suas mãos na minha nuca me puxando pra junto dele. Eu disse ‘não’ e tentei sair, mas ele então começou a me tocar, pedindo pra passar as mãos em meus seios. Eu usava uma blusa de alcinhas e cruzei os braços na frente dos meus seios, tentando empurrá-lo com a palma das mãos. Ele então começou a tocar meu corpo todo de forma agressiva. Ao mesmo tempo, ele não parava de falar que queria me tocar, que iria me tocar e eu fiquei muito nervosa, sem saber o que dizer. Eu tentava sair e não conseguia, ele era mais forte do que eu e meu corpo já estava desfalecendo. Minhas pernas tremiam e eu comecei a chorar pedindo que ele parasse e me deixasse sair dali.

Eu olhava fixamente para Março e ela gesticulava muito, foi possível perceber sua agonia. Ela parou a narrativa e apertou os olhos dizendo “Que nojo” e eu compartilhava do mesmo sentimento, de raiva e nojo quando ouvia ela falar. Imaginei como aquilo poderia ser invasivo, como toda essa pressão é capaz de desestruturar qualquer um. Passaram-se apenas onze minutos e cinquenta e dois segundos do início da nossa entrevista e eu tentava imaginar se aquela angústia acabaria em algum momento. Parecia algo que não teria fim. E era exatamente esse o sentimento que eu percebia em Março.

— Imaginei se aquilo teria fim, como eu sairia dali? Foi quando apareceram três pares de pés por debaixo da grade. Disse a ele que

estavam vindo pessoas, que eu iria gritar se ele não me deixasse sair e foi quando ele parou de passar a mão em mim. E me disse para eu ficar calada, que não era para dar nem um pio e saiu andando em direção aos homens que estavam vindo. Eu não consegui falar nada, fiquei totalmente sem reação.

Mesmo Março tendo, inicialmente, afastado de si o medo de um assalto, o abuso conseguiu trazer à tona todo o pavor que havia sido dispersado.

— Ele foi embora e os homens que estavam passando ficaram olhando pra mim. Eu me encostei em uma grade que estava ao meu lado, tremia muito e desabei a chorar. Os homens vieram até mim e perguntaram se eu estava bem. Eu disse que não e já fui contando a eles o que havia acontecido, mas não em detalhes, disse apenas que o homem que havia passado por eles tinha tentado abusar de mim. Um deles disse que viu, que achou estranho ele tentando me abraçar, mas que imaginou que era meu namorado.

Na hora, eu a interrompi e a fala foi mais rápida que a necessidade de me calar.

— Namorado? Mas espera aí: então quer dizer que, se fosse seu namorado abusando de você estaria tudo bem? — Minha indignação estava tão latente que não consegui conter o comentário. — E eles te ajudaram? Fizeram algo? — Perguntei, ainda indignado.

— Eu já estava chegando no lugar onde eu trabalho e então, eles me acompanharam até lá. Quando cheguei, ainda estava apavorada e minhas colegas me perguntaram o que havia acontecido comigo. Eu contei a elas, mas senti vergonha de dizer tudo, só disse que ele tinha me abordado, ameaçado e tentado me beijar. Não disse que ele havia passado a mão em mim. Fiquei imaginando que as pessoas iriam me culpar, porque eu usava uma blusa de alcinha e acreditei que eles iriam pensar que eu mereci aquilo por estar me expondo. Elas ficaram tentando me convencer de ir ao batalhão que era próximo de lá, para fazer uma ocorrência, mas eu estava com vergonha.

Naquele momento, percebi que a câmera tinha parado de gravar e que tínhamos perdido alguns minutos. A câmera tinha um tempo limite de gravação e parava de gravar automaticamente. O problema

é que eu ainda não estava acostumado; e como estava de costas para ela, não foi possível perceber. Já me levantando comentei:

— Droga, acho que a câmera parou. Só um minuto, por favor, que vou verificar. — Minha voz não escondia o quanto estava sem graça com o ocorrido, mas Março logo respondeu:

— Não sairei daqui.

Minha parceira estava na cabine de som e também não notou que a câmera havia pausado. Estávamos tão atentos aos detalhes do depoimento que nem nos lembramos de verificar. Eu estava com um bloco de anotações e tomava nota dos pontos que eu considerava importantes, mas mesmo assim fiquei com muito receio de ter perdido algo.

— Realmente parou, espero que não tenha (parado) muito tempo. — Nessa hora, minha parceira bateu levemente no vidro e apontou para o sistema de som. Tinha me esquecido de que estávamos em um estúdio de gravação e que todo o áudio da conversa estava sendo gravado. Eu estava muito curioso e minha parceira, ansiosa pra saber dos detalhes, veio até a porta e me entregou um papel com algumas perguntas que eu já pensava em fazer. Reiniciei a gravação pela câmera e continuamos.

— Pronto agora sim, você dizia que elas tentavam te convencer a ir à delegacia.

— Isso... Porque eu conhecia os policiais de lá e estava com vergonha de dizer que tinha acontecido isso. Fique pensando se iria e fui, cheguei lá e fiz. Contei tudo o que tinha acontecido!

— Você conseguiu dar as características dele? Dizer como ele era? Tudo? — Eu voltei a perguntar. — Tudo mesmo?

E ela disse:

— Tudo, tudo, tudo...

— E como ele era? — Estava curioso demais em saber sobre aquele ser.

— Ele era mais ou menos da minha altura, só um pouco mais baixo. Magro, claro, estava com boné preto, uma barbinha assim... pouca coisa. Os dentes sujos, uma bermuda jeans no meio da canela, uma blusa azul e uma blusa preta, com o rosto do Bob Marley, amarrada na cintura. Tinha uma pintinha assim... — Ela disse, apontando

para o canto direito do lábio. — E foram essas características...

Senti uma angústia quando percebi que a face daquele monstro não tinha saído da sua memória e que, provavelmente, durante muito tempo, ela dormiu com o pesadelo vivo daquele rosto. Talvez por muito tempo também, tenha buscado força e coragem procurando na rua, para ver de novo aquele homem, fosse para descontar toda a sua raiva e descarregar tudo aquilo que ela estava sentindo ou, tomada ainda pelo medo, para fugir caso cruzasse com ele novamente. Ela continuou, me trazendo de novo para o estúdio e longe dos meus pensamentos.

— Os policiais saíram, imediatamente, para fazer busca, mas não encontraram ninguém. Fiquei na delegacia umas duas horas, chorando compulsivamente. Eu estava certa de que aquilo tinha acontecido por causa da minha roupa e me sentia envergonhada. Havia mais três homens na delegacia registrando boletim de ocorrência. Teve uma hora em que eu estava sentada e o policial me chamou, eu me levantei e, sabendo que eles tinham ouvido meu depoimento, fiquei imaginando que todos me olhavam e me julgavam por causa da roupa. Até mesmo quando eu estava indo pra delegacia, andando na rua, os carros passavam e os homens buzinavam, mexendo comigo. Era como se estivesse escrito na minha testa o que tinha acontecido. Eu me sentia suja, manchada. — Março olhava para seu próprio corpo, como se essa sujeira ainda estivesse ali, de alguma forma.

Eu quis saber se ela tinha um parceiro na época, um companheiro, alguém...

— Você já tinha namorado? — Questionei.

— Sim. — Ela afirmou de imediato, mas com uma voz mais tranquila. Me pareceu que seu namorado era seu porto seguro.

— E você contou pra ele o que tinha acontecido? — Não consegui esconder tamanha dúvida quando perguntei.

— Conteí, assim que cheguei na delegacia. — Março parecia novamente estar envergonhada com a situação.

Não sabia se prosseguia e tentava ver se ela contava mais detalhes ou ficava ali calado esperando ela continuar. Mas minha ansiedade falou mais alto.

— E qual foi a reação dele? — Acabei insistindo.

— Ele ficou furioso, muito bravo mesmo. Ele morava lá perto, pegou a moto e saiu pra procurar o homem, mas também não encontrou. Na verdade não me senti medo em contar para ele, me senti muito acolhida por todos e ele permaneceu ao meu lado durante todo o processo, inclusive de recuperação. Aquilo era uma ideia minha, mas era como se, pelo olhar, todos me julgassem. Conteí pra minha mãe mais ou menos o que havia ocorrido, não tive coragem de dizer tudo. Conteí a mesma versão que havia contado para minhas colegas.

Como a maioria das entrevista que havia feito, essa não foi diferente, queria muito saber a reação de sua mãe.

— E ela, sua mãe, como reagiu? — Questionei.

— Disse que eu não deveria ter passado ali, que não era pra eu passar lá novamente. Na verdade, todo mundo me recriminou por eu ter passado lá. — Março já estava mais tranquila, apesar de ainda gesticular muito.

Vieram à minha memória todas as vítimas com quem conversei e que, em algum momento, foram culpadas pelo abuso que sofreram. Assim como em outros depoimentos, a vítima não percebia, mas de alguma forma, ela sempre era responsabilizada pelo ocorrido. Março, até aquele momento, não entendia que o fato não tinha acontecido por causa da ocasião. Não foi a roupa ou o lugar, mas sim a condição do abusador em se sentir no direito de violá-la. E essa é uma condição que a sociedade deu a ele. Eu voltei a indagar Março:

— Naquele dia, você ainda trabalhou? — Não estava conseguindo controlar minha voz, que apesar de baixo, mostrava indignação.

— Não, não tive condições. Fui pra casa, tomei um banho para ver se tirava aquela podridão de mim, mas era como se a mancha não saísse. Eu esfregava, com muita força, principalmente os braços, que eu usei pra me defender dele — Março contava e encenava, mostrando como ele fez durante o banho. Sua expressão ainda era de nojo.

Eu queria saber mais e continuei perguntando:

— Você pensou em como iria trabalhar, já que precisava passar por aquele trajeto? — Questionei sem saber bem o que estava perguntando. Estava tentando assimilar as informações ainda.

— Bom, lá era o trajeto mais rápido. Eu gastava quinze minutos pra poder chegar por lá. Agora, gasto meia hora. É mais longe, mas é mais seguro. — Março mostrava alívio em sua voz. Parecia ter encontrado um caído seguro.

E eu me peguei novamente, pensando em como seria, a partir dali, a vida daquela mulher. Eu sentia como se aquilo fosse marcá-la eternamente e, de fato foi o que aconteceu. Mas como ela iria prosseguir?

— E você conseguiu superar esse episódio? — Minha voz e expressão mostravam o quanto eu mesmo achei ridícula minha pergunta.

— Inicialmente, eu tentei achar uma justificativa do porquê de aquilo ter acontecido e já estava certa que era por causa da roupa. Eu estava de calça *legging* e blusa de alcinha, fácil pra ele me pegar... Depois que isso aconteceu, eu não conseguia mais me relacionar bem com meu namorado, não conseguia ser tocada e nem mesmo ser abraçada por ele. Todos os homens que se aproximavam de mim, eu me assustava pensando que era ele. Sonhava com ele todas as noites e não conseguia mais dormir; suas características eram nítidas na minha mente. Chorava todos os dias e não conseguia mais parar de pensar no que tinha acontecido. Eu não usava mais as mesmas roupas e tomei pavor de homens, qualquer um, todos eram uma ameaça. Depois de um mês, eu busquei ajuda psicológica. Não aguentava mais aquela pressão, estava acabando com meu psicológico. Minha vida virou um inferno.

Percebi que sua fala e sua expressão agora estavam neutras. Como se não sentisse mais nada. E continuei: .

— Mas você percebeu sozinha que isso era necessário ou alguém te pressionou a buscar ajuda? — Na hora pensei ter sido direto demais na pergunta. Mas ela, tranquilamente, me respondeu.

— Não, eu comecei a procurar, por que percebi que aquilo estava demais. Aí, descobri que, na igreja que frequento, tinha apoio psicológico. — Março estava mesmo aliviada esse momento.

Eu queria detalhes daquele grupo, achei interessante a ideia:

— Mas como era isso, era um grupo de apoio? — minha voz mostrou pura empolgação.

Março confirmou com a cabeça e prosseguiu:

— Isso, era um grupo fechado de pessoas com vários tipos de

traumas. Tinha psicólogos que nos orientavam e davam o apoio necessário. Era uma roda de conversa, mas quando percebiam uma necessidade específica, eles tratavam aquilo de forma mais restrita. E foi esse o meu caso. Eles buscaram na minha memória todos os momentos que eu já tinha passado e que poderiam ter agravado aquele trauma...

Fiquei pensando em como aquilo havia mexido com a vida de Março. Como um fato que tantos não consideram como sendo um fator extremo, pode chegar ao ponto de tirar, totalmente, a paz de uma pessoa. A partir dali, comecei a descobrir que o abuso sobre o qual descrevemos até então, não havia sido o fator-chave que causou todo aquele repúdio masculino que Março alimentava. Por isso aqui, exatamente aqui, fechamos o parêntese que abrimos no início do relato.

Março havia me contado no início sobre o ex-namorado de sua mãe, de quem tinha ódio, por causa do jeito que ele se comportava diante dela. O que ela não entendia, até o momento, era que aquela chave havia aberto a porta para todo esse sentimento que transbordava agora. Até então, eu tinha certeza que o que havia ocorrido na passarela já era suficiente para que todo esse sentimento viesse à tona; mas não imaginei que fosse o fato ocorrido em sua infância que iria influenciar tanto no seu comportamento no tempo presente. Fui cortado de meus pensamento quando Março proseguiu:

— ...Eles buscaram respostas lá na minha infância e chegaram até o ex namorado da minha mãe. Descobriram o ódio que eu sentia dele e então, foi preciso eu reviver aquilo. Minha mãe namorou ele durante uns oito anos.

Eu escutando aquilo quis explorar mais sobre aquelas lembranças.

— Então ele conviveu com você grande parte de sua infância? — Nesse momento eu parecia já estar conformado com toda sua história.

— Sim, até a minha pré-adolescência. Eu tinha uma irmã mais nova e me preocupava com ela, tinha medo de que ele fizesse algo. Por isso, não deixava eles sozinhos, mas minha irmã, por ser mais nova, acho que despertou nele um instinto paterno. No meu caso, apesar dos doze, treze anos, tinha um corpo desenvolvido e acredito que isso despertava o desejo dele. Foi aí que ele começou a demonstrar ciúme e a controlar minhas amizades, meus namoradinhos e minhas roupas.

Eu comecei a observar que ele procurava ficar mais próximo de mim quando eu estava de short ou pijama, roupas assim, dentro de casa. Quando eu chegava em casa da escola, de uniforme, o comportamento dele era outro, totalmente diferente, não tinha aquele olhar escroto, que me dava medo. Ele nem mesmo se aproximava. E foi daí que assimilei que minha roupa tinha sido o pivô para que acontecesse o abuso da passarela. Descobri que todo o repúdio que eu sentia naquele momento era por causa do pavor despertado no passado. E descobri que o que aconteceu na passarela desencadeou todo um passado de traumas e conceitos criados a partir disso. — Março demonstrou na voz o mesmo sentimento de conformidade que eu tinha.

Eu então perguntei a Março se todas as ideias elaboradas há pouco tinham sido fruto do seu tratamento psicológico. Percebi pela sua fala que ela havia se entendido.

— E tudo isso foi descoberto na terapia?

Ela consentiu com a cabeça e continuou:

— Sim, eles trabalharam muito comigo e me confrontaram com todos esses acontecimentos. Em alguns momentos, simulavam a presença do agressor, para que eu pudesse desabafar. Até o abandono do meu pai foi levado em consideração.

Enquanto ela falava, eu pensava no que poderia ter sido mais difícil para Março depois daquelas situações vividas. Mas não consegui manter só em pensamento, tive que falar:

— O que você considera que foi mais difícil voltar a fazer?

— Pra mim, foi o meu relacionamento com meu namorado. Demorou muito para aceitar que ele me tocasse novamente. Tinha um calafrio toda vez que ele aproximava as mãos da minha nuca ou do meu pescoço.

Percebendo que aquilo era seu ponto fraco, tentei perguntar algo que mostrasse sua recuperação.

— Hoje como você se sente? Você acredita que isso tenha te ajudado? — Questionei.

— Ainda não me sinto cem por cento, acho que nunca vou me sentir. Não faço mais esse trajeto de jeito nenhum e decidi manter a mudança em minhas vestimentas, pelo menos quando estou sozinha;

ainda me sinto vulnerável. Aos poucos sinto que estou evoluindo, mas acho que nunca será como antes. Eu não fui curada, não existe cura pra isso. — Março demonstrou certa decepção em sua voz.

Precisava saber mais sobre os resultados da terapia.

— Mas você foi capaz de entender o fator da culpa? — Foi difícil fazer essa pergunta.

— Foi muito difícil, não conseguia entender como, no meio de tantas mulheres, eu tinha sido a escolhida. Mas hoje entendo que poderia ter acontecido com qualquer outra mulher que chamasse a atenção dele, naquele ou em qualquer outro lugar, independentemente da roupa que ela estivesse usando e sei que preciso lutar contra isso.

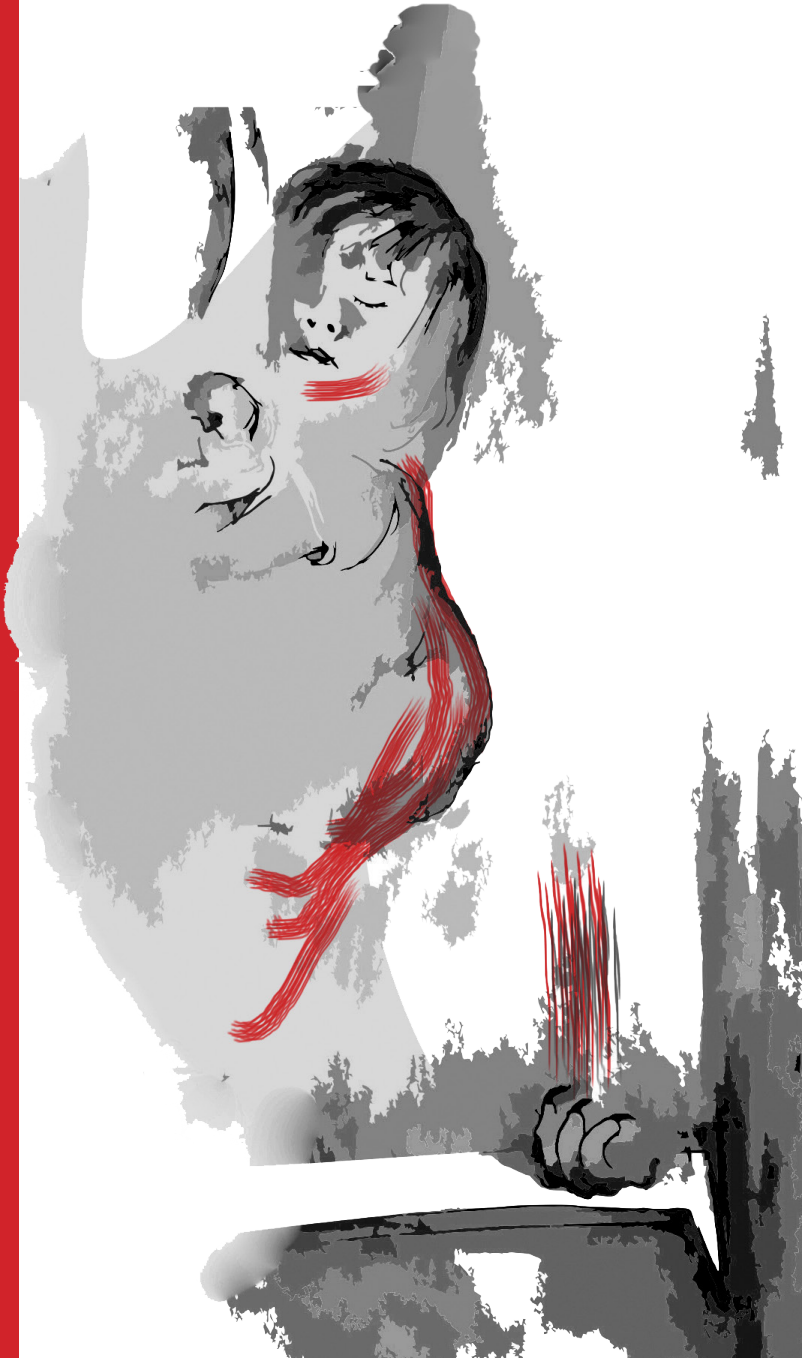
Finalizamos a gravação, eu agradei a Março e desliguei a câmera. Ela parecia estar leve. Ter desabafado e compartilhado sua história. Minha parceira, que estava escutando toda a entrevista da cabine de som, também cessou sua gravação. Março tinha eliminado a pior de todas as consequências resultantes daqueles fatos: o fardo da culpa que muitas vítimas carregam em si e que alimentam essa cultura que ainda é capaz de permitir o sofrimento de pessoas, todos os dias.

Nos despedimos de Março com um aperto no peito. Sentamos na mesa vermelha de sempre, na cantina da faculdade, e tentamos analisar o depoimento ainda fresco, mas em vão. Logo percebemos que não seria possível, não tínhamos estrutura. Após a última fala de Março só pensávamos nesse livro como resistência, como uma forma de lutar contra o sistema machista e essa cultura doente. A vontade estava mais latente que nunca, mas pelo dia era o suficiente, bastava! Ali estava mais um fim de uma história de dor, mas também o recomeço de uma história que tinha tudo para dar certo.

“(...) São as águas de março fechando o verão, é promessa de vida no meu coração (...)”⁹

⁹Canção de Tom Jobim do álbum Matita Perê. Lançamento 1972.

ABRIL



Após certo desespero de continuar achando pessoas que topassem contar suas histórias e participar de nossa pesquisa — pois havíamos estagnado e, quem achávamos para falar, não queria se expor, mesmo quando dizíamos que os relatos eram anônimos — decidimos buscar outros meios. Um deles foi disponibilizar um formulário nas redes sociais, para que as pessoas pudessem dizer se já tinham sofrido abusos e se gostariam de compartilhar suas histórias conosco. Foi assim que encontrei Abril.

Abril respondeu nosso questionário melhor do que podíamos esperar. Além do maior número de informações e detalhes, Abril ainda conseguiu transparecer sentimento em sua escrita. Ao fim, deixou seu contato, aceitando participar e contar sua história, eu diria, bastante dolorosa. Quando fui entrar em contato, percebi um detalhe importante: o DDD era de outro estado. Eu estava em Belo Horizonte e Abril estava em São Paulo. Como eu faria para marcar um encontro?

Como não conseguiria viajar, resolvi propor que fizéssemos uma conversa por vídeo. Assim, não perderia a conexão com Abril e conseguiria ver suas reações e sentimentos enquanto ela expusesse seu relato. Entrei em contato via whatsapp. Primeiramente, dei “Oi” e me apresentei. - “Abril, tudo bem? Eu enviei o formulário sobre abuso no grupo do Facebook e você deixou seu contato. Gostaria de saber se posso fazer uma entrevista com você, sobre o seu depoimento. Lembrando que é anonimato total e só será publicado com sua permissão”. Abril me respondeu quase que de imediato. - “Oi, tudo sim; e você? Claro que pode”.

Com sua resposta tão positiva, já combinei de imediato o dia e a hora, mas o canal virtual foi um dilema só. Abril queria que fosse por uma chamada de vídeo simples pelo celular, mas eu precisava de mais. Então, depois de muito custo e negociação, consegui que fosse por Skype, em que ela se colocasse frente à webcam de corpo inteiro. Precisava ver sua expressão facial e corporal. Tudo certo, agora era só esperar pela data.

Até o dia marcado, tentei pensar em algumas estratégias para que conseguisse o maior número de informações, em um espaço de tempo menor que os dos depoimentos feitos pessoalmente e com uma cautela grande para conversar com alguém desconhecido e longe geograficamente. Ensaiei algumas vezes frente ao espelho, escrevi pequenas perguntas e preparei meu lado psicológico para o que viria.

O dia chegou. Como todo sábado, acordei por volta das 9h30min, tomei meu café e fui malhar; tentar esvaziar a cabeça e liberar toda a tensão e ansiedade que me consumiam. Voltei para casa, tomei um banho demorado e me preparei para a chamada de vídeo que começaria em alguns minutos. Liguei o computador, deixei tudo no ponto, respirei fundo, bem fundo e esperei ela estar *online*. Assim que a janela com a sua foto e nome apareceram, já liguei para ela.

Trim... Trim... Trim... Trim.

No quarto toque eu já estava suando frio, mas Abril atendeu, fazendo com que eu voltasse a respirar normalmente. — “Oi Abril, tudo bem?”, perguntei imediatamente. — “Oi..., estou muito bem; e você? Estava ansiosa para podermos começar logo. Quero muito ajudar no livro de vocês. Achei um assunto extremamente importante, apesar de doloroso para mim”.

Fiquei, durante os poucos segundos em que Abril falava, analisando cada sílaba e movimento seu. Parece que um filme começava a ser montado em minha cabeça, principalmente, por suas últimas palavras. Sempre fiquei me perguntando o quão doloroso era para uma pessoa que sofreu qualquer tipo de abuso, compartilhar sua história, reviver o fato ocorrido. Não poderia imaginar qual era o tamanho da sua dor enquanto as palavras saíam da sua boca. Mas respirei, mais uma vez, me mantive firme e segui em frente.

— “Nem sei como te agradecer, Abril.”, agradei e já fui passando instruções de como ela deveria colocar a câmera e se posicionar frente a ela. Acho que fiquei meio nervoso e tentei adiantar demais o

processo. Mas ela seguiu tranquila, se posicionou e já fez o sinal positivo. — “Podemos começar quando você quiser”, Abril já iniciou.

Avisei sobre estar sendo gravado e sobre o anonimato, ela concordou e começamos. — “Então vamos lá. Como aconteceu o primeiro abuso?” Engoli seco, mas mantendo a firmeza na voz. Abril, sem nem respirar, começou imediatamente a falar. “— Eu tinha uns 10 anos para 11 anos e ele tinha 17 anos, quando aconteceu a primeira vez. Ele era o sobrinho do meu padrasto, ou seja, meu primo. Começou com uma passada de mão na minha coxa durante a madrugada. Eu estava dormindo quando ele entrou. Era uma mão gelada”. Naquele momento, sua expressão mudou de tranquila para uma expressão de nojo. Mas continuou, ainda sem respirar direito.

“ — Vai ser estranho o que vou dizer, mas essa mão queimava por onde ela passava. Quando aconteceu pela primeira vez, eu sabia que era real e não um pesadelo, mas não queria acreditar que isso estava acontecendo”. Foi ali que Abril parou para respirar. Aproveitei a deixa e resolvi perguntar algo, para que Abril tivesse mais tempo para retomar o fôlego. “— Ele ficou só nas passadas de mão ou teve sexo propriamente dito?” Assim que terminei a pergunta, fiquei na dúvida se fui muito grosseiro ou direto. “— Teve sexo, sim. E até o abuso, eu não tinha contato com sexo. Eu nem sabia o que era isso”.

Naquele momento, ela começou a cruzar os dedos e a mexê-los sem parar, como se estivesse brincando com eles. E continuou, sem olhar para frente, sempre para baixo. “ — Quando aconteceu uma quarta vez, eu resolvi contar pra minha melhor amiga à época, que era a irmã dele. Ela disse que ninguém iria acreditar em mim, porque aquilo não existia de verdade”. Seu tom de voz mudou na última frase, transparecendo raiva.

Quando percebi, me peguei pensando como, quando desacreditam na gente, ficamos nervosos, ainda mais sendo tão sério. Como, naquele momento, o vínculo familiar pesou mais do que a gravidade do caso. Ou será que nem a melhor amiga tinha idade suficiente para ter essa percepção? Difícil exigir demais quando não

temos idade ou instrução suficientes para lidar com certos assuntos. Voltei para a realidade e continuei o papo. “ — E depois; o que aconteceu?” Abril respondeu: — “Então: eu me calei por 1 ano e 6 meses. Até que, um dia, indo ajudar minha mãe no serviço, eu resolvi contar. Lembro desse dia até hoje...”, ela deu um suspiro alto, mas continuou rapidamente. “ — Falei pra ela que estava tendo um pesadelo estranho em que passavam a mão em mim. Ela acreditou e pediu que eu contasse toda a verdade. E então, eu disse que não era um pesadelo, mas que aquilo estava acontecendo de verdade”.

Percebi que Abril voltou a ficar cabisbaixa. Pareceu-me estar decepcionada. — “Fiquei uns dias dormindo fora de casa até a situação ser resolvida. Ele ainda morou conosco por uns 4 meses. Então, eu era obrigada a ver ele sempre. Isso acabou com o meu psicológico”, Abril finalizou. Eu, imediatamente, já perguntei como foi a reação da família. Até porque, sempre ficava com essa curiosidade. Tinha sempre a impressão de que família era obrigada a dar apoio de qualquer jeito. “ — Como foi a reação da sua família, da sua mãe, quando você contou?” Ela respondeu: “ — É engraçado, porque enquanto só eu sabia o que estava acontecendo, estava ‘tudo bem’. Quando todos ficaram sabendo, eu me senti suja e culpada. Foi como ser pega por fazer algo errado. Enquanto só eu sabia, estava *ok*, até que todos descobriram. A família começou a me tratar de forma diferente. Tratavam ele da forma mais normal possível, meu padrasto acreditou que eu gostava porque ‘deixei’ ele fazer aquilo por anos. Minha mãe já foi abusada...”.

Interrompi Abril na hora em que escutei sua última frase. Até eu mesmo senti desespero ou surpresa na minha voz. — “Ela foi abusada? Ela chegou a superar?”, perguntei, mais que rápido. Abril também respondeu imediatamente. “ — Acredito que ela não superou. No começo, eu fingia estar bem e funcionou por um tempo, sabe? Acho que ela tenta se distrair de todas as formas possíveis pra não pensar nisso. E isso pra mim é fugir; e não superar”.

Sua expressão ficou triste mais uma vez. Eu continuei nessa parte da história, pois via uma saída para Abril e, ao mesmo tempo, seu abismo. “ — Ela, por ter sido abusada, não entendeu seu lado?” Abril recuperou sua expressão sóbria e me respondeu, tranquila: “ — Acredito que, justamente, por ter sido abusada e ter lidado com isso de uma forma diferente, ela me julga, sabe? Acredita, fielmente, que é só erguer a cabeça que tudo vai ficar bem”.

Tentei voltar à história de onde ela havia parado, pois percebi que dali não sairia nada que eu pudesse ajudar Abril a entender ou superar. Doce ilusão também a minha. “ — Deixa eu tentar voltar da parte em que você estava. Todos estavam te tratando diferente e sua mãe, por já ter sido abusada, tomou alguma atitude?” — Sua cara parecia de espanto quando terminei. Talvez tenha sido direto demais. “ — Aaaahh, depois da tentativa de suicídio, ela logo correu atrás de médicos. No começo, eu sentia que ela acreditava que eu tinha motivos para estar assim, sabe? Mas depois de um tempo, parecia que ela acreditava que eu estava assim para fazer show. Hoje em dia, ela acha que é tudo frescura da minha parte e que ser abusada não foi nada demais”.

Como uma última cartada de esperança, tentei procurar uma pessoa apenas de sua família que pudesse ter dado algum suporte ou palavra de conforto depois do abuso. “ — E o resto da sua família também começou a te tratar diferente? Te julgavam? Faziam comentários? Algo do tipo?”. Abril respondeu: “ — Olhar de pena, sabe? Quando contei, eu tinha certeza de que não tinha feito nada de errado e que o errado era ele. Mas a forma como eles me tratavam e tratavam ele me fazia sentir que EU era a errada da história. Eles fingiam que nada tinha acontecido, mas me tratavam como se eu fosse uma doente. Foi aí que senti que estava errada”.

Abril terminou de falar e já se levantou, saindo do campo de visão da câmera. Fiquei sem reação, pois não sabia se Abril havia desistido, se estava passando mal, se tinha ido buscar algo; enfim,

desesperei. Chamei por Abril umas três vezes, mas fiquei longos 30 segundos sem resposta. Até que Abril apareceu, novamente, já se explicando. — “Desculpa, meu celular tocou e saí correndo para atender. Aproveitei e peguei uma água. Estou falando tanto que deu sede”. Abril soltou uma leve risada. Pela primeira vez, vi que estava relaxada. Sorri também e tentei não acabar com o momento leve da conversa. “ — Eu estava em pânico aqui, achando que você tinha saído correndo”, gargalhei. “ — Que nada, vamos até o fim. Paramos nas reações da minha família”, afirmou ela, que voltou à conversa. Mais uma vez, achei que iríamos terminar ali e que Abril não teria mais histórias tristes para contar. Engano meu. Dei um gole em meu copo de água, que estava ali desde que me sentei, respirei cautelosamente e continuei.

— “Esse foi o único abuso? Ou teve algum outro?” Abril então esboçou um sorriso irônico e fez um movimento negativo com a cabeça como quem confirmou meu pensamento sobre mim mesmo. Ingênuo. — “Sim, logo depois do abuso do meu primo, meu padrasto me molestou. Ele me ‘visitava’ sempre no meu quarto antes de ir trabalhar. Ele passava a mão nos meus seios e sobre a minha coxa. Não teve sexo. Com meu padrasto durou 2 anos. Minha mãe só ficou sabendo esse ano, mas ela não fez nada. Quando contei, ela não se separou dele e ficou por isso mesmo”.

Ali, percebi, pela voz e pelas expressões em seu rosto que Abril não sentia raiva, nem ódio, nem desgosto. Ela não sentia nada. Eu via seu olhar vazio, como se tudo aquilo não a atingisse mais de forma visível. Resolvi então entender como era a relação dela com a mãe e o padrasto. Como sua família poderia causar tanto sofrimento assim...? E foi quando percebi que sua expressão ficou cada vez mais triste. Esse foi o momento em que percebi que Abril sentia muita dor com o que aconteceu e como sua família reagiu sobre...

— “Como era sua relação com sua mãe? Vocês conversavam muito? Falavam sobre sexualidade, essas coisas? Tinha uma abertura legal para conversar sobre tudo?”, enchi Abril de perguntas, mais porque

estava tentando entender, do que por curiosidade.

— “Quando éramos só minha mãe e meus irmãos, conversávamos bastante. Mas daí ela se casou e tudo o que eu sabia era que eu devia, a todo custo, obedecer e fazer de tudo para que meu padrasto não ficasse zangado. Ele bebe bastante e já bateu na minha mãe. Sobre sexualidade em si, ela nunca falou comigo, era tudo muito por cima”. Mais uma vez, Abril ficou cabisbaixa como se faltasse algo, como se Abril esperasse mais da mãe.

Por um momento, eu não sabia mais o que falar. Não sabia mais como reagir. Se devia perguntar algo mais ou apenas deixar que ela respirasse e digerisse tanta informação que me passou. Acho que eu mesmo precisava de uns minutos para digerir. Mas não consegui, tentei apenas confortá-la e saber mais sobre como ela se sentia atualmente. Não conseguia mais ver sentido em saber o que tinha ocorrido no passado.

“ — Não consigo imaginar o quão difícil é, mas você se saiu muito bem. Hoje você mora com sua mãe e padrasto ainda?”, perguntei, esperando uma negativa, mas, mais uma vez, fui surpreendido. “ — Moro com a minha mãe e o meu padrasto. A gente não se fala...”, Abril deu um longo suspiro e percebi sua voz ficar trêmula. Ela continuou. — “Converso com a minha mãe e com os meus irmãos só. Eu tentei manter contato uma vez, mas ele briga muito e quando bebe, fica agressivo. Eu tenho muito medo dele”. Uma lágrima ameaçou escorrer, mas Abril foi mais rápida e tratou de enxugá-la antes que caísse.

Quase que indignado com a situação que Abril passava ou me sentindo inútil em não poder ajudar e poder, ali, apenas escutar seu relato, minha voz falhou, mas ainda assim, continuei. “ — Você contou para sua mãe sobre seu padrasto também?” E ela disse: “ — Conteí. Conteí esse ano para ela, mas ela não fez nada. Quando conteí, ela ficou muito brava querendo saber por que não conteí antes e ficou por isso mesmo”. Abril fez uma expressão de indiferença, como se fosse a mesma expressão feita pela mãe.

Com um certo desespero dentro de mim, por saber que uma mãe não conseguia apoiar sua filha ou dar-lhe o devido suporte para uma situação tão séria, comecei a, silenciosamente, agradecer pela minha mãe e minha família. Pensei como certas pessoas são maldosas e não deveriam ter contato com outras. Foi quando Abril chamou minha atenção. Pelo visto, fiquei alguns bons segundos pensativo e sem falar nada. — “Oii..?? Está tudo bem??”, Abril me alertou, me fazendo voltar à realidade. Com um susto, voltei, sorri para Abril e tentei continuar como se nada tivesse acontecido. — “Desculpa, me perdi nos meus pensamentos aqui. Mas voltando, como você lida com isso tudo hoje? Sua relação com sua família, com você mesma, com seu corpo e tudo o mais? Como você vive e sobrevive hoje?”, abri um sorriso meio amarelo e percebi que eu estava com um olhar piedoso. Não me senti muito bem em expressar esse olhar.

— “Eu apaguei boa parte da minha memória sobre o que aconteceu naquelas noites. Recentemente, fazendo tratamento, me lembrei de algumas coisas. Já tentei me matar e até hoje, passo no médico por conta disso. Eu tenho problemas com toques gelados no meu corpo. E depois dos abusos, eu não gosto de sexo, não consigo me apaixonar. Eu me apego muito rápido, mas logo em seguida me desapego. Nunca em 19 anos eu amei alguém...”, Abril suspirou fundo mais uma vez, mas mal terminou e já continuou falando.

— “Não me sinto bonita e tenho baixa auto-estima. Não consigo me relacionar muito bem, deposito muita confiança nas pessoas. Vou ao psiquiatra uma vez por mês e à psicóloga, uma vez por semana, desde os meus 11 anos. Eu fui diagnosticada com transtorno de personalidade Borderline e bipolaridade. Houve épocas que o tratamento me ajudou, mas é algo que eu não consigo mais ficar sem, sabe?”, Abril me olhou como se procurasse uma confirmação ou alguém que a entendesse.

— “É o seu porto seguro ou o que te mantém de pé e seguindo em frente, né?!” Só consegui falar isso. Mas acho que para Abril foi o suficiente, pois vi em seu rosto uma expressão de calma e um sorriso

sincero. Ali acabou nossa conversa e Abril só conseguia me agradecer por ouvir cada palavra com tanta atenção. “ — Obrigada pela oportunidade de falar. Achei que seria apenas uma entrevista formal, mas me senti bem e à vontade em conversar com você”. Um último sorriso esboçado por Abril e resolvemos nos despedir. Não porque não tínhamos mais o que falar, mas porque Abril precisava sair.

“Era em abril, o mês do dia de anos de Pedrinho e por todos considerado o melhor mês do ano. Por quê? Porque não é frio nem quente e não é mês das águas nem de seca — tudo na conta certa!”⁷

⁷ LOBATO, Monteiro. Viagem ao Céu. O mês de abril. Capítulo 1 - P 3. Editora Brasiliense — São Paulo 10 Ed. — 1960. 165p.

MiAIO



Tratar de abusos de terceiros era mais fácil do que sofrermos um. Até porque, naqueles momentos, usávamos somente a empatia como sentimento, não a própria experiência. Depois de meses imersos no assunto, lendo notícias, discutindo o tema e ouvindo histórias dos colegas, as lembranças de casos que aconteceram com as pessoas ao nosso redor foram aparecendo. Foi assim que consegui ver, no semblante de Maio* — que sempre participava das conversas do nosso grupo por, simplesmente, gostar da temática e do engajamento feito por nós —, que uma lembrança tinha vindo à tona. Aquelas lembranças, que são apagadas da nossa memória, seja sem querer, por não termos ainda a devida consciência ou propositadamente, por não nos fazerem bem. Eu costumo dizer que é trauma, mas quem sou para saber assim sobre psicologia?! E foi ao perceber sua feição tão agoniada, que resolvi conversar com Maio, longe do nosso grupo de amigos.

Maio tinha cabelos castanhos longos, sempre um sorriso no rosto, mas já estava exausta da maratona trabalho/faculdade que vinha tendo nos últimos anos. Os olhos, também castanhos, sempre traziam um brilho. Que fosse da satisfação com a vida ou da alegria em ter escolhido a profissão certa. Ela sempre deixava aquilo bem claro: que, na faculdade de Jornalismo, tinha se encontrado, diferentemente de outros cursos que havia feito. Entre sua ironia (bem premente) e paciência (quase pouca), era perceptível sua necessidade de desabafo; sua expressão não conseguia esconder, quando então eu decidi perguntar:

— Que cara foi aquela que você fez quando uma das meninas estava contando do abuso sofrido na infância? — perguntei logo, já que entre nós nunca houve rodeios. E Maio já foi logo confirmando o que eu imaginava.

— Lembrei de algo que aconteceu comigo quando era bem nova — Respondeu ela, ainda com uma expressão confusa e assustada. Foi quando resolvi pedir que ela participasse do meu trabalho e das pes-

*Nome fictício.

quisas que estava fazendo para colher depoimentos. Ela, sem hesitar, respondeu logo que sim. Combinamos então um encontro já para o próximo fim de semana.

O dia das mães – e com ele, também o tradicional mês das noivas em terras tupiniquins, de Maria, das flores e da feminilidade¹¹ - havia passado. Foi-se a doçura da data. Como estávamos em mês de transição de estações, o tempo estava ameno, apesar de anunciar que o frio logo chegaria. Eu acordei cedo naquele dia, me preparei para o bate-papo que teria mais tarde com Maio. Mais que uma preparação acadêmica, me preparei, psicologicamente, para o que viria. Não conseguia esquecer seu olhar, nem sua expressão daquele dia. Tomei meu banho, vesti uma roupa meia-estação, peguei meu casaco de couro e fui até nosso encontro.

Maio mora em um bairro familiar e antigo de BH. Apesar das suas estadas fora do país, sempre morou ali. Cheguei um pouco mais cedo que o combinado e Maio já me esperava. Bati o interfone e, logo, fui atendido. Ao entrar no prédio e pegar o elevador, comecei a sentir uma certa ansiedade. O elevador, que era um tanto lento, fez com que minha ansiedade diminuísse, pois, durante a subida, consegui respirar fundo e chegar mais tranquilo até o apartamento. Quando saí do elevador, Maio me aguardava na porta com aquele sorriso amigável de sempre, me dando um abraço caloroso e boas-vindas à sua casinha.

— Não repara na minha humilde casinha. Entra e fica à vontade.

¹¹ O mês de maio é marcado pela devoção à Virgem Maria; é um mês em que muitos casais se unem pelo sacramento do Matrimônio e o mês em que comemora-se o dia das mães. Dedicar o mês de maio, também o “mês das flores” no hemisfério norte, à Maria, é uma devoção secular. Na devoção aos santos, a de Maria ocupa um lugar especial. Ela é a Santa Maria, a Mãe de Jesus Cristo, a Mãe de Deus e a Mãe da Igreja. O segundo domingo do mês de maio é o dia das mães. A comemoração tem origem na mitologia grega. Quanto a esse mês também ser dedicado às noivas, uma tradição leva aos países do hemisfério norte.

Já deixei uma cerveja gelando. — Disse Maio, com aquele sorriso malicioso, apesar do motivo da visita. Mas eu não esperava menos que isso. Com Maio, era tudo mais leve; e final de semana sem beber com os amigos não existia. Logo me sentei e já fomos falando de assuntos banais enquanto me servia um copo:

— Sabia que teria uma cerveja à minha espera. Estou com sede mesmo. — Dei uma risada, brindei e me servi de um gole daquele líquido gelado para tentar amenizar o nervosismo que tomava conta de mim.

— Podemos começar a hora que você quiser. — Disse Maio, com a objetividade de sempre. Sentou-se ao meu lado e eu comecei a me preparar.

— Vou gravar tudo, se você não se importar. — Falei, já colocando o celular em cima da mesa. Tirei um bloco e uma caneta, caso quisesse anotar algo, apesar de saber que, dificilmente, usaria. Quando vou para esse tipo de entrevista, gosto de perceber as reações das pessoas e de sentir junto com elas. — Estou pronto. Vamos lá!. — Falei, em tom, estranhamente, um tanto animado. Maio respirou fundo, me deu um sorriso murcho e já logo começou:

— É uma daquelas lembranças que quis deletar da minha memória. Apaguei por anos, mas veio à tona com o assunto sobre Abuso e, principalmente, quando comecei a escutar as histórias dos outros e a me questionar se, em algum momento, já tinha sofrido algum abuso além dos corriqueiros, apesar de nada agradáveis, como cantadas na rua, por exemplo. Quando percebi que sim, que já tinha sofrido abuso e que não consegui reagir, fiquei muito assustada. Mais assustada ainda por ter me lembrado — e constatado — só agora. Acho que minha surpresa foi ter conseguido deletar da minha mente durante tantos anos. — Seu olhar estava direcionado para o copo, como se fosse encontrar ali a explicação para tudo aquilo.

Apesar da nossa intimidade, fiquei sem saber se perguntava o que tinha acontecido ou se esperava ela continuar a falar. Mas resolvi mostrar que estava ali, prestando bastante atenção na sua angústia,

quando disse:

— Foi o jeito que você deu para lidar com a situação. — Tentei apoiar e, de certa forma, dar a explicação que ela procurava.

— Me conta como foi. — pedi para Maio, que já meio cabisbairra, começou:

— Quando a gente é criança, ir para a escola é divertido, né?! E quando eu falo ir, é o trajeto mesmo, sabe?! Até porque, às vezes, a escola traz umas responsabilidades tão cedo, que a gente não entende bem. Então, o caminho pra mim sempre foi sinônimo de diversão. Eu acordava cedo, que nem era cedo assim, mais ou menos umas 9 horas; enquanto assistia a um desenho, eu tomava café da manhã, fazia o ‘Para Casa’... — Naquele momento, Maio soltou uma risadinha gostosa, cheia de nostalgia e continuou a falar:

— Tomava banho, me arrumava. Tinha uma vaidade enorme na época. Almoçava e descia pra portaria do prédio para esperar o escolar chegar. Ficava toda feliz nessa hora, fora a ansiedade. Meu escolar era um ônibus, daqueles grandes, com bancos de couro marrom, chão metálico, barras de ferro para a gente se segurar e não cair, bancos altos, bancos baixos e apenas um banco sozinho onde sempre ficavam as caixas de balas, bombons, chicletes, chup-chups que a auxiliar do motorista vendia. — Mais uma vez, ela soltou aquela risada. Essa parte da história deixava Maio, visivelmente, feliz, demonstrando ter aproveitado bem sua infância. Ela conseguia me dar bastantes detalhes sobre sua história. Por isso, fiquei confortável em não ter que interromper. E Maio continuou falando:

— O escolar era cheio de crianças, de várias idades, brincando e conversando. Fora que o corredor era enorme e dava para transitar à vontade. Tudo bem que não era permitido ficar andando, pulando, correndo pelo corredor do ônibus, mas de vez em quando, essas regras eram levemente quebradas. Sabe como criança é, né?! Gosta de fazer o que é proibido. E na época, a gente brincava de Elástico, Amarelinha, Adedanha, Adoleta etc., as brincadeiras preferidas da turma toda. A ida pra escola era muito boa, realmente.

Naquele momento, interrompi Maio rapidamente, pois tive a curiosidade de saber como era a volta da escola para casa, já que enfatizava tanto a ida. Acho que foi a curiosidade que me bateu na hora ou foi o instinto – jornalístico e pessoal - de achar que havia algo errado.

— E como era à volta para casa? Era tão divertida quanto à ida? — Perguntei de imediato, com uma sensação de que captei alguma coisa na história, talvez o ponto principal. Maio me olhou, seu olhar mudou, ficou um pouco menos feliz, mas ainda brilhava.

— A volta era mais quieta. Já não tínhamos o sol para dar aquela iluminada. E depois de um dia de estudos e brincadeiras, não tinha como, a animação dava lugar para o cansaço. Todos voltavam sentados, quase sem muita bagunça. — À medida em que ia contando, seu olhar baixava em sentido ao chão e, juntamente, com ele, a cabeça também abaixou. Ela deu um gole na cerveja e continuou. — Mas sempre aquele falatório de criança. Era um caminho longo, eram muitas escolas para passar, muitas crianças para pegar. Então, havia muitas para deixar em casa também. Enfim, era um tanto cansativo o trajeto de volta. Até porque eu era uma das últimas. O motorista do escolar me conhecia desde que nasci, me levava para tudo que era canto, era um familiar meu. — Maio sorriu novamente e seu olhar deu lugar à felicidade de novo.

Até então a minha sensação era de que Maio estava confortável em contar detalhes da infância.

— Como estava falando da ida, era mais ou menos assim: cada um escolhia seu lugar, óbvio que quem chegasse primeiro escolhia o seu preferido. A gente gostava de sentar do lado dos amigos ou então, nas cadeiras mais altas. Nossa... essas eram sempre as mais disputadas. Mas tinha muito erro não! E quando não conseguia nenhum dos dois, o que sobrasse estava valendo. Até porque, criança não liga muito para essas frescuras. Essa foi a minha rotina da primeira à quarta série. Eu estudava nessa escola já tinha 3 anos e esse ano erro o meu último lá. Eu ia formar na 4ª série e ia ter que mudar

de escola. Então, já estava com aquele medinho do novo que seria o próximo ano. As crianças já eram familiares demais, estávamos juntas todos os dias. Mesmo eu não conversando e brincando com algumas delas, seus rostos eram conhecidos. Ali era meu ambiente confortável, divertido e seguro. Era o momento do dia em que mais gostava.

Foi nesse momento que o seu semblante mudou. Dali para a frente, não vi Maio sorrir mais. A tensão tomou conta de seu corpo e dava para ver alguns músculos se contraindo, além da mão, que estava sempre mexendo com alguma coisa: copo, guardanapo, forro da mesa, qualquer coisa. Da primeira parte do seu depoimento para a que viria a seguir, Maio fez, exatamente, como a mudança de estação que ocorreria naquele mês. O verão já havia passado, o outono já havia se instalado e trazia consigo o inverno, em que os dias ficavam mais frios.

— Como foi o dia em que o abuso ocorreu? — Temi ter sido direto demais, mas não consegui perguntar de outra forma. Acho que, nessa hora, estava bastante ansioso para saber o que tinha acontecido. Maio me olhou tranquilamente. Quando se levantou, buscou mais uma cerveja, serviu nossos copos e se ajeitou na cadeira, para, então, relatar:

— Em dias mais quentes, o uniforme era sempre o mais fresquinho possível. Eram aqueles uniformes padrões de escola pública. Um short azul marinho na altura do joelho, uma blusa cinza sem manga, uma meia na canela e um tênis confortável o suficiente para poder correr até falar ‘chega’. Eu tinha o costume de usar o cabelo preso em um rabo de cavalo com gel. Naquele dia, a ida ficou marcada na minha memória. Lembro como se tivesse sido ontem, pois nunca tinha me divertido tanto. Como minha brincadeira preferida era pular elástico, inventei de fazer aquilo dentro do Escolar. Não podia, pois era bem perigoso, mas eu pulei assim mesmo. Pular elástico com o ônibus em movimento ... era cada ideia... Pulei e as outras crianças ficaram espantadas. Me acharam o máximo. Eu era quase um herói ali. Fui para a aula toda satisfeita e com o ego super inflado.

Parei nesse momento, sorri para Maio e tentei dar uma quebra na sua expressão.

— Tem sempre um doido para fazer umas ideias malucas mesmo. Pelo visto, você era o capeta na infância. Mas que delícia, pelo menos curtiu da melhor forma. — Comentei. Nessa hora, Maio concordou comigo e abriu um leve sorriso. Então, pedi: — Pode continuar. — E ela prosseguiu.

— Não me lembro como foi o dia na escola, mas me lembro que, na hora de sair, ainda estava sentindo aquela alegria da ida. Afinal, fiz algo inédito. Fui caminhando sorridente para o ônibus. Como a minha era a primeira escola a ser pega, sempre corria para conseguir pegar meu lugar favorito, que era o banco alto. Lá, eu conseguia ver todos e, ao mesmo tempo, me sentir tão grande, já que era baixinha... Minha mochila era grande e pesada. Eram tantos livros e cadernos... Mas assim que eu podia, já os colocava no chão do ônibus. Se não fosse no chão, ia nas costas, logicamente, apoiados no banco. O importante era tirar aquele peso. Todo mundo se acomodou e começamos o trajeto de passar nas outras escolas. Mais ou menos na quarta escola, havia um menino que sempre me incomodava. Era mais ou menos da minha altura, mais novo que eu cerca de um ou dois anos, tinha o cabelo raspado, tipo careca e era encorpado. Tinha mãos grossas, pele clara e o rosto cheio de manchas, que me davam a impressão de estar sujo. Apesar da nossa pouca idade e da falta de malícia na época, eu conseguia perceber nele um olhar maldoso, perverso, dissimulado e cheio de desejo — Maio agora estava como uma expressão de raiva, mas continuou, calmamente: — Parecem palavras pesadas demais para um menino em uma idade tão inocente. Mas não era. Todos os dias, eu me incomodava quando ele chegava. Nunca dei muita importância pra aquele sentimento, até porque, nessa idade, não sabemos perceber esses sentimentos. Mas era impressionante: era ele chegar que eu ficava tensa. — Era muito estranho para mim alguém conseguir descrever tão bem o sentimento. Mas, mais estranho ainda era pensar que uma criança, tão nova,

tivesse tamanha maldade. Fiquei pensando o quão cedo era para alguém se tornar perverso. Não aguentei e tive que comentar:

— Me assusta uma criança ter essa maldade tão cedo. Fico pensando se foi erro dos pais, em darem exemplos errados, não conversarem e perceber a criança ou sei lá o que. Enfim, pode continuar. — Dei um sorrisinho sem graça, pois percebi que desabafei. Ela concordou.

— Nem fala, realmente é difícil de imaginar o porquê. Mas, continuando, lá se foi o ônibus cumprir mais um dia, passando de escola em escola, buscando todas as crianças para levá-las para casa e assim, concluir mais um dia. Mas esse dia foi diferente. O ônibus já havia passado por algumas escolas, já estava cheio de crianças, mas havia uns poucos lugares ainda. Não sei por que estava sentada sozinha: se era porque minhas amigas estavam no banco da frente e não havia mais nenhuma para sentar-se ao meu lado ou se preferi me sentar sozinha mesmo, por escolha. Enfim, um detalhe de que jamais vou lembrar, apesar de ter tentado bastante. Quando chegou em uma certa escola, que nem lembro mais o nome, ele entrou. E eu comecei a perceber que ele veio me acompanhando com os olhos, por todo o corredor. Eu tensa, já começava a rezar para não ser do meu lado. Mas, naquele dia, eu não consegui escapar. Ele veio caminhando com aquele olhar carregado, um sorriso malicioso. — Maio começou a mudar sua expressão; além do nojo estampado no rosto, seu corpo se contraiu todo, como se ela quisesse tirar algo dela. Então, continuou.

— Ele, assim que entrou, já tinha visto o banco, do meu lado, vazio. Se sentou e eu continuei conversando, ignorando que ali estava alguém que me incomodava tanto. Mas ele não deixou que eu o ignorasse. De repente, no meio da conversa com minhas amigas, esse DE REPENTE é, tipo, em letras garrafais... Na verdade, eu acho que eu estava conversando com alguém, não me lembro bem. — Maio pareceu estar muito confusa, mas tentando puxar da memória algo mais claro. Ficou uns segundos pensativa e depois, continuou:

— De repente, senti uma mão áspera passando do seu joelho até o interior de sua coxa. Nada muito próximo da minha *pepeca*, mas ali, já foi abusivo demais para mim, ainda mais tão nova. Assim que aquela mão tocou minha pele —, pois eu, azarenta, estava de short —, simplesmente, congelei. Meus olhos arregalaram, meus músculos contraíram, minha coluna ficou ereta como nunca havia estado antes, nem mesmo quando minha mãe mandava eu sentar direito. O pavor ficou estampado no meu rosto, assim como a tensão mostrava o terror no meu corpo. — Naquele momento, eu contrái todos os meus músculos, como se estivesse sentindo o que Maio havia sentido. Arrepiei inteiro; minha expressão era de raiva e nojo ao mesmo tempo. Não sei se foi porque ela deu detalhes do ocorrido, mas entrei na história e consegui imaginar cada cena contada. Maio, com o olhar baixo, continuou a história:

— Eu não sei como, mas vi ele sorrir e ficar me olhando enquanto passava a mão pela minha coxa. Era uma satisfação muito visível para alguém tão novo, sabe?! Eu não sei quanto tempo durou e como ninguém viu. Não lembro quem desceu primeiro, como que cheguei em casa e se senti alguma coisa após o ocorrido. Mas fiquei sem entender por que aquilo estava acontecendo comigo. Dali para a frente, todo dia, a volta da escola para casa era um martírio. Lembro de tentar fazer com que o tempo passasse devagar ou que parasse. Ridículo pensar isso hoje, mas para uma criança, nada é impossível. Então, ficava tentando. — um sorrisinho chegou a esboçar em sua boca, mas parece que Maio o segurou para continuar contando.

— Eu sempre entrava no ônibus tensa e rezando para sentar ao lado de alguém, para nunca deixar um espaço vago do meu lado, qualquer coisa. Ao contrário do normal, eu comecei a esperar que todo mundo sentasse, que todos escolhessem seus lugares, que ocupassem até meu precioso banco preferido, para depois escolher o meu. Eu tentava sempre escolher do lado de alguém, mesmo que esse alguém fosse desconhecido ou nem tão próximo. Eu preferia sentar ao lado de uma criança com quem não tinha afinidade do que

sentar ao lado do menino novamente. E foi assim... uma luta diária. Algumas vezes eu consegui; na verdade, na maioria delas, tive sucesso na estratégia. Ele que não gostava muito de ver que não ia se sentar do meu lado. Quando ele entrava e percebia que não teria lugar do meu lado, o sorriso maldoso e o olhar de desejo davam lugar a um rosto sério e cheio de raiva. Isso me assustava ainda mais.

Ela então tomou mais um gole de sua cerveja e decidiu fazer algo para comermos. Eu, ainda em estado de choque, fiquei paralisado na cadeira alguns segundos. Ela me perguntando o que eu queria e eu, sem conseguir responder... Até que ela bateu uma palma e eu saí do meu transe. Voltando para a realidade do local, respondi que estava sem fome; mas ela foi para a cozinha mesmo assim. Não demorou 5 minutos, ela voltou com petiscos para comermos e mais uma cerveja. Agradei, pois estava precisando de algo depois de chegar àquele ponto da história.

— Foi só uma vez então, né? Ele não conseguiu mais te tocar, certo? — Perguntei inocentemente, tentando colocar fim em algo tão nojento. Maio apenas sorriu, ironicamente, me olhou como quem dizia “Pobre inocente!” e respondeu, na maior calma:

— Adoraria que tivesse sido só uma única e singela vez. Mas tinha dias que minha estratégia *brilhante* dava errado. E mais uma vez, o único lugar que sobrava era do meu lado. Como eu sempre pensava no terror que era aquela mão passando por mim, eu já imaginava formas de tentar impedir também. O engraçado era que nunca pensava em mudar de lugar, ficar em pé etc.; eu apenas aceitava o fato de que ele poderia se sentar do meu lado e que eu tinha que colocar uma barreira, um obstáculo para que ele não conseguisse colocar a mão na minha perna novamente. — Dessa vez, Maio balançou a cabeça de forma negativa, como quem pensava em como foi ingênua em acreditar que ele passaria a mão somente em sua perna.

— Eu costumava deixar a mochila no chão, entre meus pés, mas naquele dia, quando ele entrou e se sentou do meu lado, eu a coloquei em cima das minhas coxas, pensando que ele não conseguiria

chegar na minha perna, sendo que minha mochila estava por cima. Ideia *brilhante*, jamais daria errado. Me senti segura e extremamente satisfeita com minha solução. Dei até uma risadinha de satisfação. Venci. Só que o menino tinha a maldade mais a florada do que eu podia imaginar. EU, tranquila, continuei fazendo o que estava fazendo, adoraria lembrar o que... até que senti novamente aquela mão áspera e grossa. O susto foi dez vezes maior dessa vez. Eu, muito rápido pensei: não tinha como ser na coxa, pois minha mochila tampava minhas pernas, barriga, peitoral. Não sobrava espaço livre para que ele me tocasse. Mas estava errada. Podia não estar livre, mas ele achou um espaço para me tocar sim. Dessa vez, eu senti sua mão no final das minhas costas, na altura do cóccix, sabe? Bem no início da minha bunda. Eu, mais uma vez, congelei. Não consegui reagir de jeito nenhum. O estado de choque era tão grande que me paralisava. Só que, dessa vez, eu não conseguia ver nada ao meu redor, não conseguia ver o rosto do menino, não conseguia ver as pessoas ao meu redor. Só conseguia sentir aquela mão deslizando pelo seu bumbum e o nojo daquele ser. — Via no seu olhar um vazio enorme, ela se contorcia cada vez mais. E eu, incrédulo com o que ela estava contando. Percebia na sua voz o desconforto, o desconforto de falar sobre aquilo pela primeira vez. Via seu rosto ficar levemente rosado, de vergonha, por ter acontecido aquilo, como se a culpa fosse dela e não dele. Eu então perguntei mil coisas que passavam pela minha cabeça, como se estivesse eufórico; de uma forma ruim, mas eufórico:

— E depois? Como você ficou? Porque não contou pra ninguém? Aconteceu quantas vezes? Durou quanto tempo?. — Respirei fundo, parando de falar. Maio pareceu ter ficado um pouco assustada com tantas perguntas ao mesmo tempo e, simplesmente, retomou de onde havia parado:

— Mais uma vez não me lembro do pós. Lembro que fiquei paralisada por muito tempo. Ou pelo menos acho ter sido muito tempo. Eu tive a impressão, naquele momento em que a mão deslizava, que o mundo girava, tudo ao meu redor ficava borrado e o enjoo era muito

forte. Mas como eu lidava com isso em casa, eu não tenho ideia. — Percebi que ali, ela já estava exausta de tentar se lembrar de alguns detalhes importantes. Mas ainda assim, ela concluiu seus pensamentos:

— Tenho a sensação de que, enquanto não chegava a hora da volta no escolar, tudo era tranquilo, que a ida era normal, apesar de ele também ir. Mas ele nunca chegava perto de mim na ida. Parecia que não queria naquela hora, somente na volta. Então, eu não lembrava, não ligava, vivia normalmente e feliz. Como se não tivesse acontecido. Mas, quando chegava a hora de entrar no escolar para voltar para casa, tudo mudava. A tensão vinha novamente e o pavor me acompanhava a cada segundo. Então, a cada dia que passava, pensava em uma possibilidade de tapar os lugares em que ele passava a mão. — Tomei um gole da minha cerveja, aliviado de a história ter acabado e já pensando no que eu poderia dizer depois daquilo tudo. Mas eu estava errado de novo. Ela ainda tinha mais para contar:

— Fiquei me protegendo com a mochila para tentar impedi-lo. E como o último abuso foi na bunda, lá fui eu pensar em algo que, na minha cabeça, ia dar certo. Quando me sentei no banco, já fui colocando a mochila em minhas costas, de forma que eu apoiasse o corpo nela. Minha retaguarda estava protegida. Não teria como ele chegar perto. Eu ainda dava um jeito de apertar as costas na mochila, de forma que eu não deixasse espaço algum, nem para uma agulha passar. Imagina então a mão dele... Jamais passaria ali. — Engoli seco ao esperar ela tomar sua cerveja e comer algo. Mil coisas passavam pela minha cabeça, mas a principal era: “Aonde esse menino vai tocar agora? Será que nos seios de Maio?”. Foi quando ela continuou:

— Tudo ocorreu como sempre; ele entrou, sorrindo e olhando como sempre... E eu já estranhei, pois como ele poderia ter o ar de vitória no rosto, sendo que eu já tinha pensado em tudo? Pois mais que depressa, ele voltou para a região inicial. A mão foi direto para o meu joelho e coxa. De novo. Eu não lembro de estar em algum momento usando calça. Simplesmente não lembro. — E foi assim que ela terminou. Me olhou ao fim da frase, com um sorriso de sa-

tisfação por ter chegado ao fim. Eu permaneci ali, parado, digerindo suas palavras por alguns segundos. Até que, simplesmente, agradei por ter confiado em mim.

— Lembranças como essa, que foram apagadas pelo trauma do toque, são pesadas, que você não entendia por que estava acontecendo, mas tinha a percepção de que não devia acontecer. Queria só te agradecer por ter confiado em mim, por ter se aberto dessa maneira. Sem palavras. — Eu não sabia como me expressar naquele momento. Ela, gentilmente, me retribuiu o carinho:

— Não precisa agradecer. Engraçado como tinha uma percepção talvez passada pela minha mãe, que dizia que ninguém podia me tocar sem que eu quisesse. Ou se eu apenas tinha a percepção de que, se não quero, não devia acontecer. Não sei quanto tempo durou. Eu nunca contei aquilo para ninguém. Simplesmente apaguei da minha memória e essa lembrança veio à tona após 20 anos. Já vi tantas notícias de abusos circularem, que me ver na posição de abusada é meu dever; ajudar, com minha história, outras pessoas a falarem, denunciarem, exporem os abusadores. Colocar um ponto final na parte sombria de sua história. E dar a oportunidade de continuá-la, da forma como quiser.

Ela terminou de falar e já foi levantando para me dar um abraço, como quem dizia: obrigada... Finalizamos o assunto sobre abuso ali. Depois, só o que fizemos foi falar besteira e rir da vida, tomando uma cerveja e comendo um petisco. Coisas simples que a faziam bastante feliz. É assim que histórias começam e terminam, como quando acaba um mês e iniciamos outro. É um recomeço.

“Maio já está no final; é hora de se mover, pra viver mil vezes mais. Esqueça os meses; esqueça os seus finais; Esqueça os finais”¹²

¹² Composição: George Israel / Paula Toller – Interpretação: Kid Abelha.

JUNHO



Por mais que todos nós tentássemos — e como estávamos tentando...! Nos afastar de ter aquela cara de quem gostava de assuntos polêmicos, era impossível não perceber a nossa preferência por temas que mexiam com as pessoas. Ou melhor, que mexiam conosco.

Eu estava tão imerso por toda aquela nuvem de depoimentos, que me via, vez ou outra, inserindo o assunto em conversas banais de ponto de ônibus com desconhecidos, em uma ligação para a minha mãe, em um bate papo tranquilo, em uma mesa de bar entre os amigos que não eram da faculdade.

Foi exatamente em um desses bate-papos despreziosos que perguntei, as meninas que faziam parte do meu grupo de amigos mais antigos, o que pensavam sobre abuso e assédio. Junho*, que é um dos meus amigos mais antigos, riu e disse que aquilo não existia. Eu não me lembrava ao certo se já tinha discutido com ele daquela maneira, mas Junho parecia tão certo com suas opiniões quanto eu com as minhas.

Discutimos sobre o abuso que os homens cometem contra as mulheres e ele sempre parecia ter um argumento para revidar. Até que eu, no auge do meu falso conhecimento sobre a cultura do Estupro e sobre quem eram as vítimas dele, disse que cada pessoa, independentemente de gênero e sexualidade, é atingido de alguma forma pela cultura do estupro. Junho me olhou confuso e eu gargalhei. Aquilo era normal; até mesmo para nós, que estávamos enfiados na cultura do estupro até os cotovelos, a ideia ainda era um pouco distante e turva.

Junho, que já estava um pouco alto pelas cervejas, acabou por me confidenciar que um primo tentou abusar dele, quando ainda era uma criança. Apesar das cervejas e do calor da nossa discussão, consegui entender que aquele assunto ainda era espinhoso para Junho. Eu, apenas para inflar o meu ego, olhei para Junho e disse: “Isso

*Nome fictício.

é mais que uma prova que a cultura do estupro existe”. Ele deu de ombros, aceitou sua derrota e assentiu para mim com um sorriso, finalmente entendendo que ele também era uma vítima.

Passou um tempo até que eu tivesse coragem de perguntar a Junho de novo sobre o que tinha acontecido. Quando as entrevistas começaram, mandei uma mensagem despretensiosa para Junho, perguntando se ele não se importaria em me dar seu depoimento sobre o que tinha acontecido com ele. Para a minha surpresa, a resposta foi positiva.

Marcamos o nosso encontro para um final de semana, na minha casa. Quando Junho passou pela porta, visivelmente desconfortável, se deparou com a casa cheia de pessoas. Aquilo, realmente, não estava nos meus planos, muito menos a bebedeira como que um brinde. Aproveitamos o sábado com tudo o que ele podia nos dar.

Percebi que Junho estava feliz, mas para mim, a ideia de confrontar um amigo pessoal sobre uma experiência tão dolorosa me deixou pensativo. Meu maior medo era parecer imparcial e frio durante a entrevista. Mas resolvi deixar as minhas questões de lado para aproveitar aquele momento de lazer com meus amigos.

Na manhã de Domingo, por uma ironia do destino, todos os meus ilustres visitantes saíram. E eu e Junho podemos finalmente conversar. Ele se sentou em um lado do meu sofá de canto e eu me acomodei no outro. Junho estava confortável e à vontade. Eu gostava que ele tivesse essa sensação estando na minha casa.

Apesar da corrente de ar frio que entrava pela janela, Junho parecia tranquilo sem a sua camisa. Perguntei a ele se podíamos começar e ele assentiu com a cabeça.

— Bom, venho de uma família tradicional... Bom, eu acho que é tradicional. Meus pais são evangélicos, eu era filho único até então. Eles sempre respeitaram muito a minha individualidade. A gente morava no lote com meus avós e com alguns dos meus primos. — Junho começou a falar, visivelmente desconfortável com toda a situação. Como uma proteção, afundou os olhos castanhos no fun-

do da xícara de café que trazia junto consigo. — Mas foi tranquilo, cada um num espaço, respeitava. Às vezes era todo mundo junto, um almoço, essas coisas. Almoço de família, coisa mais tradicional de família mesmo.

— Seus pais mantinham uma conversa com você sobre sexualidade? — Eu me meti, pela primeira vez, em seu relato.

— Não. Com relação a isso, até por serem evangélicos, eles eram mais fechados. Não falavam sobre isso e até hoje não falam.

— E eles te ensinaram que as pessoas não podiam te tocar ou que você tinha que respeitar esse espaço dos outros? Eles te preveniam sobre alguma coisa? — Respirei fundo enquanto questionava o meu velho amigo Junho. Ele ergueu os olhos para mim, visivelmente desconfortável com aquela situação.

— Não. Que eu me lembro, não chegaram a me deixar claro assim não. Nunca me falaram, não. Normal. Eles ignoraram. — O desconforto do meu velho amigo era tão grande que era quase palpável. Abaixei a cabeça por um momento e deixei que ele bebesse um longo gole do seu café. Em seguida, perguntei:

— Você acredita que essa questão do assédio seja cultural, de um ser humano com outro? — Ele respirou fundo entre uma golada e outra e respondeu:

— Bom, acredito que seja uma coisa meio implícita. Uma coisa mais que a gente vai vendo exemplos, vai vendo através de exemplos. Em filmes, músicas. Você acaba, implicitamente, vendo isso como uma referência. Eu acredito que tenha um pouco disso sim, que leva a gente a pensar isso. — Ele argumentou, sem muito jeito e me deu aquele olhar provocativo que eu conhecia muito bem.

— Como foi seu caso de abuso, como aconteceu? — Disse, com calma enquanto entrava naquele assunto pantanoso e difícil. Junho me olhou com desconfiança e soltou o ar lentamente pela boca, então começou, como se andasse sobre a água congelada.

— Bom, eu tenho um primo meu, e... Na época eu era um dos netos mais novos e ele era mais velho que eu. E como a gente morava

na casa com meus avós e com meus pais, a gente sempre convivia com todos os netos. E... Eu sempre gostava de brincar com todos os meus primos e meu primo também gostava muito de brincar comigo, apesar dele ser bem mais velho que eu, talvez uns seis ou oito anos. A gente sempre brincava.

Eu não podia deixar de perceber todo o desconforto de Junho enquanto ele me confiava aquelas coisas, coisas que eu sabia que ele guardava consigo como um segredo. Ele então continuou:

— E de repente, as brincadeiras começaram, não sei, a ficar diferentes, com brinquedos; começou a ser uma coisa mais corporal. A brincadeira começou a ficar mais física. E... Eu achava estranho, mas tudo bem, a gente continuava brincando. Então, um dia, meu primo começou a... Me pegar demais e tudo... A gente brincando e ele pediu pra fazer um sexo oral em mim. Começou a abaixar minha calça e eu falei pra ele: “*Não! Não faz isso, não! Eu não quero, não!*” Isso eu tinha uns seis anos de idade. Aí beleza, ficou tudo normal. Continuei brincando com ele. Não tinha noção do que era, da dimensão que aquilo tinha. Aí, beleza. Achei meio estranho, meio que fiquei mais na minha, mais fechado. Mas com o tempo, fui voltando a brincar... Quando a gente é criança, a gente esquece as coisas rápido”.

Assenti com a cabeça despretensiosamente, me lembrando de tantos outros depoimentos que eu tinha ouvido e que relataram coisas semelhantes. — Depois, eu já tinha mudado pro interior, *acabou* que ele foi passar uma temporada de férias lá. Ele e minha prima e aconteceu que a gente *tava* brincando, a minha prima tinha saído com o pessoal lá de casa, com a minha outra avó. E ficamos nós dois dentro de casa e a gente brincando... Aí ele pediu pra eu masturbar ele. Eu ainda estava com seis anos, eu nem sabia o que era isso, tinha nem ideia do que era isso. E... Eu cheguei a fazer, eu não sabia o que era, então acabou que... Que eu cheguei a masturbar ele, não sabia o que era.

Junho desviava o olhar, pontualmente, para a janela, evitando me olhar nos olhos. Talvez por medo de encontrar algum traço de

juízo em mim. Mas se ele tivesse me olhado, teria percebido que jamais tínhamos estado tão próximos como naquele momento.

— E ele ficava sempre em cima de mim, brincando com umas brincadeiras mais físicas e eu já comecei a tentar sair fora, a tentar sair porque eu não gostava da brincadeira. Não queria e acabou que, com isso, a gente foi até se afastando. Se afastando muito. Até hoje a gente tem essa dificuldade de dialogar entre nós, porque é uma coisa que me marcou bastante. Que eu não quero ver acontecer de novo. — Com muito cuidado, Junho concluiu, sem dar muita ênfase a nada.

— E Hoje em dia você tem convívio com ele? — Perguntei, sem jeito.

— Muito pouco. — Junho respondeu. — A gente se encontra assim, uma vez no ano em alguma reunião de família, conversa pouco, mas por educação. Não tem isso de bater um papo com ele. Não consigo.

— E hoje em dia, qual a sexualidade dele? — Questionei.

— Ele é homossexual. — Junho disse com certeza e desviou o olhar mais uma vez, para a janela, onde o vento gelado castigava as árvores, como um anúncio de que o Inverno já estava ali, entre nós.

— E você comentou isso com alguém, na época? Você chegou a comentar com seus pais ou seus avós? — Perguntei.

— Eu não comentei com ninguém. Não! — disse ele.

— Qual era o seu medo de comentar isso com alguém? — Eu insisti no assunto mais um pouco e vi a insegurança tomar seus olhos castanhos como uma tempestade.

— Bom, não sei. Eu tinha... Como eu não sabia de nada, não sabia o que era, eu tinha vergonha de falar alguma coisa pra alguém. Ainda mais com uma pessoa da família assim... Não sei, eu ficava... Sempre fui uma pessoa muito fechada. Uma pessoa muito na minha. Depois disso e de umas coisinhas que aconteceram entre a família, eu acabei me fechando demais. De uma criança alegre, eu passei a me fechar. Muito, mais muito mesmo. Aí, eu comecei a me tornar

uma pessoa muito tímida. Não conversava isso com ninguém, tanto que eu fui abrir isso pra alguém, que foi pra você. Posteriormente, pra uma prima. Mas isso já tinha mais de vinte anos, então eu tenho essa dificuldade.

— Prima dele também? — Perguntei, confuso.

— Prima dele também! — Ele afirmou com uma segurança invejável. Nem parecia mais aquele garoto quase apático que se misturava ao sofá.

— E como foi a reação dela? — Disse eu, curioso.

— Ela... Ficou chocada, Falou... Que nunca esperava isso dele. De ele ter feito isso e eu falei pra ela: 'Então, eu também não'. Não sei o que aconteceu, o que que deu na cabeça dele... mas hoje eu tenho a dimensão de saber o que ele tava fazendo. Mas antes eu não tinha. Não sabia o que que.. Ele tava fazendo.

— E ele pedia pra você não contar pra ninguém? Como era a abordagem dele? — Eu insisti mais um pouco, querendo que Junho se abrisse e me contasse tudo.

— Pediu. Bom, ele pediu pra eu não contar pra ninguém. Não de uma forma agressiva. Pediu: '*Não, não fala nada pra ninguém, não. É um segredo nosso aqui. Não conta nada pra ninguém, não*' — Disse ele. Não era mais, nem de longe, aquele cara com que eu tinha discutido meses atrás. Não era mais tão seguro e nem parecia mais ser dono de todos os argumentos do mundo. — E acaba que você, criança, cê... Era um primo que eu gostava dele, considerava ele... Acabou guardando também pra mim só.

— Você acha que essa questão de que você disse que é muito fechado, que não se abre muito com as pessoas... você acha que pode ter influência disso? — Disse eu, mais como amigo do que repórter. Junho olhou novamente para fora, encarando a árvore que enchia o meu quintal e deu de ombros, como se aquilo não fosse importante.

— Pouco sim, um pouco teria influência sim. Talvez seja a somatória disso tudo. — Ele tinha desdém na voz, mas também tinha dor.

— E aconteceu mais algum episódio com você além desse? —

Continuei, mas pude ver o olhar de Junho se perdendo em meio àquele monte de perguntas que eu estava fazendo.

— Além desse, não. Foi só esse. — Ele disse com ares de fim. Resolvi, por alguns segundos, dar a Junho a chance de respirar. Ficamos em silêncio por um tempo e Junho bebeu em café em goles grandes. Ainda estávamos tensos, mas não demorou um segundo para que puxássemos outro assunto e ríssemos de algo que fugia, totalmente, do que estávamos falando. Mas quando Junho respirou, eu voltei a questioná-lo como uma mosca que incomoda, zumbindo no ouvido durante a noite:

— Se você tivesse contado para alguém, poderia ter mudado alguma coisa?

— Bom, talvez eles teriam tratado meu primo de alguma forma diferente. Até reprimido ele. Ou, não sei, proibido ele de conviver comigo. Mas acho que... lá em casa, tentariam fazer isso de uma forma mais conversada. — Ele disse em bom tom; parecia estar cada vez mais tranquilo e parecia estar, finalmente, se abrindo. — Que lá a gente sempre foi uma família de conversar bastante com as pessoas. Tentar resolver as coisas entre si, com conversa, não de forma mais radical.

— E teve mais algum caso que você soube? Não com ele, mas de alguma coisa que tenha acontecido na família?

— Não, nunca soube de nada assim, não. Dentro da família não. Por isso que minha prima ficou chocada quando eu contei pra ela. — Junho respirou fundo e passou os dedos pelos cabelos escuros. A cada vez que eu buscava outra pergunta, Junho me olhava assustado, como se esperasse que aquilo acabasse logo.

— E tem outros primos da mesma idade com quem ele tinha convívio, né? Você acha que tem possibilidade dele ter feito isso com algum outro primo e ele ter reagido da mesma maneira? — Questionei, querendo entrar cada vez mais naquela história tão difícil do meu amigo.

— Acredito que não, porque quando... Eu falei que era um dos mais novos e quem era mais ou menos da mesma idade era a minha

prima, e ela ficava mais na casa dela e quando ela ia os pais dela estavam sempre presentes. — Ele me contou, pude ver como seus olhos buscavam algo para ver e sempre se encontravam com a janela aberta. Junho ficou um longo segundo olhando para fora e depois sorriu. — E os outros já são três anos mais novos que eu, então acredito que não teria possibilidade não. Então acho que outros não chegaria a acontecer não.

— Como que você acha que seu pai reagiria? — Respirei fundo, sabendo muito bem onde estava me metendo.

— Meu pai, acredito que talvez ele ficaria num estado de fúria. meu pai ele é bem nervoso. Muito nervoso mesmo e... Poderia ficar com raiva do meu primo na hora ou xingar ele de alguma forma, mas acredito que agressão não chegaria a acontecer não. — Ele disse aquilo com um certo alívio e completou. — Talvez mais pra frente conversar com os pais dele.

— Alguma mulher já te assediou de alguma forma? — Questionei com cautela tentando trazer Junho novamente para a conversa. Ele respirou fundo novamente e respirou fundo.

— Já. Já fui encoxado no ônibus. Uma ex namorada minha me assediou já. Já chegou a acontecer. — Ele disse meio com um sorriso no rosto. Era como se nem ele mesmo acreditasse naquilo que estava dizendo. Percebi como a ideia de ser assediado era estranha para os homens.

— Como foi essa relação com sua ex namorada, de assédio? — Junho deu um sorriso. Era irônico tocar naquele assunto, justamente, em junho, o mês em que se comemora o dia dos namorados e com o meu velho e bom amigo, Junho. Logo ele que batia no peito para dizer que não havia cultura do estupro e que homens héteros não eram afetados por ela. Junho me olhou com desconfiança e respirou fundo.

— Uma vez no ano, eu tenho uma semana que meu problema respiratório vem e eu fico uma semana de cama. Todo ano acontece isso. Aí, eu passando mal pra caramba e ela foi na minha casa. E tava

até delirando, com muita febre, aí, eu acordei e ela tava me fazendo sexo oral. Olhei assim, a cabeça dela apontada pra mim, me olhando. ‘Quê isso, moça? Cê tá doida, eu tô passando mal e você fazendo isso?’ Ela deu uma desconversada, parou e a gente voltou a dormir. Isso deve ter sido numa quarta. — Eu acendi um cigarro de palha, traguei com força e soltei a fumaça grossa pelo nariz e pela boca. Vi como Junho prestou atenção na forma como eu tragava, enchendo o meu pulmão daquela fumaça tóxica que tanto me acalmava. Ele bebeu o último gole do seu café e continuou.

— Aí no sábado, eu já tava melhor, mas ainda tava com o corpo ruim e doendo. Aí, ela pedia que eu fizesse sexo com ela e eu ainda passando mal, e acabou que eu cedi à pressão e fiz com ela.

— Mas você viu isso como um abuso? Viu como algo forçado? — Ele responde:

— Sim, senti como uma pressão. E ela mesmo pedia pra eu acordar no meio da noite, fazer sexo com ela enquanto ela dormia. Achara estranho pra caramba. Me sentia incomodado em fazer uma coisa dessa, tanto que eu não fazia.

— Quando eu te perguntei a respeito do abuso, essa história não fluiu imediatamente, como uma prioridade. Você acha que o homem heterossexual tem essa relutância ao ver o abuso partindo das mulheres? — Disse tranquilamente enquanto passava o cigarro para Junho.

— Tem. Com certeza. Talvez dentro da nossa criação como homem, fazem a gente programado para abusos. Por exemplo, a mulher ficar relando em você, encoxando você é, uma coisa normal. Talvez você até trate aquilo como: ‘Nossa, que sorte!’ É uma coisa que a gente deixa passar, não vem da forma como se fosse ao contrário. Agora como é uma mulher abusando da gente, a gente não vê isso dessa forma. — Junho aceitou pegar o cigarro em minhas mãos e também tragou fundo, aproveitando a nicotina que tanto nos acalmava.

— Você acha que é muito da criação do homem? De ele não enxergar um espaço dele a ser respeitado em relação à mulher? — Resmunguei, aceitando de volta o cigarro.

— Isso é uma coisa cultural masculina. — Ele concordou. Mal se parecia com aquele garoto que baseava seus argumentos em comentários de uma cantora popular brasileira. De qualquer forma, até mesmo a Pitty¹³ estaria orgulhosa.

— E na sua criação teve alguma coisa disso? Teve diferença da criação que você teve para a criação das suas primas? Elas eram ensinadas a se guardar mais, a se proteger mais?

— Eu não lembro. A minha família sempre foi muito fechada, então a gente não dialogava sobre isso. Dentro da minha família eu não cheguei a ter essa separação de criação, mas o que eu cheguei a ter de diferença mesmo foi na escola. — Junho explicou com mais tranquilidade, ele estava, finalmente, mais calmo. Parte de mim queria acreditar que era minha culpa, mas outra parte acreditava que era por causa do cigarro, que já tinha finalmente acabado.

— Hoje, você tem um irmão mais novo. Você tem essa preocupação de passar isso pra ele? De ele falar se aconteceu alguma coisa?

— Sim, eu converso bastante com ele. Já cheguei a falar se aconteceu alguma coisa estranha, se quer me falar... Se ele tem namoradinha ou namoradinho... Ele até riu. — Junho disse com muita calma, eu podia ver o orgulho em seus olhos e no seu tom de voz tranquilo. Não consegui conter o meu sorriso ao vê-lo mais aliviado. — Então eu disse pro meu irmão: “Qualquer coisa você pode me falar, sou seu irmão mais velho. Tô longe, mas você pode falar comigo. Mas não senti nada de diferente não”.

— Ok, acho que agora a gente terminou. — Eu sorri com muita tranquilidade e me levantei, levando comigo o meu celular, onde tinha gravado toda conversa. Junho me deu um sorriso aliviado ao

¹³ Pitty (Priscilla Novaes Leone) é uma cantora, compositora, escritora, instrumentista e apresentadora brasileira, considerada uma das maiores representantes do rock brasileiro contemporâneo e ícone do movimento feminista do Brasil.

perceber que não precisaria mais falar sobre seu abuso e que poderia enterrar aquilo no lugar mais escuro e afastado do seu ser, para que nem mesmo ele pudesse mais se deparar com o jovem Junho.

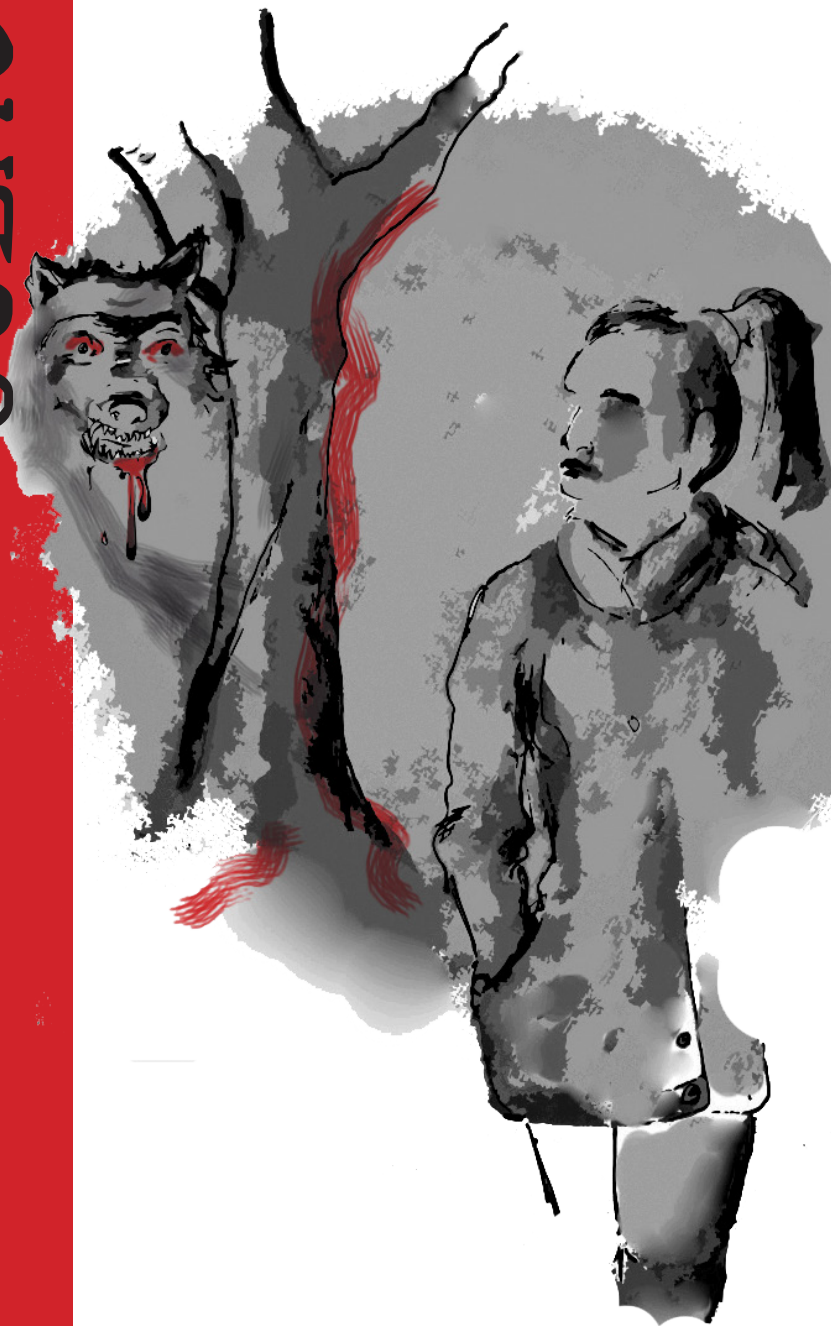
Caminhei com uma falsa tranquilidade invejável até o banheiro e fui para o banho para me preparar para outra entrevista que já estava marcada. Enquanto a água descia pelo meu cabelo e por meu corpo, a conversa que eu tinha tido com Junho passava pela minha mente como um filme que eu não queria ter visto. Ele era um dos meus amigos mais próximos e a cultura do estupro estava presente na vida dele, ligando pontos, como uma linha fina de costura.

O que me fez pensar se a minha vida também não era costurada pela fina linha dos abusos. Preferi acreditar que não e voltei a lavar meus cabelos com o shampoo de camomila.

*“E esses aquários fundos, cristalinos
Onde vão se afogar mudos meninos
(...) Eu sei que é junho!”¹⁴*

¹⁴ Trecho da canção Junho, composta por Alceu Valença e Geraldo Valença e interpretada por Alceu Valença. Faz parte do álbum 7 Desejos, lançado em 1992.

JULHO



A personalidade de algumas pessoas me surpreende, talvez por se apresentarem mais fortes do que eu julgava ser. O sétimo mês do ano é um período de festividades aqui no Brasil, mas para o mundo, representa independências e revoluções¹⁵. Um mês frio, que inicia o segundo semestre do ano, onde temos a esperança de ainda concretizar os planos que não concluímos. Julho* é exatamente assim, transparece alegria e festa, tem um rosto angelical, uma pele alva como neve e uma risada gostosa de ouvir. Mas apesar do semblante de princesa adolescente, externiza uma vontade de revolucionar. Com apenas 22 anos, já se casou, separou e assim como várias mulheres, foi vítima de crenças morais.

A delicadeza de sua feição não é capaz de deixar transparecer a mulher de garra que existe em seu interior, mas ela tem no olhar aquela atitude viva e permanente de quem quebra barreiras e expressa, de forma coerente, suas opiniões.

Quando nos conhecemos, não imaginava, mas estudávamos lado a lado e tínhamos até admiradores acadêmicos em comum. Eu frequentava um salão próximo ao meu trabalho, onde ela trabalha e, entre um bate papo e outro, descobri que ela estudava em uma sala, praticamente, ao lado da minha, porém em cursos diferentes. A profissão que ela busca é algo admirável, psicologia. Não sei se conseguiria lidar, pois exige mais paciência e dedicação do que minha mente poderia oferecer a outro ser humano. Talvez por isso minha admiração por Julho tenha sido instantânea e tenhamos nos tornado amigos imediatamente. Nos identificamos com ideais e conversamos sobre isso, no trabalho dela, onde passei a ir com mais frequência, e na faculdade, onde nos encontrávamos às vezes nos intervalos. Confesso que fiquei surpreso sobre já ter sido casada, mas não esbocei reação.

¹⁵ Leia mais sobre independências e revoluções no site: <http://noticias.terra.com.br/interna/0,,O1110548-E11411,00-Fatos+historicos+do+dia+de+julho.html>
*Nome fictício.

No momento, só pensei se, de repente, ela não teria se casado tão nova por imposição de alguém, já que ainda não conhecia sua personalidade. Confesso que foi um pensamento imposto socialmente e que senti vergonha dele depois.

Quando iniciamos nosso projeto, Julho se identificou com o tema e logo quis contribuir de alguma forma, então disse a ela que provavelmente iríamos precisar de depoimentos em algum momento. Além das experiências acadêmicas, Julho trabalha diretamente com pessoas em um lugar onde elas conversam sobre tudo o tempo todo, faculdade, professores, aulas e matérias, às vezes sobre nossas vidas pessoais.

Um dia, conversando sobre o *Blog Não e Não*¹⁶ e de como estava sendo difícil trabalhar com o tema Cultura do Estupro, ela me relatou algo que havia acontecido alguns dias antes de nossa conversa. Era comum as pessoas se abrirem, superficialmente, quando falávamos do assunto, mas quando fazíamos a proposta de colocar no Blog, elas rapidamente se esquivavam, acho que com medo da exposição. Com Julho, no entanto, foi diferente. Em um relato breve, ela me contou que um homem a havia abordado na rua quando saiu pra comprar um cigarro à noite, mas não me disse nada em detalhes. Eu acreditei que ela não iria topar, mas propus, mesmo assim, que contasse seu relato detalhado para que pudéssemos reproduzi-lo por vídeo. Julho prontamente aceitou.

Estávamos no fim da etapa de reprodução dos relatos em vídeo e, após conversar com os outros integrantes do grupo, consideramos sugerir que seu relato fosse reproduzido no livro. Confesso que não considerei que seria algo relevante, pois se tratava de um relato muito curto. Mesmo assim fiz a proposta, já explicando que ela teria que

¹⁶ Blog criado em 2016 por alunos do 6 período de Jornalismo do Centro Universitário Newton Paiva, que retrata através de reportagens o dia dia da “Cultura do estupro” como uma doença social.

contar tudo em frente a uma câmera de vídeo. Porém, para minha surpresa, sua única preocupação foi de onde iríamos gravar, já que ela não estudava mais na mesma unidade da instituição que eu. Julho queria falar, estava disposta e achei fabuloso. A vontade dela de lutar contra aquilo era tão grande e necessária quanto a minha.

A gravação ocorreu umas duas semanas depois que conversamos. Em uma sexta-feira. Perguntei a ela se poderia marcar de gravar no sábado e ela disse que sim, mas que eu precisaria ligar antes. Combinamos que mais ou menos 14h eu ligaria para confirmar; e foi o que eu fiz. No sábado, eu estava sozinho em casa, acordei, tomei um banho, tomei o meu café, assisti um filme e de já na porta de casa, às 14h10min, pronto pra sair, eu liguei.

— Alô, oi, eu quero falar com Julho; ela está? — Questionei para a voz que me atendera.

— Olá! Ela está, mas não pode atender. — Disse a tia, já reconhecendo a minha voz.

— Pode me fazer um favor? Pergunte a ela se eu posso ir até aí falar com ela? — Questionei já com um tom de desespero na voz. A tia dela me pareceu surpresa, porque eu não tinha o hábito de aparecer por lá no sábado e me respondeu com uma voz meio desconfiada:

— Ué, ela falou que pode. Você tinha marcado algo no salão com ela? — Sua voz parecia além de surpresa, bem desconfiada. Nesse momento, eu esbocei um sorriso pela curiosidade, e finalizei:

— Não, se trata de outro assunto, já estou indo, obrigado! — gentilmente falei.

Peguei o Uber¹⁷ e iniciei o meu trajeto até o salão. O trânsito, que durante o final de semana era menos infernal, colaborou para que eu chegasse mais rápido. A rua estava deserta, não havia ninguém, anulando totalmente a dificuldade de o motorista conseguir um local para

¹⁷ Multinacional americana, criada em 2009, que atua como prestadora de serviços eletrônicos em transporte privado.

parar e eu pudesse descer. Senti um alívio e ri da oportunidade de descer do carro bem na porta do salão. O nervosismo era tão grande que qualquer detalhe estava me trazendo certa tranquilidade.

Fui recebido com um largo sorriso por Julho e por olhares desconfiados de suas duas tias que trabalham com ela. E não demorou para uma delas questionar o que iríamos fazer. Fiquei cheio de dedos, mas Julho logo respondeu que iríamos gravar um relato sobre algo que havia acontecido com ela no dia que saiu pra comprar cigarro. E sua tia já percebeu que ela iria me ajudar com um trabalho acadêmico.

Subimos para o segundo andar do salão, onde existe uma sala para depilação, um local de descanso na verdade, que Julho chamou de escritório. Além de alguns mobiliários e equipamentos em desuso, haviam duas cadeiras, que posicionei de maneira a ficarmos frente à frente. Pedi a ela que se sentasse na cadeira posicionada perto da parede, era uma cadeira rotativa, tipo aquelas de escritório, onde Julho ficou se balançando, pra lá e pra cá, durante toda a gravação. Eu me sentei de frente pra ela, onde posicionei a câmera em sua direção. Eu mesmo a segurava e já imaginei que meu braço posteriormente poderia doer por causa da posição, então, tentaria ser rápido. Quando liguei a câmera, ainda pude registrar Julho se ajeitando em frente à câmera e balançando por alguns segundos, até que a interrompi:

— Pode começar se apresentando? — Perguntei com um sorriso amigável no rosto. Ela o fez com um sorriso tímido e cruzou os braços. A introdução veio como uma tentativa de criar intimidade entre mim, a câmera e ela. Julho continuava a me olhar com sorriso no rosto e batendo os pés no chão, então continuei:

— Então, eu preciso que você me conte exatamente o que aconteceu naquela noite em que você saiu pra comprar cigarro. — Naquele momento, ela soltou uma gargalhada, acho que nervosa por já esperar, e abraçando o próprio corpo, começou a me contar. Seus olhos começavam a vagar pelo chão, acredito que buscando na memória os detalhes da cena.

— Então, eu tinha acabado de chegar da faculdade e minha mãe

estava trabalhando ainda, porque ela trabalha à noite. Estava sozinha em casa, meus pais não estavam na cidade e meu irmão não mora com a gente. Eu cheguei da faculdade por volta de onze e meia da noite. Só que, por volta de meia noite, mais ou menos, eu resolvi fumar um cigarro e percebi que havia acabado. A padaria é praticamente na esquina de casa e ela funciona 24h. Aí eu pensei: ‘vou lá comprar um cigarro’. Eu estava com roupa de frio, estava vestida com uma *legging*, uma blusa de frio com capuz - só que eu não estava com o capuz - e chinelo e fui à padaria. No caminho, é como se fossem prédios no condomínio. Eu circulo, eu dou uma volta assim por trás; e nessa volta, tem um canteiro central, como se fosse o canal de um rio, como se fosse um córrego mesmo. Lá é muito escuro, deserto, realmente, sempre foi. Eu dando essa volta, porque a padaria se encontrava na esquina pra frente, como se fosse às costas do prédio. — Julho além de fazer o trajeto com as mãos, como se me mostrasse o caminho, balançava de um lado para o outro na cadeira enquanto prosseguia:

— Na hora em que estava andando, veio um cara em minha direção, a gente estava em sentidos opostos. Ele estava com uma mochila. Não é preconceito, mas parecia que estava em uma obra, com aquelas roupas que você vê que são pessoas de obra e uma mochilinha, assim, do lado. Aí, ele passou por mim, só que antes de ele chegar perto, ele começou a falar: ‘Nossa, que delícia, que gatinha’. Eu fiquei séria, fechei a minha cara e continuei andando. Na hora em que eu passei por ele, ele passou a mão no meu braço, me alisando: ‘— Oww, gostosa, sua bucetuda, vem cá, me deixa chupar sua buce-tinha’; palavras totalmente escrotas. Eu tirei a mão dele e continuei o caminho.

Pensei no quanto às mulheres podem ser desvalorizadas, somente por serem mulheres e em como aquelas palavras eram ofensivas. Julho disse ter ficado muito chocada com a falta de respeito e considerou como já sendo um abuso aquela fala. Perguntei a ela se em algum momento, havia retrucado ou dito a ele alguma coisa. Ela declarou

que nessa hora, não teve reação, mas que respondeu algo, deixando claro que não aceitava aquele comportamento, mas que acredita que ele nem mesmo ouviu. Julho naquele momento não imaginava que sua indignação poderia ser ainda maior. E continuou contando:

— O rapaz da padaria é um conhecido meu; eu comprei meu cigarro e ele falou comigo: ‘— O que foi, você está branca, está pálida’. Eu respondi: ‘— Acabou de passar um cara por mim; ele me agarrou e eu estou com receio de voltar pra casa agora porque aqui é muito deserto. Por mais que seja perto, já estava de noite. Aí ele disse: ‘— Ah não, vai lá, vai dar tudo certo’.

Naquela hora, fiquei indignado com a reação do rapaz que trabalhava na padaria. Senti-me um pouco incomodado pela frieza em sua resposta e isso me fez refletir se um dia seria possível que nós homens entendêssemos a profundidade do temor de uma mulher, diante de uma situação dessas. Achei melhor me conter nos comentários, já que poderia ser ofensivo para Julho. Ela já havia relatado que sua relação com o atendente era considerável; entendi que eram grandes amigos. Deixei que ela continuasse:

— Quando eu estava voltando da padaria, eu parei no caminho e senti uma coisa ruim. Eu pensei comigo: ‘esse cara vai estar lá me esperando; eu tenho certeza.’ Na hora em que cheguei à esquina, ele estava atrás de uma árvore, meio escondido e ele havia voltado, porque ele estava em um sentido que, para estar me esperando onde ele estava, ele teria que voltar. Naquele momento, eu fiquei com muita raiva, minha reação foi de ódio. Eu cheguei e gritei: ‘*O que você está fazendo aí meu irmão? Mete o pé que aqui não tem nada pra você não*’. Sei lá, eu agi daquele jeito mais masculino mesmo. Na hora eu fiquei muito puta; então, tentei ser o mais grossa possível.

Ela disse que foi a forma que encontrou de se impor, mostrar que ela não iria ceder ao medo e que, diante daquilo, ele permaneceu no mesmo lugar calado, imóvel sem se manifestar. Julho não teve alternativa, a não ser voltar à padaria e desabafar com o atendente, dizendo que o homem ainda estava lá. Ela ainda relatou que sentiu

um calafrio subindo pela espinha, ao imaginar que poderia não tê-lo visto e que, se aquilo houvesse ocorrido, naquele momento, ele poderia surpreendê-la. Na sua voz, eram perceptíveis os sentimentos de impotência, receio e indignação.

— Eu queria ligar pra polícia e o telefone da padaria não estava funcionando. O meu amigo não podia fechar a padaria para me acompanhar até em casa. Eu fiquei desesperada, e comecei a reclamar, xingar de raiva e pensei como eu iria pra casa. Não poderia ir embora pra minha casa em paz. Mais uma vez, eu pensei assim: *‘vou até na esquina; se ele tiver lá, eu volto’*. Quando eu cheguei na esquina, olhei pra rua que eu deveria seguir e não tinha ninguém, ninguém, ninguém... o deserto continuou, não tinha ninguém mesmo. De repente, eu olhei pra trás e ele estava escondido na esquina de trás do quarteirão que eu iria seguir. Ou seja, eu entrando no quarteirão, ele iria atrás de mim e, mais uma vez, eu gritei com ele. Eu não lembro as palavras certas, mas foram coisas no sentido; *‘o que você está fazendo aqui? Vai embora...’* Xingando mesmo, falei *altos* palavrões em tempo mesmo de ele até vir me atacar. Sei lá o que se passava na cabeça dele...?! — Ela estava nervosa.

Agora, escrevendo e ouvindo pela terceira vez essa história de uma perspectiva diferente do momento em que estávamos gravando, eu pude sentir a raiva através de sua voz. Fico imaginando como aquele homem estava determinado a fazer o mal para uma pessoa, somente para saciar seu desejo de poder. Minha empatia atingiu nesse momento um nível capaz de compartilhar dos mesmos sentimentos que ela. Um mal-estar repentino tomou conta de mim de tal forma que precisei interromper a descrição da narrativa. Um sentimento de indignação e raiva tomados pelo medo. Me lembro de sentir semelhante quando Julho narrava a história para a câmera. Porém, agora esse sentimento foi eternizado mais forte. Após uma pausa, resolvi prosseguir com a descrição. Sentei novamente na mesa e passei as mãos sobre os olhos, tentando afastar de mim aquele sentimento e voltei a ouvir o relato:

— Aí, eu voltei pra padaria desesperada, já tremendo de ódio e raiva e falei: *'eu quero ligar pra polícia pra fazer alguma coisa, porque esse cara não pode continuar na rua'*. Se eu fosse mais inocente, talvez já teria acontecido algo pior. E foi aí que eu lembrei que eu tinha a chave do prédio que ficava em frente à padaria. A garagem era compartilhada com a do meu prédio e passando por ele, sairia na garagem do meu prédio e conseguiria entrar no bloco onde moro. E foi assim que consegui escapar: entrei no prédio e fui embora. — Julho parecia aliviada e vitoriosa.

— E quando você chegou em casa, como se sentia? Qual foi a sua primeira reação? — Perguntei com a curiosidade de sempre, de saber como ela se sentiu após tudo.

— Cheguei em casa tão assustada, em choque e nervosa que só conseguia pensar na raiva por saber que isso acontece com muitas mulheres que não têm a oportunidade de se defender e, às vezes, não têm como escapar, ou denunciam pra polícia e nada acontecer, tornando-se mais uma estatística ou um registro. Isso me fez pensar que talvez eu pudesse ter chamado à polícia e ficado por isso mesmo. Gerou em mim um sentimento muito grande de ódio e revolta. — Percebi pela sua voz que esse sentimento estava de volta.

Perguntei a Julho se ela havia sentido receio quando ainda planejava sair para comprar o cigarro. E ela me respondeu que teve medo da noite. Julho fez uma reflexão coerente, que fui obrigado a concordar:

— A sociedade já nos impõe que somos um sexo frágil e que é preciso temer. Por mais que eu desacredite dessa ideia - porque acredito que devemos ter o direito de ir e vir, eu sinto medo sim, não tem como não sentir. — Fiquei curioso em saber se aquele fato despertou em Julho alterações no seu cotidiano e perguntei se ela sairia de novo naquele mesmo horário para comprar cigarros.

— Sair no mesmo horário e fazer o mesmo trajeto para comprar cigarros, você faria? — Achei ter sido um pouco direto demais.

Ela respondeu tranquilamente:

— Sim, e sei que estou me arriscando. Mas faço isso somente

com o intuito de desafiar o conceito de que, por causa da vulnerabilidade da mulher, ela é obrigada a se dispor do seu direito de ir e vir. — Julho terminou sua frase com muita firmeza na voz.

Ela me disse ainda que havia comentado com alguém sobre o fato e que a primeira afirmação que ouviu era de que, provavelmente, estava usando uma roupa que colocava seu corpo em exposição e que por esse motivo, aquilo havia ocorrido.

— E entenda, isso foi uma afirmação, sem evidências ou julgamento, uma acusação direta. — Julho contava com indignação.

Perguntei então a ela se havia contado a mais alguém, a alguém da família em especial:

— Conte sim. Eu estava em estado de choque quando cheguei em casa e achei melhor não ligar pra minha mãe. Então, contei ao meu irmão.

E eu logo quis saber, sem perder tempo:

— E qual foi à reação dele? O que ele disse?

— Ele ficou muito preocupado, me pediu pra ter muita calma e perguntou se o homem havia me machucado e eu disse que não, que ele havia passado a mão em meu braço só. Então ele me aconselhou a contar pra minha mãe, porque ela trabalha a noite e chegaria em casa por volta de 1h30, 2h, pelo mesmo trajeto em que o homem ainda poderia estar. Eu liguei e contei tudo a ela. Ela ficou super preocupada e nervosa, nesse dia ela não foi embora de ônibus, ela foi de táxi, para não ter que passar por esse trajeto. — Sua voz era tranquila, como se tivesse gostado do conselho da mãe.

Julho disse ainda que nenhum dos dois a condenou ou culpou pelo ocorrido, mas que aconselharam que ela tivesse mais cuidado. Então, me veio uma reflexão sobre essas palavras: ‘ter mais cuidado’ e, imediatamente, cheguei à conclusão de que isso é somente mais uma maneira de jogar na mulher a responsabilidade de se evitar um abuso.

Queria saber se aquele fato havia despertado algo em Julho, além da raiva e a questioneei:

— Como você se comportou, ou você pensou em algum mo-

mento que o abusador pudesse voltar e ficar aguardando que chegasse ou saísse de casa novamente, já que estava tão determinado da primeira vez? — Julho buscou forças e respondeu:

— Durante meses, minha vida foi um inferno por causa disso. Eu chegava da faculdade sempre no mesmo horário, precisava fazer esse mesmo trajeto e me sentia vulnerável. Percebi que não podia ficar desatenta. Andava observando tudo e todos a todo o momento, com receio de que ele estivesse atrás de mim. Às vezes, eu ligava pro meu pai e ficava com ele no telefone, até que eu entrasse em casa. Perdi minha liberdade, me senti coagida, prisioneira.

Durante toda a entrevista, Julho fez questão de enfatizar a raiva e revolta que sentiu durante seus momentos de tensão e eu questioneei se o medo se fez mais presente em algum momento específico. Ainda de lá pra cá, com seu olhar perdido no chão, Julho suspirou, serrou os lábios e, em seguida, respondeu:

— Medo não; senti foi muita raiva mesmo, talvez pra não deixar cair de mim o meu jeito durão. Estávamos estudando na faculdade sobre pessoas que são vítimas da cultura do estupro e isso estava bem vivo na minha mente. — Nessa hora, Julho me olhou nos olhos e senti que aquela atitude era para chamar a minha atenção prosseguindo:

— Me machuca a negligência das autoridades quando se trata de pessoas que são vítimas de abuso e estupro. O medo acho que veio depois, quando cheguei em casa e me coloquei no lugar das mulheres que não têm a chance que eu tive. Talvez se eu fosse um homem, eu poderia ter ido até ele e quebrado ele na porrada de tanta raiva, mas como mulher, eu posso dizer, que na verdade, tive medo sim, quando percebi que não poderia fazer nada.

Julho finalizou sua fala, ainda me olhando nos olhos e pude perceber que ela não buscava mais as palavras na memória, elas fluíam como um desabafo. E pude sentir que aquilo de que ela falava era, na verdade, um manifesto que transparecia por meio da oportunidade de ser ouvida. Fomos interrompidas por alguém que disse a ela que havia alguém lhe aguardando para um procedimento e decidi então,

terminar a gravação. Senti-me tão imerso em seu relato que nem mesmo senti o peso do equipamento que segurei durante todo o tempo. Desliguei a câmera, agradei a ela e disse que eu sabia que aquilo poderia não ser nada em meio às situações constrangedoras ou de submissão que ela tenha passado. Mas que a admirava por se dispor a reviver tudo novamente. Ela sorriu e concordou dizendo que, realmente, tinha muita história pra contar e pouco tempo, contudo ainda teve tempo de contar, superficialmente, que sofreu com o machismo do pai, do ex-marido e ainda, que foi abusada por um tio. Abuso esse, que toda a família sabe, mas que ignoram o perfil dele como estupro. Isso me fez entender por que, existe nela, essa vontade de lutar contra a Cultura do Estupro.

Desci as escadas, despedi-me de todos e entrei no Uber. Era um lindo final de tarde, desperdiçado pela sombra que o depoimento deixou sobre meus ombros. No caminho direto para casa fui refletindo sobre o quanto aquele relato, inicialmente simples, acrescentou ao projeto. Consegui compreender, por meio dele, como o sentimento de impotência e vulnerabilidade pode nos aprisionar, retirando nossa liberdade de ir e vir, fazendo presente e constante à presença do medo.

*“(...)Ninguém me compreendia
E eu não compreendia ninguém
Acho que era Julho de 83
Eu sempre esqueço do dia
Mas lembro do mês(...)”¹⁸*

¹⁸ Artista: Nenhum de Nós; Álbum: Histórias Reais, Seres Imaginários, Data de lançamento: 2001.

AGOSTO



Durante o projeto, vários depoimentos foram ouvidos, lidos e interpretados. Todos eles depositaram em nós um pouco de carga de uma dura realidade sobre a qual decidimos abordar. Eles “abalavam” o nosso psicológico e foi necessário muito discernimento para dar continuidade ao trabalho. Todas as histórias me levaram a uma reflexão profunda, sobre coisas que poderiam me atingir e fizeram com que toda a minha perspectiva de mundo e meu referencial de medo se transformassem.

Agosto* é também alguém que conheço há algum tempo. Uma pessoa que gosto e considero. Sabe aquela pessoa que te traz flores no sorriso?! Quando iniciamos o trabalho com vítimas da Cultura do Estupro, Agosto se fazia próxima, mais confesso que, quando olhei para ela, não imaginava que fosse uma vítima. A personalidade, a história de vida e ideologias, nada dava a entender isso. Descobri, porém, que muito ainda faltava ser descoberto. Enquanto discutíamos o projeto em momentos que ela estava perto, a tensão e desconforto que o assunto causava nela eram perceptíveis. As flores logo desapareciam e surgiam expressões que transitavam entre a dúvida e a inquietação.

Acho, inclusive, que pode ter sido uma das nossas conversas em grupo, que ocorriam ali mesmo no pátio da faculdade, que fez Agosto cair na real. Sempre tinha um ou outro que se interessava por nossas discussões e se aproximava contando uma história de abuso que já tinha sofrido em algum momento da infância, da adolescência ou mesmo da idade adulta.

Agosto me disse mais tarde, que ela já havia sofrido abuso e que, por algum motivo, se sentia culpada e essas reflexões desconstruíram toda a culpa, transparecendo na sua mente o que tinha acontecido de verdade com ela. Ela foi sim vítima de um abuso! Mas mesmo depois de perceber, permaneceu em silêncio e não considerou se expor, até porque, segundo ela mesma, era mais conveniente

*Nome fictício.

permanecer com essa lembrança enterrada do que trazer à tona o constrangimento novamente. Comecei, mesmo sem saber de nada, a questioná-la mais de uma vez se em algum momento de sua vida, teria passado por alguma situação de constrangimento ou imposição sexual, e embora me mendigasse sobre alguns momentos, ela contou sua história somente no seu tempo, após ela entender que precisava realmente desabafar.

No dia 18 de agosto, recebi um e-mail, desabafando, contando essa história. Quando propus a ela na faculdade a publicação de seu relato, Agosto aceitou. Mas com receio, me fez prometer que ninguém, além de nós, é claro, saberia quem tinha contado aquela história. Perguntei a ela por que esse receio e ela disse que não queria que aquilo viesse à tona. Não queria ouvir perguntas e questionamento depois de tanto tempo. Completou ainda dizendo que aquilo era passado e que lá deveria ficar!

Seu e-mail foi superficial, então pedi a ela que descrevesse com detalhes o que havia ocorrido. Espontânea, ela fala muito e ri bastante, gargalhadas altas e extravagantes. Porém, durante a entrevista, percebi que o sentimento depositado ali era bem distante daquele ar descontraído que normalmente estaria presente. Tive a impressão de que, dessa vez, o riso só apareceria para afastar a dor, para amenizar o peso dos sentimentos escondidos.

Era possível perceber entre mudanças no tom da voz ou nas expressões, a tristeza e o pavor tentando ganhar espaço, cautelosos, no decorrer da nossa conversa. Agosto, no entanto, afastava-os rapidinho, com um sorriso ou uma piada que nada tinha a ver com os fatos.

Para mim, a infância deveria ser algo que nos trouxesse boas lembranças e acredito que seja por isso que Agosto lutou tanto contra a memória, tentando apagar aquilo que não foi bom, dos seus tempos de criança. Tentei começar a conversa de alguma forma.

— Como foi sua infância? Conta um pouco sobre. — Perguntei com certo receio de Agosto desistir de falar. E ela imediatamente começou:

— As lembranças só deixam você quando você não quer mais que elas estejam presentes. Na minha vida, esses períodos nunca foram bem definidos: infância, adolescência e fase adulta. Talvez por perceber desde cedo que a vida iria me obrigar a caminhar sem um chão firme sob meus pés, aprendi a lidar com os tremores, que eram constantes desde o início. Não quero apagar essa criança que todos acreditam que vive em mim, nem o adolescente ou o adulto. Eu sinto que nunca fiz essa transição de fases, como ela deveria ser feita ou na hora em que ela deveria ser feita. — Agosto olhou para o celular buscando uma saída da situação e continuou, mas continuou falando:

— Nunca quis relembrar tudo isso, e tentei de todas as maneiras não tropeçar nessas lembranças. Tinha vergonha de me expor ou sei lá. Queria simplesmente esquecer que aquilo tinha acontecido. Mas lembro, não tanto, mas lembro. Sinto como se ela precisasse ser contada para me libertar, para me livrar disso de uma vez por todas.

Sugeri a Agosto que nos encontrássemos na minha casa, assim poderíamos gravar sem que ninguém pudesse nos ouvir ou interromper. E assim nos encontramos no lugar e hora marcados. Era um domingo de sol, mas como na minha casa o vento parece ter ainda mais força, não sentíamos calor. Estava fresco e tranquilo. Estávamos presentes somente ela, eu e a câmera. Senti que assim ela se sentiria mais à vontade. Expliquei que, depois, todos do grupo iriam ter conhecimento do conteúdo que iríamos gravar. Ela já adiantou que não havia problemas, mas que eu deixasse claro que a vergonha era algo bem presente ainda e, como ela conhecia a todos, me pediu que os advertisse que não a tratassem de qualquer forma diferente.

Posicionei a câmera em cima do meu rack, de frente para o sofá e começamos a gravar. Senti que ficou um vácuo no início da gravação, ela não sabia por onde começar a se apresentar, então me posicionei:

— Me descreva, com o máximo de detalhes, tudo o que aconteceu com você. O mais próximo da história que você me enviou por e-mail. — Tentei ser o mais gentil possível ao dizer essas palavras, mas não tinha como não ser direto.

— Sei lá... É estranho falar nisso assim, sem ser escrito. Mas como eu disse, eu tenho dúvidas se na época eu tinha 5 ou 4 anos. É incrível como isso não saiu da minha cabeça. Por mais que eu tentasse esquecer, nem mesmo esses mínimos detalhes esqueci. Nem o sentimento de vergonha. Sinto vergonha até hoje em falar sobre isso. Os detalhes, direitinho, eu não lembro, só tenho isso que estou contando, na memória, porque tentei esquecer. Como já disse, ainda tenho vergonha de falar. Eu me sinto culpada, em dúvidas do tipo: será que, inicialmente fui eu mesmo que pedi e depois me arrependi? Mas eu era uma criança, será que crianças podem pensar assim? Eu me lembro de saber que aquilo era errado e de não gostar... E hoje tenho nojo, muito nojo. — Agosto cruzava os dedos e apertava as mãos com uma expressão de nojo e prosseguiu:

— A Cultura do Estupro se fez presente na minha vida desde muito cedo, isso porque acredito que o machismo está totalmente ligado a ela. Minha mãe foi abandonada pelo meu pai quando eu ainda era criança e, com isso, sofreu todas as consequências de uma mãe solteira. Ela precisava trabalhar e para isso, foi preciso deixar as crianças com alguém que pudesse cuidar. De tudo, não posso reclamar, pois uma pessoa muito querida cuidou de mim enquanto minha mãe trabalhava. Bom... Ainda menina tive que, por um período, ser cuidada por outra pessoa. Não me lembro do motivo, mas me lembro de ter que ficar na casa dela. Era uma senhora que tinha mais quatro ou cinco filhos. E foi aí, aos meus 4 anos de idade, mais ou menos, que me lembro de sofrer o primeiro abuso. — Eu pensei que as palavras estavam fluindo bem e como havíamos tido um problema para começar, deixei que ela prosseguisse a vontade, sem nem pensar em interromper:

— Era uma tarde de calor, me lembro porque estava de camisetinha e saía. Havia um barracão no quintal da casa, de poucos cômodos e, em um deles, havia um beliche que eu costumava cobrir, de jeito que ele se transformava em uma cabana, para que eu pudesse brincar de casinha. Ali, eu brincava todos os dias, sozinha. Um dia,

um dos filhos dessa senhora quis brincar comigo. Nessa brincadeira, até então de criança, onde ele era o pai das bonecas e eu a mãe, ele me obrigou, não lembro sobre qual argumento, a deixar que ele fizesse sexo oral em mim, enquanto introduziu os dedos na minha vagina, superficialmente.

Fiquei imaginando o que ele poderia ter dito pra convencê-la. Nós adultos temos a mania de menosprezar a maldade das crianças e as deixamos livres de orientação sobre tudo relacionado à sexualidade. Já conhecia os argumentos possíveis de outros relatos, mesmo assim resolvi perguntar:

— O que ele disse para conseguir o que queria? — A curiosidade era óbvia pela minha voz.

— Ele explicou que era assim que nasciam os filhos e fez isso por mais de uma vez, por mais de um dia. Ele era mais velho que eu alguns anos, não me lembro bem, mas acho que uns 6 ou 7. Eu só me lembro de, depois de algum tempo, não querer deixar que ele fizesse aquilo em mim. E de ele dizer que se eu não deixasse, iria me bater e contar pra todo mundo. Então, um dia, um dos irmãos, o mais velho dele, chegou no quarto caladinho, puxou o lençol e flagrou ele fazendo sexo oral em mim. Ele me xingou por que eu estava deixando e eu fiquei com muita vergonha e comecei a chorar.

Já imaginei o que poderia ter acontecido depois, que atitude foi tomada pelo irmão mais velho do menino?

— E ele contou isso para mais alguém? — Falei tão rápido que a assustei com minha rapidez. Mas ela entendeu:

— Na hora do jantar ele me expôs pra todo mundo! Disse que eu estava com a saia levantada me exibindo para o irmão dele, enquanto ele lambia a minha perereca. Assim mesmo, interpretando, com detalhes, o que ele fazia em mim. Eu lembro até hoje de estar comendo, ficar com muita vergonha e começar a chorar dizendo que eu não queria.

Eu senti que Agosto tinha muita mágoa daquela situação, era visível a raiva que a sensação de impunidade trazia. Foi nesse momento

que entrou um forte vento pela janela da cozinha e saia pela porta a nossa frente. Porta essa que dava para um jardim recém construído por mim e pelo meu marido. Aquele vento ajudou Agosto a recompor. Então continuei:

— E quando você chorou e disse isso, qual foi a reação das pessoas que estavam lá? — Perguntei já imaginando que seria indício de Cultura do estupro.

— Lembro de ter sido apontada como a culpada, por todos. Quando o mais velho disse que, por eu andar de calcinha e blusa dentro de casa por causa do calor, eu estava excitando um pré-adolescente. E que tudo não havia passado de uma curiosidade dele, afinal “ele era homem”. O caçula, que abusou de mim, disse que fui eu quem levantou a saia e pedi que ele fizesse aquilo, mas era mentira... Todos me xingaram, dizendo que não era pra “EU” fazer aquilo mais, que era errado e blábláblá... Enfim, ninguém acreditou em mim. Eu era uma criança, não sabia nem mesmo o que estava acontecendo, mas eu não gostei de ele ter me tocado. Sabia, por algum motivo que aquilo era errado. Chorei muito por dias, fiquei triste porque ninguém ficou do meu lado, ninguém mesmo. Acho até que foi isso que mais me deixou triste.

Era chocante demais a culpa ser de uma criança. Estava ainda absorvendo tudo que Agosto havia dito, mas continuei o mais rápido que consegui digerir tudo.

— Depois de toda essa humilhação e exposição, alguém mais falou sobre aquilo? — O medo de sua resposta era aparente em minha voz.

— Depois disso, ninguém nunca mais tocou no assunto e com medo e vergonha eu nunca mais contei isso a ninguém. — Agosto não agüentou, havia tanta mágoa dentro dela que o choro foi instantâneo. Levantei rapidamente e peguei um copo de água, tentando ajudá-la a se recompor.

Enquanto Agosto bebia a água e se recompunha, fiquei pensando em como aquilo poderia ter afetado ela, não só quando criança, mas

mesmo agora. E resolvi me livrar do pensamento e a perguntei, torcendo para que ela continuasse o papo...

E ela assim que terminou seu copo, respirou fundo e me respondeu:

— Acredito que isso tenha influenciado toda a minha vida sexual, pois sempre achei minha sexualidade muito aflorada. Mesmo quando criança tinha muita curiosidade e desejo por algo que, inconscientemente, eu nunca havia experimentado e tenho vergonha disso. Até então eu entendia que realmente era uma curiosidade de adolescente, que a culpa era minha por não saber expor o quanto eu me sinto horrível por isso. Mas depois das conversas que participei, percebi que eu estava errada.

Nesse momento, foi preciso parar a gravação. A máquina, por algum motivo, só gravava vinte e sete minutos e eu precisava reiniciá-la. E para minha sorte foi o mesmo momento em que minha geladeira começou a fazer um barulho terrível com o desgelo. Pedi a Agosto que esperasse um momento e, nesse meio tempo, olhando para os meus quadros na parede, ela me perguntou se eu acreditava que uma criança de quatro anos pudesse sentir desejos sexuais. Eu respondi que não sabia dizer, mas que ela precisava, de uma vez por todas, acreditar que aquilo não foi culpa dela. A geladeira parou de fazer barulho, então liguei novamente o equipamento e pedi que prosseguisse com a história.

— Como você se sente hoje, sabendo que isso possa ter influenciado sua vida? Você já passou por algo mais? — Agosto fechou os olhos, como se estivesse tentando se lembrar e prosseguiu:

— Então, hoje, depois de adulta, entendo que isso possa ter me influenciado, sinto nojo e raiva, muita raiva. E sim, esse foi apenas o início de uma série de abusos sofridos no decorrer da minha infância. Isso me influenciou tanto que, aos 6 anos de idade, eu acredito ter escapado de um estupro na cidade onde uma tia morava, por presenciar que um homem conhecido da família queria abusar de mim. Eu me lembro de sentir medo, sabia que algo estava para acontecer. Daí eu corri e nunca mais cheguei perto dele. Hoje com mais mal-

dade, me lembro que sempre o via no meio das crianças. Nesse dia em questão, ele me chamou para que eu fosse até a casa dele ajudar a pegar uns animaizinhos que se encontravam debaixo da sua cama. Como eu era inocente... Quando ele me segurou para que eu pudesse pegá-los, ele me molestou, passando a mão em minha bunda. Esse foi o gatilho para que eu percebesse e depois disso eu consegui fugir, dizendo que não havia nada ali. — Agosto respirou ofegante por alguns segundos e se perdeu em meu jardim porta a fora. E mesmo com os olhos longe continuou:

— Aos 10 anos de idade aconteceu de novo, fui molestada por um vizinho e por um cliente da minha mãe, separadamente. Estávamos conversando, minha mãe, eu e esse cliente, na loja onde ela trabalhava. A loja era perto de casa e eu ia lá ficar com ela de vez em quando. Era noite e, de repente, a luz acabou. Instintivamente, ele enfiou as mãos por debaixo da minha blusa, como se já estivesse esperando a luz acabar. E ficou alisando minhas costas, dizendo pra eu não ter medo do escuro. Cara escroto, fico imaginando se ele já não fez aquilo com outras crianças... — Agosto deu uma pausa maior que a anterior se fez, e antes que eu a interrompesse finalizou:

— Talvez para que eu me lembre todos os dias, contra o quê eu devo lutar. — Ela terminou a frase e levantou imediatamente. Foi em direção ao banheiro e fechou a porta. Nesse momento aproveitei para respirar e terminar de digerir tudo o que havia escutado.

Assim que Agosto retornou, já estava com uma expressão que não conseguiria continuar a falar mais nada. Ao mesmo tempo em que percebi seu cansaço, a vizinha começou a cantar em seu Karakê, como habitualmente ela fazia. Tornou ainda mais impossível continuar a entrevista. Desliguei a câmera e agradei a ela por contribuir com nosso trabalho.

— Na verdade, são vocês que estão me fazendo um favor. Percebi que o peso da culpa, da dor e da vergonha eram menores no final da gravação. Precisa desabafar e ajudar em um trabalho com tamanha importância. — Agosto se mostrava leve.

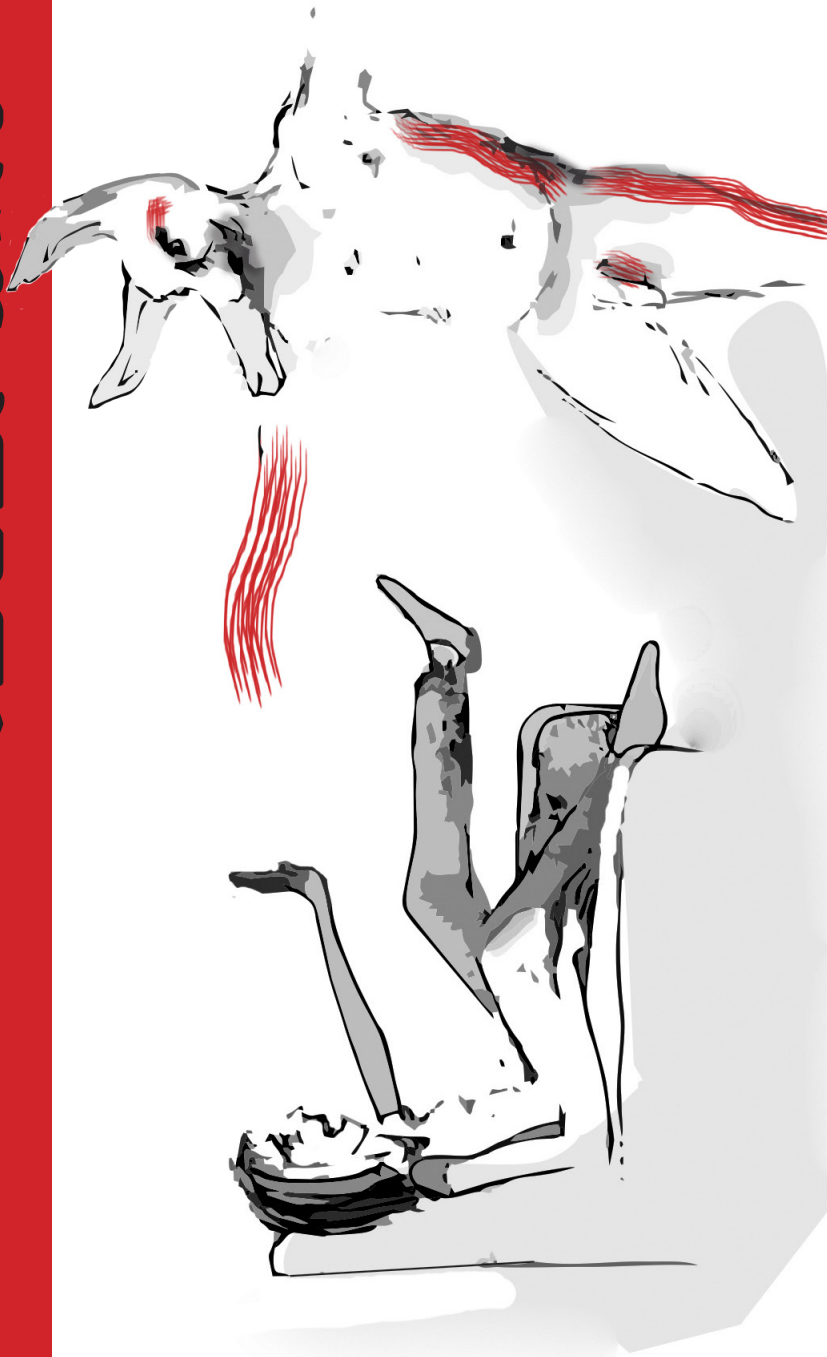
Cheguei a questioná-la sobre como se sentia agora, depois de contar tudo. Ela, com um sorriso sem graça, me respondeu que agora, certamente, o fardo era mais leve e que, finalmente sentia que poderia enterrar de vez aquela memória.

Ofereci a Agosto um café doce, para tirar todo o gosto amargo das palavras que me disse. O que ela prontamente aceitou. Durante o resto da tarde ficamos na varanda conversando sobre outros assuntos banais. Mal sabia Agosto, mas depois de tudo que conversamos, eu precisava, mais que ela, falar ‘*abobrinhas*’, pelo menos até entrar Setembro e o gosto amargo voltar.

*“Lá fora a chuva desaba e aqui no meu rosto
Cinzas de agosto e na mesa o vinho derramado
Tanto orgulho que não meço
O remorso das palavras que não digo...”¹⁹*

¹⁹ Música: Balada de Agosto; Canção de Zeca Baleiro e Raimundo Fagner; Álbum: Raimundo Fagner & Zeca Baleiro; Data de lançamento: 2003

SETTEMBRO



No dia 14 de setembro eu chegava ao Rio de Janeiro para o *Rock in Rio*²⁰. Parece irrelevante para o livro, não fosse esse o fator que tivesse me levado a conhecer Setembro. Já havia ligado em alguns hotéis de reservas quando, conversando com um amigo íntimo, ele me falou de uma amiga que morava em Ipanema, com quem tinha morado algum tempo. Após ele ligar para ela e lhe adiantar a situação, eu liguei e me apresentei formalmente. Extremamente prestativa, a voz do outro lado da linha disponibilizava, como uma amiga de anos, seu apartamento para nossa estada na viagem. Dia 13, embarcamos para o Rio e, 9 horas depois, já nos aproximávamos, de táxi, do apartamento da simpática dona daquela voz. Que viria a ser ... Setembro.

Assim que descemos do elevador, a figura sorridente de Setembro* já nos aguardava na porta entreaberta do apartamento. Até então, não imaginava que aquela doce senhora seria um capítulo de nosso projeto (*acho que nem ela*). Para ser sincero, a última coisa que eu queria, no Rio de Janeiro, era pensar nesse projeto. Pela primeira vez desde que iniciamos o projeto, há quase um ano, eu me dava 4 dias de descanso.

Pelo menos, era o que eu pensava.

É engraçado como as pessoas são colocadas em nosso caminho quando menos imaginamos. Setembro era uma pessoa, extremamente, aberta. Era visível o quanto sua vida era transparente. Era dessas pessoas iluminadas que não filtram suas palavras, porque, para ela, são apenas meios de comunicação e não precisam ser pensadas demais para serem ditas.

O pequeno e aconchegante apartamento da rua Jangadeiros dá de frente para o metrô, o que não impedia que a rua se mantivesse

²⁰Rock in Rio é um festival de música idealizado pelo empresário brasileiro Roberto Medina pela primeira vez em 1985, sendo, desde sua criação, reconhecidamente, o maior festival musical do planeta.

*Nome fictício.

silenciosa por quase todo o dia. Apenas em alguns momentos, os cômodos do apartamento eram inundados por gritos e risos que ecoavam pela rua e janela adentro, vindos da escola municipal logo mais à frente.

Estávamos há um tempo nos apresentando e nos conhecendo quando expliquei que estava no fim do curso de jornalismo e que me entregava de cabeça em um projeto sobre a cultura do estupro. Foi quando percebi que Setembro se interessou. Não se passaram muitas explicações depois para que ela expusesse o que passara há alguns meses apenas com um ex-amigo.

Sei que disse atrás que havia ido ao Rio para me desligar um pouco de tudo, mas o espírito de foca já gritava dentro de mim e acabei convidando Setembro para me dar seu depoimento. Percebi que, mesmo sendo um livro aberto, a pequena senhora relutou em falar do assunto naquele momento e eu respeitei. Disse que poderíamos gravar nos dias que se seguissem, que não havia pressa, pois eu estaria por ali pelos próximos 4 dias. E assim, ela topou!

Óbvio que haveria relutância. Imaginem só, no meio de uma conversa em que nos conhecíamos, eu dizer sobre o que escrevia, ela se abrir sobre o que havia se passado com ela e eu já a convidar para uma entrevista? Logo que percebi que estava indo muito rápido, cuidei de me acalmar e a deixá-la me conhecer melhor. Durante os próximos dias, não voltaria a tocar no assunto; queria me divertir e conhecer mais o Rio de Janeiro e a amiga que acabara de fazer.

Ela, Setembro - assim como o primaveril mês de Setembro - era extremamente acolhedora e amigável, logo nesse primeiro dia se ofereceu para nos mostrar o Rio de Janeiro por seus olhos. Andamos por todos os museus possíveis do Centro, passando por uma galeria de arte e terminando o *tour* no “Verdinho”, restaurante bem aconchegante no bairro Cinelândia.

Enquanto esperávamos o almoço, buscava conhecer mais sobre aquela mulher fascinante. O conhecimento transbordava pela sua boca, não havia o moralismo que, geralmente, encontramos em se-

nhoras de 57 anos e aquilo me soava maravilhoso. Terminamos nosso almoço e fomos para casa descansar um pouco. Havia horas que tínhamos chegado, mal tínhamos dormido durante a viagem e ainda queríamos sair pela noite, o que fizemos. Nos próximos dias, Setembro ficou em casa. Entre idas e vindas da praia, sempre a encontrava na companhia de um bom livro e, claro, como vão perceber no decorrer do texto, de um cigarro aceso.

Ainda era sexta feira, mas o tempo era curto e eu queria, realmente, conhecê-la melhor. Já de cara, fui cativado pela coleção de livros que compunham o visual da sua sala. Um autor em especial se fazia muito presente: Stephen King estava em quase toda a estante da sala, inclusive naquele que estava em sua mão, que ela deixava de lado para nos dar atenção durante a conversa, como a pessoa atenciosa que se mostrava por todo o tempo.

Em meio à conversa, o telefone toca. O contexto daquela ligação mudaria seu semblante e o clima descontraído que preenchia a sala. Uma amiga que morava sozinha havia sido assassinada em seu apartamento. Não havia palavras suficientes minhas; eu nunca soube lidar com a morte; e, naquele momento, queria apenas abraçá-la e retirar um pouco da dor que transbordava em lágrimas pelos olhos da doce Setembro. Tentamos confortá-la de alguma forma por algum tempo e voltamos à rua. Àquela altura, eu já havia desistido de entrevista e apenas pensava em como podia ajudar para que Setembro se sentisse melhor.

Durante o sábado quase não a vimos; saiu bem cedo para o velório da amiga e, à tarde, quando a encontramos, já estava mais conformada com a situação. Depois do velório, tinha saído com um amigo e estava, como ela mesmo dizia, “de pileque” pelo vinho tomado durante o almoço. Conversamos por um tempo e ela foi descansar do dia cheio. Mais tarde, não saímos e conseguimos conversar bastante. No fim da noite, quando todos já tinham ido dormir, voltamos ao assunto Cultura do Estupro e resolvi tentar o depoimento mais uma vez. Desta vez, Setembro não relutou. Agora, enquanto escrevo este capítulo, me pego

pensando se a indignação pelo assassinato da amiga não a fez ter mais ânsia de lutar contra o abuso da sociedade que vivemos.

Não me atreveria a filmar nossa entrevista. Propus que fosse feita apenas por áudio e fiz questão de que o celular que gravava nossa conversa se mantivesse fora de sua linha de visão. Enfim, começamos *(mas não antes de Setembro acender seu amado cigarro...)*

— Em relação à sua criação, como foi a instrução de seus pais sobre sexualidade? — perguntei.

— Meu pai morreu achando que eu era virgem. A minha mãe, o dia em que eu perdi a virgindade, cheguei e contei a ela.

Eu continuei a conversa, perguntando: — E ela recebeu bem? — Ela prosseguiu me respondendo.

— Ehh, mais ou menos né? Ficou meio preocupada, fazia uma semana que eu havia feito 16 anos, achou que eu era nova e tal. Mas eu estava apaixonada, estava namorando meu namorado já há um ano e quando a gente acha que chegou a hora, chegou a hora né? Foi muito bom, foi muito lindo, tinha uma lua cheia batendo na cama. E ela... ela reagiu assim... ficou meio assim... porque meus avós eram muito caretas, tanto que nem falaram de menstruação pra ela. Ela achou que tinha ficado doente quando ficou menstruada, entendeu? Toda a informação que tinha era das colegas de colégio. Daí, pega eu como filha, eu sou a pessoa mais liberal do mundo, eu sou livre, bicho solto, ela sempre reclamou muito do choque...mas sempre foi uma pessoa muito aberta. Até hoje reclama um pouco, diz que não sabe de quem eu puxei essas coisas, mas aceita, aceita. — Terminou. Eu continuei a conversa, agora, já querendo detalhes sobre o seu contato com o pai.

— E seu pai te privou muito de contatos com meninos? — Ao que ela responde:

— Não, quando eu era criança, o primeiro beijo na boca que eu dei de língua, eu tinha 7 anos, ele tinha uns 10, eu sofri muito, porque a empregada me dedurou. Eu morava no 11º andar e ele, no 12º. Daí a gente se beijava, a empregada viu e contou pro meu pai.

Meu pai fez um escândalo, achava um absurdo, eu tinha 7 anos só.

— Mas ele não se importava de você brincar com outras crianças do sexo masculino, mesmo depois desse episódio? — Perguntei acreditando que Setembro teria uma criação mais rígida, devido à época.

— Não, eu brincava muito com meu irmão de médico. Eles sempre foram liberais, ele tinha ciúme, uma coisa diferente de não ser liberal. Eu sempre tive toda a informação sexual, nunca tive esse problema...

— Questões de brinquedo, ele te limitava no quesito gênero? — Eu insistia em buscar alguma visão mais conservadora por parte dos pais, era possível que a criação da capital fosse tão diferente do interior, mas esperava ao menos vestígios do que estava acostumado.

— Não, o problema é que eu sempre fui muito menino, muito moleque, eu jogava bola de gude, ia pro sítio, andava a cavalo, subia em árvore. Eu nunca brinquei de boneca; minha irmã brincou, eu não. Achava um saco aquele negócio de ficar carregando pra baixo e pra cima. Uma vez eu me lembro de ter uma boneca que era maior do que eu. Daí, eu queria um carrinho de boneca pra poder passear com ela e me deram um carrinho de verdade, porque essa boneca só cabia em carrinho grande. Eu gostava de andar com ela, mas brincar mesmo de boneca eu nunca gostei, não era a minha.

Eu falhava miseravelmente em meu pré conceito de criação feminina ao se tratar de Setembro, talvez pela educação de seus pais, ela mostrava de longe ter crescido com muita liberdade e instrução quando seu gênero e sexualidade.

— E na questão de assédio, a gente sabe que a mulher na nossa sociedade é alvo de assédio no dia a dia. Você teve episódios onde seu espaço pessoal foi invadido? — Ao que ela respondeu:

— Muito, muito. De passar e homem ficar mexendo, em algumas, você até acha simpática: “Deus guarde essa saúde” até é engraçada, mas a maioria é muito grosseira. Daí, teve uma vez que um pegou no meu cabelo, eu tirei o cabelo e o xinguei de *filho da puta*. Ele se justificou, dizendo: “poxa, estou querendo ser gentil com você!”. Era um cara que eu nunca vi na vida, querendo botar a mão

no meu cabelo. Não interessa onde botou a mão, não quero. É muito grosseiro. Os homens são muito grosseiros com as mulheres, né? Eles falam coisas realmente ofensivas. — Afirmou Setembro com ar de indignação.

— Previamente ao depoimento, você comentou que foi casada duas vezes já. Dentro do relacionamento, aconteceu algo abusivo? — Perguntei. Buscava contatos com a cultura do estupro fora do óbvio, que são os assédios que todas as mulheres sofrem diariamente em todos os lugares possíveis, como um vestígio deixado pelo patriarcado, muitas mulheres eram abusadas em seus relacionamentos. Seria Setembro uma delas?

— Meus maridos foram os dois maravilhosos, nunca tive problema. Eu me lembro que tive um episódio de infidelidade. Eu sou muito desconfiada, muito experiente, homem não sabe trair! E eu não acho que infidelidade seja traição, traição é deslealdade: namorar sua melhor amiga, usar a sua cama para *foder* com outra, isso pra mim é deslealdade. — Me peguei encantado com a fala de setembro, muito bem decidida, livre de amarras sociais, embora ainda me espantasse um pouco com os palavrões vindo de uma senhora de 56 anos. — A infidelidade não é tão grave, você dá um ataque e depois perdoa. Até porque eu não lido muito bem com fidelidade. Eu me lembro que meu marido transou com outra mulher; eu peguei e transei com outro cara que eu estava afim e não transava porque estava namorando ele. Eu sempre falei com meus maridos: “ – você quer um contrato de fidelidade? É difícil pra mim, mas eu dou; por favor, quebre o contrato! Eu vou ficar muito feliz”. Então, de certa forma, eles tentavam ser fiéis porque sabiam que se eu descobrisse, eu iria adorar.

Acreditei em cada palavra, Setembro falava sem pestanejar no discurso de empoderamento velado que acabará de fazer. Resolvi deixar de lado as amarras de sua criação com a cultura do estupro e ir direto ao ponto. Àquela altura, Setembro já havia acabado seu cigarro e acendeu o segundo durante nossa entrevista. Eu já havia percebido que o cigarro era frequente durante as conversas, mas, da-

quela vez, o acender de um no outro se mostrava, claramente, como um sinal de ansiedade. Era uma conversa desconfortável.

— Conta pra mim como foi seu caso de abuso, como aconteceu?

— Foi muito louco, porque depois as pessoas ficaram dizendo pra mim que, quando ele bebe, ele faz essas coisas. Mas eu já tinha visto; o conhecia há muitos anos e, por mais que eu já tivesse visto ele bêbado, nunca o vi fazer nada parecido — respondeu enquanto dava seu segundo trago. — Ele veio aqui e depois saiu. Quando ele voltou, a minha vizinha aqui de porta, que é minha amiga, interfonou para mim, porque ela sabia quem era. Afinal, ele frequentava a minha casa, sempre com o namorado do lado.

— Então, ele é homossexual? — perguntei um pouco surpreso com a declaração.

— Sim, ele é homossexual, passivo ainda por cima, o que deixa tudo mais absurdo. — Acenei com a cabeça dando um sinal de entendimento ao mesmo tempo que pedia que continuasse. — Como eu dizia, a vizinha me ligou e disse que tinha um cara chutando o portão lá embaixo. Eu achei estranho e disse que iria olhar, que, antes de chamar o porteiro, eu desceria pra olhar. Mesmo ela me alertando que o cara estava violento, eu descí. Chegando lá, vi que era meu amigo e abri a porta. Ele entrou e assim que chegamos aqui em cima, ele começou a se aproximar de mim, dizendo que eu era maravilhosa, quero ter “*uma coisa com você*”, “*quero te chupar*”. Isso já tirando a roupa e ficando em cima de mim.

Naquele momento, Setembro coloca o cigarro em um cinzeiro preto que ficava em um banquinho à sua esquerda, se levanta do sofá em que estávamos e se senta para descrever a cena. — E eu, sentada na poltrona, fiquei com o pé assim, segurando ele, ele nu tentando se aproximar e eu fazendo força para afastá-lo, o tempo toda acuada, entendeu? E foi horrível, porque daí, de “*maravilhosa*”, ele passou para o discurso de: “*puta, sua puta, sua quenga*”, ficou me xingando. — Não sei se mencionei antes, mas setembro tem estatura baixa e, ao demonstrar, na poltrona, como se esquivava de seu agressor, não

pude deixar de notar que ela a envolvia. A cena para mim foi ainda mais forte ao imaginar como ela, indefesa, ficou à mercê daquela situação. — Eu levantava e tentava ir no banheiro ele ia atrás, foi... foi... ele é muito forte. A sorte foi que ele tinha misturado drogas com bebida, ele estava muito ruim, porque se ele estivesse um pouco melhor, ele tinha conseguido o que ele queria. Eu fiquei com muito medo, muito, muito medo! Eu não sabia o que fazer, porque meu celular não estava legal, estava travado. Eu não tinha a quem recorrer, eu não conseguia ligar nem pra Polícia, ninguém. Minha vizinha já tinha tomado o remédio pra dormir, então não adiantava, porque ela não acordava.

O cigarro havia terminado novamente e outro já estava em sua mão, porém, dessa vez ainda apagado. — Ele fazendo o maior escândalo, gritando, falando alto, me xingando. Daí, teve uma hora, depois de umas duas ou três horas nessa luta, lutando com ele, que eu subi para o giral da cama de casal e ele não me achou. Ele estava tão ruim que ele não me achou, mas mesmo se ele me achasse, eu acho que ele não conseguiria subir a escada do giral. E eu fiquei lá, escondida a noite inteira acordada, ouvindo coisas caindo, coisas quebrando. Os dois chuveiros são muito fortes; ele abriu os dois, só fui ver no dia seguinte. Ele inundou tudo. Passei a noite inteira lá em claro. Esperei amanhecer; depois de um tempo, quando já não estava ouvindo mais nada, eu desci. Ele estava esticado nu, na cama de baixo, dormindo; o banheiro e o corredor todo inundado de água, ele tinha cagado em cima da tampa do vaso, no chão. Daí eu acordei ele e coloquei ele para fora. — Me apoiei sobre as pernas, apoiando o queixo em uma das mão, em sinal de atenção, e a perguntei sobre o estado de consciência do sujeito, afinal, mesmo que tenha dormido pouco, já seria o suficiente para estar mais sóbrio. — Ele estava arrasado. — Dizia ela, já com o cigarro sendo aceso por entre os lábios.

— Ele tentou justificar? Tentou argumentar sobre tudo que havia acontecido?

— Disse que estava louco, pediu desculpas e saiu.

— Tentou contato alguma vez depois disso?

— Sim, ele entrou em contato e eu disse que ia contar ao namorado dele. E ele dizia só que, se eu contasse, o namorado iria terminar com ele. Eu falei que seria bem feito, porque eu queria me vingar de alguma forma. A gente teve outra vez uma conversa no *whatsapp* em que ele ainda tentava se justificar, mas eu continuava puta com ele. Poxa, eu conheço ele há 6 anos, tomamos *doce* — Tentei manter minha cara séria e não demonstrar espanto ao digerir a ideia de Setembro tomando esse tipo de entorpecentes — juntos em festas e ele cuidava de mim quando precisava. Era uma pessoa em quem eu confiava, abri a porta porque eu confiava.

— E você contou para o namorado? — Perguntei

— Sim, eu printei a conversa e mandei pro namorado. O namorado me ligou e eu contei tudo para ele, era vingança sim, mas até certa parte, porque ele só ouve o namorado. Então, o namorado iria conseguir impedir que ele continuasse bebendo. — A preocupação da nobre Setembro contra seu agressor mostrava certa compaixão, o sentimento de amizade as vezes driblava o sentimento de ódio.

— E como foi a reação do namorado?

— Eles continuaram namorando. — Me senti tomado de incompreensão, como era possível que alguém continuasse com uma pessoa capaz disso tudo, não existia limite de banalização por parte do namorado, me peguei julgando, mas não deixei transparecer, Setembro continuou. — Eu insisti que o namorado ao menos conversasse, ele não pode beber, isso não pode acontecer. Um gay, passivo ainda por cima, de pau duro em cima de mim, querendo chupar meu peito. Olha, foi horrível! Depois disso, o namorado continuou meu amigo no facebook e, ele mesmo, eu bloqueei. Só agora, 6 meses depois, parece que terminaram. — É comum que vítimas se isolem por um tempo, e percebi pelo depoimento que Setembro gosta muito de sair. Perguntei a ela como tudo aquilo havia refletido em sua vida. — Eu fiquei tendo pesadelos, chorava que nem uma louca. Na primeira semana, eu contava para as pessoas e chorava, chorava e

chorava. Nunca me aconteceu nada parecido, é uma violência, sabe? No dia seguinte, eu estava toda machucada, cheia de roxos, toda dolorida da força que eu fiz para conter ele. Sabe? Eu sou uma pessoa livre, eu gosto de sexo, mas pô, isso é uma violência você dizer NÃO e a pessoa não te ouvir. Você diz: “Não quero! Não, não, não” e a pessoa não te ouve, te xinga e não te ouve. O *não*, quando uma mulher diz, ela pode estar quase te *dando*, mas o não é não! Os homens não podem dispor do nosso corpo como se fosse deles!

— Na primeira semana que você disse ter contado para algumas pessoas, como foram as reações?

— Muitos deles justificaram com um: “*ah, é assim... Quando ele bebe, ele fica assim mesmo!*” — Ai estava, a face da cultura do estupro enraizada, que tanto buscamos combater com esse livro. — Mas muitos conversaram com ele, deram esporro e o bloquearam, do facebook e da vida, em solidariedade a mim. Cada um teve uma reação, mas são meninos, jovens, são mais difíceis de entender o que a gente sente. — Acredito que não consegui disfarçar minhas sobrelhas levantando nessa parte, Setembro justificava na idade a explicação pela banalização de seu abuso.

Depois dessas justificativas automáticas, eu já imaginava a resposta sobre o porquê de não denunciar para a polícia. — Eu pensei em denunciar, mas não cheguei às vias de fato. Daí chegar lá, me expor, não ia acontecer nada com ele. Podia até acontecer, tem a Lei Maria da Penha, mas pô... tem mulher que é currada mesmo e eu não fui currada. Foi uma tentativa, foi muito violento, traumático, porque eu nunca tinha passado por nada parecido na vida, entendeu? Tenho 56 anos, cara... aos 56 anos acontecer isso? Eu passei a vida inteira para acontecer isso depois de velha? Cabelo Branco? Muito louco tudo isso... — Naquele momento, percebo na fala de setembro algo muito presente em nossa sociedade, a diminuição do abuso. Muitas mulheres, durante nossas pesquisas, algumas, de fato, esturpadas, buscavam diminuir sua situação abusiva em relação às outras. Isto mostra que os números de denúncias de abuso sexuais no Brasil

são maiores do que imaginamos ou que, de fato, são relatados nas pesquisas feitas pelos órgãos responsáveis. — E ele, realmente, deve estar muito arrependido, muito envergonhado. Em festas de amigos em comum ele não aparece, só um amigo que ele entra em contato. É isso... é simples, não é nada de outro mundo, mas me deixou muito traumatizada, muito preocupada. Minha casa vivia cheia de pessoas; agora, só deixo as pessoas mais próximas, estou me preservando mais, me protegendo um pouco.

A entrevista havia ficado muito intensa. Setembro já pegava o quarto cigarro e eu percebi, pelo peso das palavras, que não estava mais tão à vontade com o relato. Achei melhor então finalizar e deixar que respirasse um pouco fora daquela lembrança horrível.

— É isso, obrigado pelo seu depoimento. Acho que, mesmo que ache simples, todo abuso é válido de se denunciar e expor e é isso que buscamos fazer nesse projeto. — Desliguei o gravador e guardei novamente o celular onde estivesse fora de vista, para que pudéssemos continuar a conversa livre da pressão daquela entrevista.

— Sabe, eu sempre fui muito liberal com sexo, justamente por isso, quando eu digo não, é não mesmo. Ainda mais um cara que nunca me passou pela cabeça ter nada com ele. Eu não tenho tesão em gay, não tenho, amo todos de paixão, mas não tenho.

— Eu entendo perfeitamente, sinto muito que tenha passado por tudo isso. — disse buscando apoiá-la.

—Eu vi uma colega de trabalho que foi estuprada, currada por trás, perder o brilho nos olhos. Ela sempre foi muito feliz e alegre e, depois do ocorrido, você olhava nos olhos dela, ela estava morta. Eu fiquei muito mal com aquilo, ninguém merece passar por isso. — Deixei que o assunto acabasse ali, enquanto o quarto cigarro era aceso; daquela vez, fumado com mais calma. Eu, inclusive, a acompanhei com meu palheiro. Conversamos por mais algum tempo, rimos e fomos dormir. No domingo, me levantei cedo e fomos à praia. Quando voltamos, Setembro havia preparado um almoço maravilhoso, desfrutado ao redor da mesa, com conversa agradável, em famí-

lia, como a vida corrida de faculdade e trabalho não me permitiam fazer há anos.

Setembro, em pouco tempo, se tornou uma amiga. Cuidando de todos à sua volta, sempre com palavras alegres, sem moralismo, nenhum filtro, não havia como ter outro fim nossa relação. Estava tudo maravilhoso, meu último dia de estada estava sendo perfeito, rodeado de pessoas inteligentes e de toda a beleza que o Rio de Janeiro oferecia. Queria que o tempo parasse, mas era impossível e meu ônibus não esperaria.

Setembro veio me visitar em Belo Horizonte logo em seguida. Ainda mantemos contato pelo whatsapp e facebook, mas nada sobre o depoimento foi falado novamente, apenas conversas amigáveis e cheias de conteúdo, como gostamos. Logo que retornei para a realidade já na segunda feira, comentários sobre o próximo depoimento surgiram.

Foram maravilhosas as mini férias, mas o livro não iria se escrever sozinho.

“(...) Lá vem a chuva de novo, caindo das estrelas, encharcado na minha dor de novo. Nos tornando quem somos, enquanto a minha memória descansa, mas nunca esquece o que eu perdi: Me acorde quando setembro acabar (...) Me acorde quando setembro acabar...”²¹

²¹Trecho da tradução da música “Wake Me Up When September Ends”, é o quarto single do sétimo CD da banda americana Green Day, American Idiot, gravado em 2004 e lançado em 2005. A música foi escrita pelo Green Day (com Billie Joe Armstrong compondo as letras) e produzida por Green Day e Rob Cavallo.

OUTUBRO



Já não era novidade na faculdade que estávamos tratando “a cultura do estupro” como tema de conclusão de curso e muitas pessoas já falavam pelos corredores sobre o assunto, de críticas a apoio. O assunto ainda é um tabu, logo a polêmica gerou muita discussão e falatório. Eu havia acabado de retornar do feriadão a passeio no Rio de Janeiro - onde aconteceu meu encontro com Setembro -, quando me informaram sobre a procura de Outubro para nos dar seu depoimento. Achei incrível a coragem de alguém de participar de um projeto desses, sem que a procura partisse de nós. Estava curioso para a entrevista. Por mais cansado, psicologicamente, que estivesse em trabalhar esse tema, eu me peguei curioso sobre o que alguém com esse posicionamento teria a dizer.

Tive que fazer o primeiro contato por mensagem de *Whatsapp*, embora não goste dessa abordagem. O choque de clima úmido do Rio, com o seco que regia Belo horizonte por quase todo o inverno, fez minha voz desaparecer por semanas e seria impossível qualquer diálogo em voz alta por telefone. Como ficou sendo minha responsabilidade esse encontro, perguntei se podíamos marcar em um local diferente da faculdade, o que, por motivos óbvios, foi prontamente aceito. Mas como ambos tínhamos aula no dia, marcamos às 16h na lagoa da Pampulha, que nos permitiria um prazo suficiente para a entrevista, sem que nos atrasássemos para estar na faculdade às 19h.

Consegui que me liberassem mais cedo do trabalho, o que me levou a chegar 15 minutos antes no local que combinamos. Durante o tempo que me restava, pensei em rascunhar em meu bloco algumas perguntas que me garantiriam seu contato com a “cultura do estupro”. Sem muita demora, fui tirado de meu foco pela voz de Outubro* que me cumprimentava.

Outubro deve ter cerca de 1,80 de altura, uns 65 kg, cabelos grandes e loiros até o ombro, 27 anos, previamente informados para

*Nome fictício.

mim pelo *Whatsapp* dias antes. Embora já fosse primavera, o dia frio lhe garantia o uso de agasalho e calça jeans sem que fosse incomodado pelo calor do sol. Me apresentei formalmente e deixei que Outubro nos conduzisse a um lugar onde se sentisse à vontade para nos sentar. Peguei meu celular e anunciei que começaria a gravar, como já avisado em nosso primeiro contato. Sem mais delongas, demos início ao relato...

— Se vou contar sobre meu contato com a cultura do estupro, preciso começar pelo motivo de nunca tocar no assunto, minha sexualidade. Sou homossexual e desde que me entendi assim, ouço julgamentos, onde minha sexualidade é definida pela sociedade como fruto de abuso na infância; para mim, é extremamente necessário afirmar que isso não é verdade. Hoje eu vejo que não sou homossexual por ter sido abusado e sim, fui abusado por ser homossexual, porque na cabeça do meu agressor, eu ser “diferente”, eu demonstrar curiosidade pelo mesmo sexo era uma brecha para o muito usado: ‘Ele queria, ele pediu por isso!’.

Nunca havia pensado sobre a colocação que ele fez e, para ser sincero, fazia muito sentido. Tentei então não mostrar surpresa ou reflexão na hora sobre aquilo, apenas concordei com a afirmação e pedi que continuasse. — Eu devia ter 9 ou 10 anos. Sempre fui uma criança sem muito contato com outros meninos, talvez por não me encaixar entre eles e ser mais caseiro. Logo, nunca tinha visto outros meninos nus - talvez por criação -; nem mesmo o meu pai. Meu agressor já estava com 18 anos e, por morar longe do Centro da cidade, vez ou outra vinha passar o final de semana para ir aos bailes que rolavam na cidade. Em uma dessas vezes, eu estava assistindo à TV no meu quarto e enquanto ele se arrumava para sair, se trocou por lá após o banho. Foi a primeira vez que vi um homem nu na vida! Eu não tinha sexualidade desenvolvida e, por mera curiosidade de saber como era um pinto adulto, eu fiquei olhando por um tempo, esse foi meu erro.

Foi quando eu perguntei: — Ele disse alguma coisa na hora? Que

te fizesse entender interesse?

Ele, mais que depressa, respondeu. — Não, mas hoje eu percebo que na cabeça dele, foi a brecha que ele precisava, se eu olhava demais é porque estava querendo!

— E o que ele fez em seguida? — Perguntei rapidamente sem tentar interrompê-lo de seu relato.

— Nesse primeiro momento nada, mas no outro dia, ele fez questão de se trocar no meu quarto de novo. E mesmo eu não o encarando dessa vez, me lembro de ele demorar mais para se vestir. Hoje, percebo que foi intencional. No próximo final de semana, já estava lá de novo e foi quando aconteceu... — Nessa hora, eu percebi que a pausa longa buscava forças para continuar. Então, ele continuou. — Meus pais sempre iam à missa e eu não gostava de ir, preferia ficar em casa sozinho. Ele sabia, mas sempre saía junto para as tais festas de fim de semana. Nesse, ele não saiu: “Só vim passar final de semana, vim fazer companhia a Outubro”, ele disse.

— Você imaginou que havia segundas intenções? — Questionei.

— Não, nem sabia o que era sexo, quicá pensar em abuso sexual. — diz Outubro enquanto olha o horizonte da Pampulha e coloca o cabelo atrás da orelha. Pedi então que continuasse, tentando novamente não fazê-lo perder o raciocínio e o sentimento que buscava para transcrever depois. — Assim que meus pais saíram e ficamos sozinhos, disse estar com muito calor e, como solução imediata, já foi tirando a bermuda e ficando só de cuecas. A casa era pequena e o telhado, baixo. Não me lembro a época, mas, realmente, estava muito quente. Depois de alguns minutos assistindo à TV, ele surgiu com uma ideia: ‘Tenho uma brincadeira legal, já brincou de *lutinha*?’ Eu disse então: ‘ Não gosto dessas brincadeiras, eu uso óculos e sempre me machuco’. Ele então continuou: ‘ Só você tirar os óculos que não vai se machucar’. Mas eu insisti, dizendo: ‘ Prefiro assistir à TV mesmo’. Me lembro que ele ficou me cutucando e insistindo em brincarmos só um pouquinho e eu pra não ser mais cutucado, acabei concordando”.

— Até então, mesmo incomodado com a perturbação, não percebia nada de diferente na brincadeira? — me peguei perturbado pelos sons que essas palavras tiveram, nada seria mais trágico do que se Outubro pensasse que o estava questionando como toda vítima da cultura do estupro um dia foi.

— Não, hoje percebo que não tive orientação, provavelmente nem meus pais tiveram, veja como fui inocente... Ele até manteve o teatro por um tempo, me deixava ganhar; como se uma criança de 9 anos pudesse derrubar um homem de 18 de alguma forma. — Ele prosseguiu, relatando a experiência: — Com o calor da brincadeira, eu tirei minha blusa; aí, ele perguntou se eu não queria tirar também a bermuda. Quando eu disse não, ele desfez o sorriso e disse para continuarmos a “*brincadeira...*” — Nesse momento, Outubro respira fundo novamente, percebo que a parte do abuso se aproxima, inquieto, insiste em colocar o cabelo atrás da orelha, dessa vez, das duas. — ...Já de início, ele me segurou contra o chão e pressionou meu rosto em um travesseiro. Claro, isso tudo com mais força que antes, jogando o peso do corpo em cima de mim logo; eu não conseguia me mover. Tentei por mais um tempo, mas em vão. Senti que algo estava errado pelo jeito que ele se esfregava e porque tinha algo duro me pressionando a bunda. Mandei parar e ele não parou, fez o contrário, me segurava mais forte, se esfregando suado nas minhas costas. Quanto mais eu mandava ele parar, mais pesado ele ficava. Em um segundo momento, ele tentou abaixar minha bermuda e pegou no meu pênis; foi meu gatilho para gritar e ter a cara enfiada no travesseiro. — Finalizou sem olhar em meu rosto, sua respiração era claramente acelerada, o incômodo era quase palpável, mesmo assim optei por continuarmos. O relato começava a me incomodar, e mesmo me segurando, essa pergunta saiu com som de indignação boca a fora.

— Mesmo você gritando, ele não demonstrou pensar em parar?

— Sim, minha casa fica ao lado da casa de meus avós, meu avô deve ter ouvido o início do grito e perguntou da janela dele o que

estávamos fazendo. Ele, com medo de ser pego, me soltou, mandou eu ficar calado e gritou de volta que estávamos brincando”. Foi quando eu indaguei:

— E seu avó acreditou? — Ao que ele respondeu:

— Acredito que sim, não perguntou mais nada depois disso. — Diante de sua resposta, novamente eu perguntei, já mais ansioso.

— E o que aconteceu depois?

Outubro disse: — Aproveitei a deixa para correr ao banheiro e me trancar lá! Tomei um banho, não sei quanto tempo fiquei por lá, mas não foram poucos minutos, enquanto ele batia na porta e falava comigo através dela para que eu saísse e voltássemos a “brincar”.

Não queria esboçar reação diante da cena que ele acabava de descrever, mas senti um engolir seco descer pela minha garganta, ao pensar em um garoto de 10 anos, sozinho em casa acuado desse jeito. Sem que o interrompesse, Outubro continuou

— Com o tempo, ele se cansou e foi ver TV. Tentei aproveitar para sair do banheiro e ir me trancar no quarto dos meus pais, mas dei de cara com ele no corredor, quando disse: ‘O que você tava fazendo esse tempo todo?’ - Nada’ — respondi, já passando em direção ao quarto. Ele sussurrou de volta enquanto eu passava, dizendo: ‘- *Aposto que tava batendo uma!*’ Aquilo pra mim não significou nada à época. Só fui saber do que ele falava alguns anos depois. Hoje, é a frase que mais me lembro, a que fica ecoando na minha cabeça quando lembro de tudo. Entrei no quarto e fechei a porta.

Nesse momento, Outubro se cala de uma vez. Olho em seu rosto e ele me indica que alguém se aproximava, um vendedor de água, refrigerante, balas etc. Perguntei se queria algo e, como retorno, disse que aceitaria água. Acabei comprando também um maço de palheiros (cigarro de palha), já que os meus estavam acabando. Ao ver que comprei, Outubro acabou me perguntando se poderia fumar comigo. Não me importei; vi até como se demonstrasse estar à vontade comigo, afinal não se divide palheiro com qualquer um.

Pedi que continuasse de onde parou e, no fim de uma golada de

água, ele respirou fundo mais uma vez e continuou.

— Entrei no quarto e fechei a porta. Lembro que ele até tentou impedir, mas coloquei tanta força empurrando a porta que consegui impedir e trancar antes. Me lembro de deitar na cama, de chorar até dormir e de só acordar com meus pais chegando. Dormi com eles e no outro dia, contei para minha mãe, mas tive vergonha de entrar em detalhes.

— Então você contou na época tudo? — Engoli seco, a voz que quase não existia, saiu mais falhada ainda.

— Sim. — respondeu.

— E qual foi a atitude que tomaram? — Embora já imaginasse a resposta pela cara de desdém da resposta anterior, eu precisava ouvir. Outubro deixa de lado a garrafa de água, dá um trago no cigarro, olhando em direção à Igreja de São José e continua.

— Meus pais acreditaram nele, na história que tudo foi só uma brincadeira, imaginação fértil de criança!

— E como você se sentiu? — Eu sabia! Mais que saber, eu sentia uma enorme angustia dentro de mim após saber de tudo aquilo, imagino o quanto doía nele.

— Culpado e confuso, pensei por muito tempo se não era mesmo uma brincadeira, afinal de contas. E como ele não voltou por um tempo, não insisti mais naquilo, só deixei que sumisse tudo, não queria ficar falando. — Não tinha fim, o sentimento que persistia, era que a angustia do pobre rapaz estava longe de acabar. O questioneei então sobre quando ele retornou, no que ele prosseguiu. — Ele apareceu alguns meses depois. Me lembro de estar em uma quadra de futebol que fica ao lado da minha casa e de ele chegar com um amigo me procurando. Eu gelei na hora... tentei me esconder no vestiário, pensando ser seguro, mas claro que não era e eles foram atrás me procurar. Assim que entraram, eu tentei sair e um deles me segurou. A minha sorte era que essa mesma quadra ficava dentro do batalhão da PM, onde eles praticavam exercícios. Um policial apareceu bem na hora e perguntou o que eles faziam ali, já mandando todo mundo sair.

Pensei que não era possível que um policial vendo dois adolescentes coagindo uma criança fosse passar impune. E o questionei: — Você contou ao policial o que tentavam fazer?

— Acho que ele já desconfiava, mas não se atentou para o fato de eu ser uma criança e os outros dois bem mais velhos, ou simplesmente não se importava. Fui direto para casa, disse à minha mãe que não queria ver ele e questionei porque ele continuava voltando para minha casa depois do que tinha acontecido. Como resposta, minha mãe disse que ele era afilhado deles e que o consideravam muito. Eles dormiram na minha casa aquela noite e eu, na casa dos meus avós. Depois disso, ele sumiu por anos. Quando inventou de dormir lá em casa novamente, eu já estava com uns 15 ou 16 anos e não tentou mais nada, até porque, eu já conseguiria me defender. Eu sempre o ignorava em assuntos e até o tratava mal, sendo repreendido pelos meus pais diversas vezes por isso. Um dia, ele finalmente desapareceu! — Acho que não conseguia esconder a indignação quando perguntei:

— Então seus pais banalizaram a situação novamente? — Já era nítida minha cara de empatia para com Outubro, nenhuma criança merece passar por isso. Ver seus pais, que deveriam o proteger, acreditando no vilão da história.

— Sim, mas hoje entendo que ninguém espera que isso aconteça, ainda mais que venha de um parente querido, inocente, que nunca fez mal a ninguém. Me lembro que a mãe do desgraçado havia morrido de câncer; isso fazia com que todos sentissem pena dele; afinal..., pobrezinho..., não tinha mais ninguém. Culpei meus pais por um tempo por não acreditarem em mim; não sabiam em quem acreditar. Na dúvida, ‘a criança que tem a mente fértil’ é que interpretou mal uma brincadeira.

Acredito eu que não haja justificativas para banalizar uma situação de abuso infantil como essa, mas não disse nada a Outubro. Claramente, aquela era a maneira de ele perdoar os pais e seguir em frente. Ele então continuou, dizendo: — Hoje, entendo que, por mais que doa falar sobre, precisamos ter coragem e combater a igno-

rância sobre a cultura do estupro. Precisamos falar sobre os parentes bonzinhos não estarem livre de ser pedófilos; precisamos aprender a dar mais crédito para a vítima, a ouvi-las mais e a questioná-las menos. Só porque é mais fácil não acreditar ou pensarmos que é mais fácil se esquecer não significa que de fato será, que não haverá sequelas pelo resto da vida.

— Hoje, já adulto e consciente do que passou, como acha que isso refletiu na sua vida? — Precisava perguntar, era como apertar o dedo na ferida! Me senti mal em fazê-lo refletir sobre isso, mas o livro não teria sentido se não mostrasse os males de continuar alimentando a cultura do estupro.

— Sou um adulto cheio de inseguranças, problemas de confiança e autoestima. Lutei contra minha sexualidade até os 20 anos, por achar que ser gay daria razão a quem me abusou. Afinal, na cabeça doente dele, eu gostava daquilo. E se mesmo 16 anos depois é difícil falar sobre isso, ainda corro o risco de, ao visitar meus pais, encontrar o pedófilo que abusou de mim aos 9 anos de idade, caminhando pela cidade, livre, como se não tivesse feito mal a ninguém. E tudo por ignorância, por não reconhecermos que nossa sociedade é conivente com isso e não percebe

— Contou o que aconteceu para mais alguém durante esses anos? — A maioria das vítimas que entrevistamos até então relutava em tocar no assunto.

— Algumas poucas pessoas, meu namorado, alguns poucos amigos íntimos. — respondeu.

— Quais foram as reações? — *‘Que seja empatia, que seja empatia, que seja empatia!’* Nessa altura só queria que esse menino tivesse sido confortado de alguma forma.

— Choque, raiva, empatia. — disse, consolado. *‘Isso!’* Pensei

— Acha que refletiram sobre o assunto depois que contou? — continuei.

— Tenho certeza. Conversamos algumas vezes sobre o que a banalização do abuso causa à vítima, mas não é um assunto que surja de

maneira espontânea. Acho que, por costume, todos evitamos falar de assuntos que não sabemos lidar, doença, morte etc.

Era assustador que quando as pessoas entendiam a cultura e refletiam sobre ela, os relatos surgiam do inconsciente. Foi pensando nisso que o questionei: — Mas alguma dessas pessoas que você contou sofreu abuso parecido?

— Estranhamente, quase todos. Acho que, no fim, isso facilitou nos apoiarmos. Mas é triste que tantas pessoas sofram abuso e que, mesmo sendo vítimas, tenhamos tanta vergonha de expor isso. — Enquanto pegava o celular para desligar o gravador, percebi uma reação familiar em Outubro. Assim como recentemente em Setembro e nos demais até então, houve uma certa paz, uma sensação de alívio, acredito que por, finalmente, conseguir contar a um desconhecido sobre o ocorrido, por tirar todo esse peso das costas e, claro, pela tensão de estar sendo gravado.

Depois da entrevista finalizada, ele me perguntou: — Acabou?. Eu então lhe respondi: — Sim, acabou! — Logo, ele respirou, esboçou-me um sorriso e disse: — Uffá!!

— Naquele momento, eu o agradei pelo contato e por toda a conversa:

— Obrigado pela confiança e por compartilhar comigo. Tenho certeza de que estamos, ao menos, iniciando uma mudança. — Me aproveitei da abertura para propor que fossemos andando e conversando até o ponto de ônibus, já que iríamos para a mesma faculdade, quando, novamente, perguntei. — Por que decidiu fazer parte do projeto que é esse livro? — Ele, educadamente, me disse:

— Espero que mude alguma coisa pra alguém, ou mesmo pra mim sabe? Me traga um ponto final, um pouco de paz, sabendo que minha história pode mudar o pensamento de alguns pais sobre os filhos ou a sociedade frente uma vítima de abuso. — Eu, imediatamente, concordei e ressaltai:

— Com certeza irá! Você deu um passo muito grande hoje, se abrindo de maneira tão corajosa. Fiquei fascinado quando soube que

nos procurava para contar sua história. Para mim, já é um sinal que esse projeto esteja causando mudanças.

Enquanto caminhávamos até o ponto, percebi que Outubro refletia sobre o que eu acabara de dizer. Ele olhava a lagoa iluminada pelo sol por entre as árvores da orla já floridas pelo recente toque da primavera que acabava de começar, enquanto sorria. Outubro encontrou conforto no que eu disse. A paisagem deu lugar à outra realidade, quando vimos o nosso ônibus. Era o momento de finalizar aquela conversa e de eu voltar para mais um dia de faculdade. Entramos no “Circular 54” já bem cheio. Outubro se sentou em um acento vago logo à frente. Eu, tocando, rapidamente, seu ombro, me despedi com um ‘obrigado’ e um sorriso que foi retribuído.

Já em meu assento ao fundo, na janela, me despedi da Lagoa da Pampulha com os olhos e, em reflexão, finalmente, percebi que nosso trabalho não tinha só a mudança social como resultado final. No decorrer de todo esse trabalho, estávamos mudando essas 12 vidas de alguma forma; era a passagem de novas ‘fulhinhãs’ de um novo calendário; de quatro novas estações que estavam – e estão – sempre, por vir. Para eles e também para nós...

Outubro só vai descobrir agora, mas suas reações me deram força para continuar com as nossas entrevistas. Por mais incômodo que seja lidar com todo esse caminhão de sofrimento passando por cima de nós, relato após relato, é gratificante saber que ajudamos, de alguma forma, a livrar essas pessoas – pelo menos um pouco - de suas dores e de trazer de volta esse sentimento de esperança.

Chegando na faculdade, entramos separadamente. Outubro continuou em direção aos banheiros e eu fui encontrar as meninas em nosso lugar habitual, a lanchonete, onde nos reunimos para falar do trabalho, além de besteiras cotidianas. Sempre encontro Outubro nos corredores da faculdade, mas limitamo-nos apenas a nos cumprimentar com a cabeça. Era hora de dar por encerrada aquela história.

Aquele momento estava finado. Estava morto. Voltaria a ser perenizado aqui, a partir de outras histórias, de outros contextos, mas com uma

diferença: este momento ocorreu por escolha; não por imposição.

Momento finado (guardado bem no fundo da memória de Outubro). É hora de dar voz a outros; era hora de Novembro.

“Até outubro eu esperei; algumas coisas minhas juntei; o suficiente para poucos dias; (...) quem sabe até um mês. Até o outono ainda havia chance; mas com a distância veio à certeza. Eu sempre faço o melhor que posso; te deixo um beijo e até mais. (...) a sorte está lançada e até mais...”²²

²² Trecho da música Tarde de Outubro, segundo Single do segundo álbum de estúdio da banda Hardcore CPM 22. Gravadora Abril Music/Arsenal Music. Composição: Badauí/Luscious/Portoga/Japinha/Wally. Produção: Paulo Anhaia/Rick Bonadio. 2001.

NOVEMBER



Embora o TCC seja desenvolvido em um semestre letivo, este projeto já dura mais de um ano, desde a concepção do tema, pesquisa, entrevistas, até sua escrita, para enfim, chegar às etapas finais, de impressão e apresentação. No fim deste caminho, na realização das últimas entrevistas, já estávamos exaustos. Parece simples, mas todas as lágrimas, medos e angústias descritas a cada mês podem ser mais pesadas do que essas páginas e a capa deste livro podem fazer parecer.

Novembro* veio até o grupo por meio de um dos candidatos pesquisados para ilustrar o livro. Já na negociação final, enquanto eu descrevia o projeto para o ilustrador, fui cortado com a seguinte frase:

— Acho que tenho uma amiga que pode se interessar em participar do seu livro. — Mais uma vez acontecia, eu não conseguia mais me sentir ansioso pela esperança de conseguir mais um depoimento. Naquela altura do campeonato, eu só sentia angústia. Mas por que angústia? Eu mesmo explico... Toda vez – toda mesmo, sem exceções -, em que eu citava estar escrevendo um livro sobre “Cultura do Estupro”, alguém sempre tinha um amigo ou já se declarava abusado. Confesso que, embora isso tenha custado algumas horas de desabafo na terapia, ver o quanto eram corriqueiras essas situações nos deu força para continuar.

Deixei que o contato fosse feito pelo artista plástico. Se tem uma coisa que aprendi lidando com o tema é que o contato direto do jornalista com a vítima quase sempre resulta em negação. Novembro, como pensei, confiou no amigo e se dispôs a conversar comigo. Após troca de contato, expliquei a ela sobre de que o livro se tratava e enfim, marcamos.

Durante todo o processo de entrevistas, havia finais de semana em que não tínhamos entrevista. Justamente no fim de semana em que gravei com Novembro, houve mais três conversas, no mesmo dia. Aliás, tive que acordar bem cedo para entrevistar outra vítima. Após finalizada a primeira entrevista, eu seguiria então ao encontro

*Nome fictício.

de Novembro.

Era domingo. O dia amanheceu chuvoso, o que, em conjunto com ser final de semana, fazia com que os horários dos ônibus fossem mais espaçados (e posso dizer, até mais instáveis). Havíamos marcado às 11 e meia; às 11h e 15min eu chegava à Praça Sete, no Centro de BH. Resolvi, para evitar atraso, pedir um Uber. De dentro do carro, enviei uma mensagem para Novembro antecipando um provável atraso; não houve resposta, o que me deixava mais ansioso, com medo de parecer desrespeitoso ou de não encontrá-la em casa. Às 11h e 50min, o Uber parava em frente à casa de Novembro. Me lembro de cada hora e minuto, pois olhava no relógio constantemente. O que mal me lembro, no entanto, era o rosto do motorista. Hoje, penso que fui mal educado com este motorista, pois as únicas palavras trocadas durante a viagem foram *'bom dia'* ao entrar e *'obrigado'* ao sair.

O bairro em que Novembro mora é, como dizem, *'nobre'*. As casas, bem arquitetadas e a rua, repleta de arvoredos, me causou harmonia por onde olhasse. Durante as entrevistas, sempre fiz questão de chegar no horário; era importante para mim que as vítimas encontrassem firmeza em nosso trabalho. Afinal, para a maioria delas, era a primeira vez que tinham, realmente, voz; e eu queria que sentissem o quão eram importantes o relato delas para a sociedade e para o contexto de luta contra a cultura do estupro.

E ali, já diante da casa de Novembro, eu só consegui pensar que havia falhado com ela. Respirei fundo, me recompus desse pensamento e toquei o interfone: Trim ... Trim ... No segundo toque, já escuto a voz de Novembro me saudando.

— Oi? — Após me apresentar, o portão foi destrancado, até que adentrei a casa, mais aliviado de encontrá-la me esperando. Logo na porta, lá estava Novembro: uma mulher, branca, de estatura média, cabelos escuros, 48 anos, (embora pareça ter bem menos) me esperando com um sorriso, que foi, imediatamente, retribuído.

Cheio de dedos, já entrei me desculpando pelo atraso. Sentia minhas bochechas quentes, provavelmente coradas, como de costume, quando fico com vergonha de algo. Novembro me recebeu com um

abraço. Sempre me permitia abraçar os entrevistados antes do relato; isso dava um ar de proximidade, de confiança. Após o relato, no entanto, costumava evitar tal contato. Após lembrar-se de algo tão traumático, a última coisa que se poderia querer seria: ser tocado.

Ao atravessar a sala, Novembro me ofereceu um copo de água, que aceitei prontamente, pois toda a correria tinha me deixado com a boca seca. Fomos para a cozinha e, enquanto eu tomava a água, ela me explicava que iríamos para um lugar mais reservado, pois sua filha de 10 anos estava em casa; e que, por mais que mantivesse um diálogo aberto com ela, a pequena não fazia noção de tudo que a mãe iria me contar.

Terminado o copo de água, nos direcionamos para uma porta logo à frente que dava para os fundos, mostrando uma piscina e um quarto que, provavelmente, seria onde conversaríamos mais à vontade. Dentro do quarto, havia duas camas. Fui direcionado para uma delas por Novembro, para nos sentarmos e iniciarmos a entrevista. Como habitual, expliquei, novamente, o projeto do livro e afirmei o anonimato de todas as vítimas. Antes de começar, achava necessária essa introdução para que a vítima sempre se sentisse o mais confortável possível para falar.

Sem mais delongas, Novembro iniciou o diálogo meio desorientada com a situação:

— Você quer que eu faça como: quer que eu conte o caso, como é que foi? — Pedi então a ela que se apresentasse primeiro. Nos dois primeiros relatos, percebemos que, embora não fossem integrar o livro, eles eram importantes. Falar de si mesmo como introdução costumava manter o nervosismo das pessoas estável até o momento em que falariam do abuso em si.

O ambiente era silencioso; apenas a voz de Novembro se fazia presente dentro do quarto. Lá fora, no entanto, o ambiente era tomado pelos sons dos pássaros que comemoravam a estiagem da chuva e a chegada do sol. E então, ela iniciou:

— Quando eu tinha 16 anos, eu estava em casa, morava na avenida Bandeirantes. E eu vi... sempre passavam pessoas do outro lado

da rua... eu vi uma pessoa

Notei que Novembro buscava palavras como quem busca ar embaixo d'água, até cortar o raciocínio de repente e me perguntar: — Você pode falar, você está com tempo?

Tempo era a última coisa que me preocupava. Percebi que, diferentemente de todos os outros relatos, Novembro começou já falando sobre o abuso. Me peguei em um impasse: seguiria eu o meu roteiro de perguntas ou a deixaria falar e depois retomava o meu planejamento? Em milésimos de segundos, pensei (*umas 5 vezes*) e resolvi deixá-la falar à vontade. Não seria inteligente da minha parte cortar a fala de uma vítima por mero protocolo. Além do mais, eu estava ali para ouvi-la. Respondi então:

— Pode, sou todo ouvidos. — Ao que ela continuou:

— Sempre passavam pessoas da avenida Bandeirantes para a rua de cima. Eu vi uma pessoa passando, um homem, e... achei a forma que ele passou, um pouco diferente. Então eu desci no andar debaixo da casa, avisei para a moça que trabalhava lá que um homem olhou de uma forma estranha pra dentro da casa e que eu não achava bom ela pendurar roupa naquele momento.

Novembro alternava seus olhares entre meus olhos e suas mãos, que se entrelaçaram com um brincar de dedos. E continuou: — Aí, eu me tranquei dentro do quarto. Tinha um irmão de 6 anos que estava em casa; eu fiquei lá lendo e a moça achou que não tinha problema. De repente, eu escutei um gritinho assim: *'Uou!'*”

As frases inacabadas, além das expressões em seu rosto, indicavam que o assunto era amargo. Cada pensamento sem final era como um impulso que expulsava a dor através das palavras. Novembro então prosseguiu.

— Eu achei que fosse aranha, porque, como tinha um lote do lado da casa, entravam muitos bichos, essas coisas. — Esboçando um sorriso, Novembro continuou: — E aí, eu pensei assim: ‘já que ela foi lá pendurar as roupas, então, não vou salvá-la dessa aranha não, né? Deixa ela lá...’

Retribuí a risada meio sem graça enquanto Novembro prosseguia:

— Aí, eu escutei os passinhos do meu irmão mais novo indo na direção do pátio. Quando eu escutei esses passinhos, eu abri a porta do meu quarto, porque eu ia colocar ele pra dentro do meu quarto. — Os olhos de Novembro sombrearam; em segundos, não havia mais sinal do sorriso recentemente estampado pela situação da moça com a aranha. Ela continuou: — Aí, quando eu ia pegar ele pela mãozinha, tinha uma arma no meu pescoço, mandando eu falar baixo e ficar bem quietinha.

Acompanho, com o olhar, o ‘engolir seco’ descendo pela garganta de Novembro, seguido das palavras que saíram se agarrando boca afora:

— Ele já tinha pegado a empregada que trabalha lá, pegou meu irmão e colocou perto dela e, com a arma no meu pescoço, foi me levando pela casa, onde encontramos minha mãe, e assim, foi prendendo as pessoas - menos meu outro irmão, que dormia sob efeito de remédio forte na época.

A boca seca já fazia barulho a essa altura do depoimento. Mesmo assim, Novembro continuou.

— Então, ele prendeu todo mundo dentro da dispensa e saiu comigo pela casa. Eu pedia que ele me dissesse o que precisava que eu mostraria onde estava, se era comida, dinheiro... Ele me disse que queria jóias, o que, além de uns anezinhos de prata, não havia na casa.

Novembro respirou fundo e continuou:

— Aí ele falou pra mim assim: ‘você não está percebendo que eu não estou querendo nada na casa não? E eu falei com ele: não sei, você quer conversar? E ele falou que sim. Me levou para o quarto da minha mãe, sentou na cama na minha frente e ficou durante horas falando coisas. Eu não lembro dessas frases mais, só uma, onde ele dizia que eu era muito romântica.

Novembro deu de ombros, como quem questionava algo e prosseguiu.

— Eu não faço a menor ideia se foi a educação de oferecer comida ou o que poderia ser...

Consenti com a cabeça acerca do raciocínio de Novembro e, por alguns poucos segundos, o silêncio tomou conta do quarto, enquan-

to ela buscava, nas lembranças, o que os dois conversaram.

— Aí ele me falou, que ele... comia hoje... e não sabia se comia amanhã... me falou de uns problemas dele... e eu fui conversando, falando que, dependendo do que ele fizesse, estava pondo em risco a vida dele, que podia acabar preso ou algo do tipo. Ele me fez prometer que não chamaria a polícia e começou a brincar com a arma entre meus olhos, perto da minha orelha, do meu pescoço. Foi brincando com a arma, colocando em pontos que ele achava que eram pontos que poderiam me matar.

O olhar de Novembro se desviou para o horizonte porta afora. Era vago; as palavras fluíam de sua boca de maneira automática. Não estávamos mais no quarto, tanto eu quanto ela fomos levados para a cena.

— Ele disse que nunca tinha matado ninguém na vida dele, que talvez agora fosse um bom momento. Anos depois, descobri que era mentira. Aos 6 anos de idade, ele havia matado uma professora dele. Ele já havia abaixado a arma, mas eu olhei pra arma e ele levantou novamente e disse: — Agora chega!

Buscando novamente o apoio do entrelaçar de dedos, Novembro continuou:

— Ele me levou pra cama da minha mãe... me fez fazer sexo oral nele... chupar o pinto dele... depois ele me estuprou. Quando ele me estuprou eu saí (do corpo). Eu não sei se eu desmaiei, se eu estava fora de mim ou o que é que foi, mas eu não senti o momento da penetração. Parece que eu dei um grito muito alto, porque minha mãe, de dentro da dispensa, ouviu. Eu só lembro de ele colocar a mão na minha boca e me mandar parar de gritar.

E quando acabou, ele levantou, perguntou se eu queria me lavar.

Eu perguntei se podia lavar a minha boca (porque eu estava com nojo na boca). E ele me levou pra dentro da dispensa...

... eu tremia e chorava...

... a empregada começou a gritar que *'sangué de cristo tinha poder'*.

Naquele momento, Novembro retorna de sua memória e, olhando em meus olhos, gargalha como quem tentava quebrar a tensão, dizendo:

— Mande ela enfiar o sangue de Cristo onde ela quisesse enfiar...no cu dela!

Sorri de volta para acompanhar a descontração.

— Pedi, pelo amor de Deus, que as pessoas calassem um pouco a boca e a gente (*eu, minha mãe, a empregada e meu irmãozinho*) ficou durante um tempo lá, preso, até que minha mãe queria subir pela janela pra ver se o cara tinha ido embora. O cara entrou por volta de 1 hora da tarde e saiu, pelo que a gente sabe, em torno de 6 e meia, 7 horas da noite, pouco antes de escurecer, que era um pouco antes de meu padrasto chegar.

Deduzi que ele sabia os horários da casa, o que Novembro confirmou antes de continuar.

— Meu irmão mais novo ficou preocupado com minha mãe tentando pular a janela. Então, eu disse que eu ia. Pensei comigo que a violência que ele tinha que cometer, ele já tinha cometido... Subi na janela da despensa e consegui sair. Mas encontrei com ele na escada e ele me prendeu novamente. Mais tarde, eu consegui sair novamente. Meu outro irmão ficou o tempo inteiro dormindo sob o efeito do remédio e por fim, o moço tinha ido embora.

Antes que eu perguntasse as reações das pessoas nos próximos dias, Novembro emendou ao relato o início da banalização do seu estupro...

— No dia seguinte, um tio meu que nunca nos visitava apareceu em casa e ouvi a discussão na sala em torno de uma cirurgia para reconstruir meu hímen. Chegaram a me questionar sobre isso, mas eu falei que não queria sentir mais dor, que era o suficiente. No depoimento à polícia, fui questionada se o estupro teria sido cometido pelo meu namorado, mesmo eu já tendo, naquela altura, explicado que era um desconhecido, que hoje em dia eu já sei que o nome dele era Ivan Marques de Oliveira, que ele era casado, que tinha uma mulher grávida em casa, que vendia bijuterias. Ele estava fugido da prisão.

Durante o depoimento, pelas afirmativas de Novembro, já era claro que o estuprador tinha sido preso -, fato que se confirmará no trecho que segue...

— Ele estava fugindo da prisão, ele já tinha pegado 17 meninas,

todas da zona sul. Tanto que ele ficou conhecido como ‘o estuprador da zona sul’.

Questionei Novembro sobre os demais trâmites após seu estupro, se haviam insistido na história do estupro pelo namorado, o que foi confirmado. Àquela altura, as palavras de Novembro soavam com indignação.

— A forma como o cara da medicina legal tratou a minha mãe foi horrível. Minha mãe perguntava a ele o que tinha acontecido e o médico respondia: ‘TUDO’. Tudo não queria dizer NADA. Qual parte estava machucada? O colo do útero? A lateral? O que houve? Como estava a minha saúde? Foi lamentável... Na época, eu fiquei pensando se eu podia tirar alguma coisa da situação. Eu tinha, na minha cabeça, que sexo era uma coisa importante, que aquilo não era sexo. O estupro é uma necessidade violenta que uma pessoa tem de te causar terror, ele precisa te ver desesperada.

Eu precisava saber como as pessoas próximas reagiram ao estupro de Novembro. Infelizmente, essa parte da entrevista quase sempre é tão dolorosa quando o relato do estupro em si, mas eu precisava perguntar, o que, prontamente, Novembro respondeu:

— Eu telefonei para alguns amigos mais próximos e, de todas essas pessoas, nenhuma veio me ver; uma dessas pessoas me acusou de estar fazendo drama. Eu estava muito nervosa; às vezes, quando eu contava, eu dava gargalhadas. Eu não sabia lidar com aquilo e eu acho que essa pessoa duvidou de mim por isso. Eu recebia trotes com frases eróticas, misturadas com agressões que eu não sei porque, mas sabia que eram de policiais.

Pensei que, provavelmente, buscavam uma reação de Novembro ou era maldade mesmo. Se já haviam insistido tanto sobre o estupro por parte do namorado, nada mais me surpreenderia.

E ela continuou:

— Eu não sei se faz parte do seu trabalho...

Vi Novembro corar e gaguejar buscando as palavras, quando ela disse:

— ... que é uma coisa assim... em relação a... e... e... esse tipo

de coisa tem uma série de conseqüências. Tem uma conseqüência que é muito comum em vítimas de pedofilia e estupro; são pessoas muito desconfiadas. E eu fiquei tão frígida, sexualmente, que nem tomando banho meu peito arrepiava. Quando tentei fazer sexo com um rapaz que vim a namorar depois, eu disse a ele que gostaria de tentar fazer sexo... mas eu não sabia se o pinto dele estava dentro ou fora de mim. Eu cheguei a comentar com ele uma vez e ele chorou, mas se mostrou compreensível. Outra vez, ele bateu a mão no meu peito e disse: ‘— *Nem pra arrepiar serve!*’ Era dolorido para ela falar daquilo. Embora Novembro já demonstrasse segurança quanto às palavras, eu sentia a presença da dor nelas. “- Foram várias coisas, além do estupro - que me marcou mais. Houve outras coisas no decorrer da minha vida, que eu me senti, completamente, invadida como mulher, fora as situações cotidianas de pontos de ônibus...”

Embora eu estivesse um pouco preocupado pela ausência do roteiro que, normalmente, seguíamos, ela estava preparada. Provavelmente, Novembro já teve que lidar tanto com a situação de ser entrevistada tantas vezes, que já seguia sozinha nossa linha de raciocínio sem a minha ajuda. E nas vezes em que precisei interromper seu desabafo, isso atrapalhava mais que ajudava. Então, deixei que ela continuasse sem pressão.

— Houve situações estranhas. Quando eu tinha em torno de uns 11 anos, eu morava a um quarteirão e meio da minha escola e eu ia e voltava sozinha. Houve uma vez que um moço apareceu e me abordou enquanto eu tocava o interfone, porque eu não pude ter a chave da minha casa até os 18 anos, coisa que não houve com os meninos. Aí, chegou um moço de verde escuro e perguntou pelo Hélio, que morava no quinto andar. Durante sua abordagem, ele disse que precisava ir no quinto andar, mas tinha medo de elevador e perguntou se eu não o levaria. Eu tinha uns 10, 11 anos, eu era boba, achei estranho, mas acabei levando ele. No caminho, ele me disse que dava aula de educação física e pediu para me mostrar uns exercícios, para, que quem sabe, eu fosse malhar na academia dele. Aí, ele fez aqueles exercícios típicos de antigamente...

Novembro fazia com os braços (*meio sem jeito*) os movimentos, ilustrando para mim seu depoimento.

— O outro é assim: você deita na escada que eu vou te explicar. Eu achei complicado, mas deitei. Ele disse que chamava colchão esse exercício, deitou em cima de mim e começou a rebolar em cima de mim.

Imediatamente, fui remetido ao depoimento de outubro. No fim, para lidar com crianças os abusadores sempre usavam, como pretexto, brincadeiras ou, nesse caso exercícios físicos. Enfim, a situação que envolva um contato que, para a criança, inicialmente, seja inofensivo.

— Aí eu sai de baixo dele, achando aquele exercício incômodo, mas sem entender e disse que já tinha entendido o exercício. Levei ele no quinto andar, desci correndo pro meu andar, bati na porta e disse para a moça que trabalha lá em casa que achava que o moço que estava no prédio era tarado. Depois que expliquei a situação, ela ficou louca, dizendo que tinha que ligar pra polícia e eu, sem entender, perguntei: ‘— E se ele não for?’ Pra mim, arrumaram um jeito de alguém me levar e buscar na escola’ ”.

Em nosso projeto, é importante desmistificar que a abordagem sobre a invasão do corpo junto à criança não deve ser feita. Precisamos, sim, discutir abuso com elas. Pode não ser de forma sexual, mas o alerta precisa ser feito. Eu queria entrar mais no assunto sobre a criação de Novembro. Então, perguntei sobre como ela foi instruída em casa sobre sexo, ao que ela me respondeu:

— A minha mãe me dizia que sexo era coisa bonita e que deveria ser feita com amor. Então, que um dia, eu iria ter um grande amor e que... — Novembro gargalha, como quem ri de uma ironia. —...e que esse grande amor, quando eu fosse fazer sexo com ele, ia ser bom, porque, provavelmente, seria depois do casamento.

Eu continuei indagando: — Mas ela falava no caso, contava detalhes?

Novembro respondeu: — Não, sem explicações.

Insisti mais um pouco ao perguntar se ela (sua mãe) a orientava sobre cuidados.

— Não, mas ela não fazia isso não era por descaso. Ela não fazia

por ter sido criada com muita repressão sexual e (ela) tinha muito medo que eu percebesse isso e puxasse isso pra minha vida. Muita coisa foi bom ela não ter me dito, mas muita coisa foi ruim, porque eu descobri muito velha. Eu não percebia; eu lembro que eu saía com uma blusinha curtinha, assim, com a barriguinha de fora.

Novamente, Novembro ilustra a cena, começando pela blusinha junto ao corpo, adentrando para a situação que se seguiu.

—Eu custei a perceber que, quando eu levantava o braço, era possível ver o peito por baixo e que alguém poderia estar olhando. Isso não fazia parte da minha vida, se alguém estava olhando ou deixando de olhar... — Novembro continuou, enquanto batia com as mãos como sinal de ignorância sobre a situação. — Fazia parte da minha vida, só se eu estava fresca em tempo de calor ou coberta pro tempo de frio.

Me virei para a grande porta de vidro aberta à nossa frente e notei que os pássaros não cantavam mais, os chuviscos de chuva voltavam a se fazer presentes; o assunto mais suave me permitia uma atenção maior ao ambiente. Voltei meu olhar para Novembro e a perguntei sobre a posição de seu padrasto dentro do mesmo contexto.

— Meu padrasto nunca falou nesse assunto comigo, a não ser um dia, quando eu comecei a fazer sexo.

Nesse momento, Novembro faz sinal de aspas com os dedos e continua.

— Com meu namorado, sexo insensível, lá pelos meus 17 anos. Eu dormia, constantemente, na casa dele, por causa do horário de ônibus. Mas isso era normal, até que um dia eu cheguei de manhã e acho que foi a única vez que meu padrasto me falou de sexo, sem, realmente, falar de sexo, mas ele disse: ‘A diferença entre um homem e um cachorro era a dignidade e eu não tinha dignidade’. Fora isso, nunca teve conversa nenhuma, a não ser regras; que não podia levar pessoas pro quarto da gente, se tivesse no quarto portas e janelas, deviam estar abertas. E só isso.

Me vi em um impasse. Novembro, até então, não havia mencionado algo que desse a entender a presença de seu pai em sua cria-

ção, mas resolvi arriscar e perguntar a sua posição sobre esse assunto também, ao que ela disse de maneira descontraída:

— Meu pai me chamou com 13 anos, em uma de minhas visitas a ele no Rio de Janeiro e me disse assim: ‘Olha minha filha, o dia que você quiser fazer sexo não precisa se casar não. Isso é coisa de gente católica, isso é coisa da sua mãe. Sexo você faz na hora que você achar que tem que fazer e pronto’. Eu nem pensava em sexo nessa idade, ainda estava descobrindo o meu corpo. E eu saí dessa conversa pensando se eu estava atrasada pra alguma coisa, sabe? Eu pensei: nossa! Será que estou esquecendo de alguma coisa? — Finalizou rindo.

Comentei devolvendo a risada que seu pai era ótimo e já emendei um questionamento sobre a criação dos irmãos, se era muito diferente em relação à dela.

— A única preocupação com os meninos era com eles serem gays. Eles não podiam fazer sexo dentro de casa, mas se quisessem fazer fora, tinham total apoio, jamais seriam tratados como indignos ou chamados de *cachorro* por causa disso. Hoje em dia, inclusive, o mais novo ainda mora aqui na casa, a namorada dorme aqui. Eu, enquanto mãe solteira, ninguém me ajudava com medo que eu sáísse à noite e conhecesse algum homem ou, quiçá, cogitasse fazer sexo com ele. Eu criei minha filha que tem 10 anos praticamente sozinha.

Aproveitei a deixa sobre a criação da menina e questionei sobre como ela a orientava sobre sexualidade.

— Eu já expliquei algumas coisas sobre risco. Já falei pra ela sobre de onde vêm os bebês e nunca falei pra ela que seja feio, indigno ou nada, mas eu falo pra ela tomar cuidado. Para tomar cuidado sobre o olhar que os homens têm sobre o corpo dela. Eu não sei os da sua idade, mas os homens mais velhos são porcos.

Queria discordar da afirmação, mas acabei por concordar. Inclusive, me arrisquei, dizendo que os mais novos se mostravam minia-turas dos mais velhos.

— São porquinhos? — Perguntou ela, sorrindo.

Sempre que pressinto que o depoimento começa a perder o embalo, pergunto se há alguma outra lembrança de abuso por parte da

vítima. Em nossas experiências durante todas as outras entrevistas, era comum que as pessoas, a essa altura, já se sentissem mais à vontade para falar ou mesmo, que se lembrassem de situações que, outra-mente, deixaram de lado. Novembro logo se dispõe a falar:

— As viagens de ônibus. Eu sempre viajava sozinha a partir dos 10 anos, para visitar meu pai. Sempre precisava falar com o motorista do ônibus sobre algum homem que me incomodava e ele me trocava de lugar. O processo era o mesmo; levantavam a separação das poltronas e, depois, começaram a encostar na perna. Um dia, cansada daquela situação...

(Novembro demonstrava, novamente, indignação em seu rosto ao descrever a cena que se seguia)

— Eu fui e levantei assim na frente do ônibus, virei e expus ele: - olha, tem um moço sentado aqui do meu lado, ele já levantou a divisória, passou a mão entre as minhas pernas e eu não estou gostando. Será que alguém podia substituir o lugar que eu estou sentada e me oferecer o lugar? Aí, veio um cara lá de trás, se sentou no meu lugar e eu fui me sentar ao lado de uma mulher lá atrás, feliz da vida. Eu já ficava angustiada quando eu ia viajar, sentada na cadeira, pensando se era um homem ou uma mulher que iria ocupar a cadeira do meu lado, torcendo pra ser uma mulher do meu lado.

Durante alguns segundos, me peguei olhando pra fora novamente e pensando na realidade diária absurda, não apenas de meninas de 10 anos, mas de todas as mulheres em coletivos pela cidade, quando fui interrompido por novembro, que continuava sua fala:

— Bom, teve alguns casos de família também...

Era fácil notar suas mudanças de sentimentos, não só por Novembro ser muito expressiva, mas também pelo tom de sua voz mudar tão drasticamente. Era quase palpável o sentimento de angústia que tomou conta do quarto, principalmente agora, ao voltar a falar de família.

— Bom, primeiro, que eu tinha um tio que estuprou uma moça com o dedo e eu nunca fiquei sabendo disso até ele ter se separado de minha tia. Um dia, eu estava datilografando no escritório do meu

avô e ele veio em pé atrás de mim; começou a apalpar meu peito. Minha sorte foi que meu padrasto chegou e ficou furioso com ele. Não lembro se fomos embora, só lembro que ele saiu dali. Embora meu padrasto não quisesse mais que ele frequentasse nossa casa, minha mãe o convenceu de que era importante para a união da família. Hoje em dia quando eu comento disso com ela, ela fica horrorizada consigo mesma, mas foi isso que ela fez!

O semblante se torna mais amargo e Novembro volta a brincar com os dedos, dando um suspiro fundo e longo antes de continuar:

—Tirando esse tio, houve pessoas mais próximas a mim que eu nunca contei a ninguém.

Não que precisasse contar para mim, o contexto de família já me levava a imaginar.

— Incrível que pensando agora, eu também tinha 10 anos, parece que 10 anos foi uma idade difícil pra mim. — Novembro sorriu de nervosa e continuou. — A pessoa tinha quinze anos e falou que iria treinar em mim (*como é que era...?*), para beijar as namoradas. Essa pessoa era muito próxima de mim”...

Era, claramente, o maior desabafo do dia, o mais espinhento. Novembro cuspi as palavras como se a estivessem sufocando por anos.

— E que eu não tenho coragem de entregar. Essa pessoa me beijava, passava a mão em mim, passava a mão no meu peito, nas minhas pernas e tal, isso aconteceu umas 4 ou 5 vezes e, mesmo assim, eu dou graças a Deus, porque se continuasse, eu acho que ia ser um mal irremediável.

Novembro refletiu, buscando apoio em mim: — Olhe quantas situações pra uma pessoa só!

Eu já ia pedir que não tivesse a impressão de perseguição consigo mesma. Mas, antes que eu conseguisse, ela mesmo finalizou, dizendo o que esse projeto já mostrou: que todo mundo conhece alguém abusado, sexualmente, de alguma forma; e que abuso sexual, então, acreditava se tratar de 100% dos casos, completando:

— Quando alguém não é, parece algo novo, eu fico, nossa que diferente!

Essa frase cortou meu coração; era angustiante ver o sentimento de naturalização e impunidade estampado no rosto de Novembro. Tentei amenizar sua descrença no mundo, dizendo que esse era o motivo de estarmos trabalhando a cultura do estupro como tema: para que pudéssemos mudar o mundo de alguma forma. E que ela estava ajudando nisso. Novembro assentiu com a cabeça como que consolada pelas palavras, mas mudou de assunto e me questionou sobre eu estar falando muito baixo, se não prejudicaria a gravação ou mesmo, se ainda estava gravando. Afirmei que não se preocupasse, que continuávamos gravando e que, se quisesse, poderíamos prosseguir.

Resolvi voltar para a idade adulta. Sabia que havia mais a ser dito. No primeiro contato com Novembro, ela me antecipou que sua vida fora marcada por dois estupros e que, embora estivéssemos fora do roteiro, estava na hora de ouvir o segundo. Respirei tão fundo quanto ela naquele momento e, olhando, fixamente, em meus olhos, ela começou:

— Foi aos 18 anos, eu estava em uma praia com amigos... mas antes, o que eu achei curioso desse segundo estupro, é que foi como se primeiro tivesse assustado tanto a família, que eles resolveram ignorar a existência desse segundo. Não que eles duvidassem de mim, mas eles abafaram dentro deles. Então eu viajei, meus pais nem queriam que eu fosse, então eu fui lá no que eles chamavam de ‘esquina dos aflitos’ e vendi dois relógios que eu tive, para poder fazer o acampamento.

Gargalhamos juntos pela travessura e ela continuou:

— Aí, tinha um amigo meu que eu era afim dele e esse meu amigo estava conversando com um cara de manhã na praia enquanto eu, minha amiga e as outras pessoas, a gente estava no outro canto da praia. E ele bebendo pinga com o cara, conversando e tal. Quando chegou de noite, a gente já tinha voltado pra casa, o Beto apareceu lá e disse que iria sair com o fulano e que ele passaria mais tarde pela casa, pra buscar quem quisesse ir. Quando chegou mais tarde, esse fulano passou. Esse moço... é... é...

Lá estavam, novamente, as palavras amargas que se mostraram por todo o relato do primeiro estupro. Acredito que, embora já con-

fiasse em mim nessa altura, nunca será fácil, não só para Novembro, mas para todas as vítimas de abuso sexual, descreverem o pior dia de suas vidas.

— Ele perguntou se eu e minha amiga gostaríamos de ir. Minha amiga olhou pra cara dele, ela era mais esperta que eu e não quis ir. Eu estava doida pra ir, porque eu queria ver meu amigo, aí eu fui. E quando eu entrei no carro dele, ele foi conversando, aí depois começou a repetir frases estranhas, semelhantes às do primeiro estuprador e eu já disse na hora que não estava gostando daquela conversa, que a conversa estava estranha, que estava assustada e pedi que ele me levasse de volta pra casa. Ele desconversou, me ofereceu cocaína (*que ele estava cheirando*), daí, parou, cheirou um pouco e, nisso, disse que, por causa do engarrafamento, iríamos passar *por fora* para chegar até o bar. O *por fora* era uma estrada escura, onde ele me abordou com uma faca, me arrastou pra trás do carro e me estuprou. Depois, ele me levou embora, eu me lembro que ele ainda parou o carro em um posto de gasolina e eu poderia ter fugido ali. Mas eu não conhecia ninguém e sentia que não tinha mais nada a perder ou esperar, não conseguia nem pensar. Quando ele voltou, jogou em mim 4 maços de cigarros, como se fosse um... um...

Novembro buscava nas palavras algo menos humilhante, mas não achava. Eis que perguntei da forma mais natural possível:

— Um pagamento?

— Um pagamento, um presente ou um consolo. Não sei...

Sua boca voltava a secar, ela já não buscava em meus olhos apoio, nem mesmo atenção. O sentimento que transparecia era de cansaço, nossa entrevista começava a desgastá-la, mas Novembro prosseguiu:

— O máximo que eu pude fazer foi recusar os 4 maços de cigarros, pela minha profunda dignidade inútil... Ele me deixou na porta do acampamento; meus amigos já tinham saído nessa hora. A aquela altura, minha amiga já tinha dormido e eu fiquei em pé, próxima a uma árvore, chorando, até os homens do acampamento chegarem. Foi quando eu consegui me sentir mais protegida.

Perguntei se a polícia foi acionada neste caso também e se o com-

portamento havia sido o mesmo, ao que ela me respondeu:

— A polícia veio, mas ela veio pra procurar droga. Aí, o meu amigo informou a eles que eu tinha sido estuprada e eles deram assistência, perguntaram se eu queria fazer ocorrência. Mas eu não tinha ninguém ali, nenhum familiar. Eu tive medo de ficar sozinha com a polícia e acabei não fazendo.

Novembro, assim como algumas mulheres que se propuseram a falar, não queriam conversar com outras mulheres e precisávamos entender o motivo. Isso me perturbava desde o começo do contato; não poderia deixar passar sem questioná-la sobre, embora isso fuja do que foi usado até agora para escrever o livro, pois essa parte me identifica dentro do grupo (*já que sou o único homem*).

— Eu acho mais difícil falar com mulheres. — diz Novembro.

— Por que? — Insisto, buscando, enfim, a resposta.

— Porque existe uma grande fantasia da mulher, eu não sei de onde vem, mas em relação à prostituição e em relação ao estupro, como se fosse possível que fosse uma relação de prazer.

Não me espantei com a afirmativa. Recentemente, dentro do grupo, chegamos a debater sobre a existência desse fetiche. Eu fiquei imaginando várias mulheres e um homem desconhecido e eu preferi que fosse uma pessoa só. Pode ser um machismo meu pensar que uma mulher não vai conseguir ouvir. Acho que se fosse uma mulher gay, seria mais fácil pra mim; um homem gay, no caso, foi mais fácil pra mim. Eu tenho a sensação de que são pessoas mais delicadas. Então, eu disse:

— Bom, eu acho que é isso. Seu relato foi bem completo, ajudou de formas que você nem tem ideia. — Finalizei enquanto desligava o gravador.

Após finalizarmos nossa conversa, Novembro acabou me confienciando quem seria o familiar próximo. Era exatamente quem eu imaginava, óbvio que não irei colocar no livro porque, se não foi dito durante a gravação, não havia tal consentimento para o fato. Então, porque citar essa parte? Você, leitor, deve estar se perguntando... e eu respondo: simples, porque é importante! Falei muito sobre No-

vembro, porque enquanto não dissesse em voz alta à outra pessoa tudo o que a machucava por dentro, não poderia seguir em frente. Aquele desabafo permaneceria entalado na garganta dela, a remoendo toda vez que tocassem no assunto de abuso.

Juntei minhas coisas e fomos em direção à porta, onde fui, enfim, recebido pela filhinha de 10 anos de Novembro, uma menina linda, sorridente e cheia de carisma. E o principal: muito curiosa. Não hesitou em questionar a mãe sobre quem eu era ou o que fazia ali. Dez anos, eu disse sim: 10 anos; a idade em que a mãe tinha quando sofreu boa parte dos abusos, a idade em que se auto questionou durante o relato por 'não ter sido uma época fácil'. A semelhança de mãe e filha era incrível, não consegui não assimilar a imagem da doce e curiosa menina à de Novembro quando passou por tudo aquilo. Novembro se ofereceu a me levar ao ponto de ônibus. Como havia chegado às pressas de Uber, humildemente aceitei, porque não fazia ideia de para onde deveria ir.

Embora faltasse pouco menos de um mês para o fim da primavera, o lindo bairro regado de arvoredos mostrava copas cheias até onde a vista alcançava. A chuva e o vento havia balançado um pouco mais forte as árvores e um tapete de flores estava estendido rua afora por onde passaríamos. Ao virar a esquina, fui desviado de meus pensamentos pela conversa de Novembro com a filha, que perguntava se ela queria saber mesmo quem eu era e o que fazia ali... Já havia percebido um silêncio de Novembro um pouco antes, enquanto elogiava as árvores e o bairro, mas com certeza, não vi isso chegando.

A menina prontamente disse que sim e, de cabeça baixa, meio envergonhada sobre sua curiosidade, ouviu, atentamente, cada palavra que saía da boca de Novembro. Me recordo de ela explicar o projeto e a importância dele para a sociedade. Confesso que me perdi tanto nas reações de atenção da menina, que por mais que busque em minha mente, não consigo me lembrar das palavras exatas que foram usadas. Mas me lembro da sutileza com que Novembro explicou tudo. Fiquei fascinado; se todas as mães conversassem tão abertamente sobre respeito de espaço com crianças -, mesmo que de maneira, extrema-

mente, sutil, como Novembro acabara de fazer, com certeza, teríamos menos inocências sendo tiradas a cada geração.

Meus pensamentos foram interrompidos pela chegada do ônibus. Mal tive tempo de me despedir e subi no circular em direção ao Centro, onde, enfim, pegaria outro para minha casa. Logo no início, já no primeiro contato, adicionei Novembro no Facebook. Sempre interagimos pela rede social, mas ainda não voltamos a nos encontrar desde então.

“ (...) *Pois nada é para sempre*

E nós dois sabemos que corações podem mudar

E é difícil segurar uma vela; na chuva fria de novembro

Nós já passamos por isto há muito, muito tempo

Simplesmente tentando matar a dor (...)”²³

²³Trecho da música “November Rain”, da banda de *hard rock* americana *Guns N’ Roses*, escrita pelo vocalista *Axl Rose* e lançada em junho de 1992 como 5º *single* do álbum *Use Your Illusion I*.

13º Capítulo

SOLSTICIO



Difícilmente, encontraremos uma solução imediata para a cultura do estupro no Brasil. Afinal, como lutar contra algo que a maioria nem vê que existe? Mas o livro, com certeza, seria um começo para essa luta. Como no nascimento de uma criança, o sentimento de esperança de que tudo se resolveria um dia era quase palpável. Quando tudo começou, era difícil imaginar tudo o que enfrentaríamos, as complicações para encontrar pessoas que aceitassem expor suas histórias. Gravar, então? Era um martírio...! Mas não havia outra forma; precisávamos ter o máximo de assertividade nas transcrições dos relatos. Era extremamente importante que você, que está lendo, não questionasse, nem que por um segundo, a dor de alguém que tivesse passado por tudo aquilo.

A cultura do estupro é um vício traçoeiro, precisávamos ter uma desconstrução diária. Mesmo nós, imersos no tema, por vezes, nos pegávamos questionando a veracidade de alguns pré-relatos. Não se tratava de mero ceticismo jornalístico, não era isso. Era a *maldita* cultura do estupro, algo tão programado em nossas mentes que não percebemos até estarmos frente a frente com a dor da vítima.

Depois de toda a construção e orientação que tivemos, junto com a experiência de campo que obtivemos, sentíamos que estávamos concluindo a graduação não só como jornalistas completos, mas como seres humanos melhores. Esse projeto deixou de ser só um TCC há muito tempo; talvez, nunca tenha sido essa a real intenção. O TCC só havia trazido um prazo final para tudo isso. E esse prazo chegava ao fim.

Finalizadas as entrevistas, a gestação do livro estava quase completa. Marcamos de nos encontrar para a última decisão: o nome do livro e a capa. Embora o clima de trabalho cumprido já estivesse presente em mim, o dia insistiu em contrariar e amanheceu cinza. Já eram quase 5 da tarde quando eu consegui sair do trabalho e caminhar em direção ao ponto de ônibus. Confesso que fiquei irritado algumas vezes durante esse trajeto; pessoas andavam devagar à minha frente e a ansiedade de encontrar as meninas na faculdade não me deixava pensar direito. No ponto, refleti, com calma, se as pessoas - felizes em seus diálogos, que atrapalharam a minha correria - estariam mesmo erradas ou se o errado seria eu.

Sem muita demora, o ônibus apontou. Distraído em minha reflexão, quase não o vi. Recentemente, a linha 4107 havia mudado de empresa e o ônibus agora era verde, algo simples de se lembrar, se minha mente cansada de escrever conseguisse a funcionar normalmente. Já na porta para entrar, um relance de um moço loiro me chamou a atenção no retrovisor. Acredito que era Outubro, que também deveria estar indo para a faculdade. Entrei quase que forçado pelas pessoas atrás de mim. Após passar pela roleta, procurei o rosto familiar, mas não o encontrei.

O ônibus não costumava demorar muito, mas os 15 minutos habituais pareciam horas por causa da ansiedade. Como quando um computador superaquece, meu cérebro apagou. Acordei quase em cima do ponto; nunca entendi como esse mecanismo funciona, mas, raramente, em minhas viagens cansadas, eu perdia o lugar de descer. Como o 4107 não ia até a porta da faculdade, a solução, sempre, era descer na Rua Catumbi, que ficava atrás e caminhar pelo quarteirão que faltava. A portaria de trás, normalmente, ficava fechada. Mas, hoje, acredito que, pela ameaça de chuva, estava aberta, o que achei ótimo, porque ficava mais próximo dos banheiros e eu precisava me desfazer da cara de sono que a viagem deixou.

Coloquei minha mochila sobre a pia e passei um pouco de água fria sobre o rosto. O barulho da porta batendo atrás me chamou a atenção e, ao levantar o rosto em direção ao espelho, Outubro me olhava com a mesma cara de cansado que retribuí. Trocamos olhares e sorrisos, mas nenhuma palavra. Enxuguei meu rosto e saí do banheiro, indo ao encontro das meninas que me aguardavam na lanchonete.

Lá chegando, como imaginei, já estavam as três mulheres que tinham me acompanhado ao longo daquela jornada, me aguardando de volta onde tudo começou, na lanchonete do Campus 800 do Centro Universitário Newton, em Belo Horizonte. Na mesa quadrada de cor vermelho, já se faziam jogadas as quatro bolsas. Nas quatro pontas da mesa, se encontravam as quatro faces, visivelmente cansadas das maratonas noturnas de transcrição de reportagens e da criação dos capítulos. Apesar disso, todos expunham um sorriso de satisfa-

ção, de trabalho cumprido.

O ambiente de descontração era visível: a ruiva zombava, de maneira ácida, da própria mente que lhe pregava peças sobre onde deixara seu moletom do Batman que comprara há pouco tempo. A baixinha, sem qualquer pudor, ergueu a cabeça e logo alfinetou, sem sair completamente do mundo virtual em que estava enfiada:

— Deve ter emprestado a um dos tantos machos com que se relaciona.

Embora eu me preocupasse com as pessoas que observavam, ao longe, as quatro gralhas se acabando de rir, me perdia com a ruiva jogando os cachos em frente ao rosto como um sinal de enfurecida pela perda da blusa tão estimada.

A outra, como sempre, já iniciara seus rituais. Sobre a mesa, já havia tirado de sua bolsa uma vasilha com comida. O cheiro era agradável, provavelmente, algo *fitness*, que seria queimado, freneticamente, no outro dia, na academia. Mas não se enganam sobre ela ter complexo com alimentação.

Aquela, que era tão ligada em dicas de alimentação saudável como era ao Instagram, gostava de comida. E podia ser qualquer uma. Mas naquele momento, a pequena vasilha colorida trazia apenas a entrada; ao seu lado, já estava o prato principal: um enorme saco de pipocas com bacon que havia comprado na porta da faculdade. Entre uma garfada e outra, deu início ao debate:

— Então, gente: precisamos definir a capa. — Ela disse entre uma garfada e outra.

Eis que a orgulhosa dona do moletom perdido continua, mesmo não estando muito atenta a nada: — Deveríamos manter a ideia inicial da árvore.

Eu explico.

Inicialmente, o livro foi pensado seguindo as estações do ano — outono, inverno, verão e primavera. Mas como bom libriano indeciso que sou, acabei me perdendo em minha própria ideia e levei todos ao fundo comigo. A ruiva continuou: — Afinal, mesmo que não estejam implícitas as estações, tudo foi pincelado durante os relatos.

A pequena balbuciou: — Eu concordo! — Enquanto lutava com o isqueiro, tentando acender o cigarro de palha entre os lábios.

Não era comum que fumássemos tanto na faculdade, mas com a ansiedade (lê-se: desculpa para não matar uns aos outros”), acabamos nos habituando em dividir um palheiro antes das aulas. E mesmo que a jovem de cabelos cacheados não se importasse (*costumávamos evitar por ela*), até esse respeito perdemos pelo semestre.

Então, no auge de sua epifania, a pequena continuou: — Poderíamos usar uma árvore de copa cheia que fosse perdendo as folhas. A frente, ela mais cheia, o tronco no centro, onde o livro é dividido e atrás, os galhos vazios, indicando passagem.

Eu concordei, dizendo: — Perfeito, por mim fechou. Mas e a cor? — Todas aquelas discussões me pareciam muito importantes, mas quando eu olhava para as meninas, via que aquele era um detalhe quase ignorável. Tínhamos feito muito. Tínhamos ouvido histórias, sentido na pele a dor do abuso. Não seríamos mais as mesmas pessoas que se encontravam ali, todos os dias. Estávamos diferentes porque tínhamos nos abrido. E aquilo era bom.

A cacheada respondeu: — A árvore preta em um campo cinza. Vamos continuar mantendo as cores dos desenhos! — Eu não queria pensar naquilo, mas era engraçado pensar como ela tentava orquestrar aquilo, sem nenhum sucesso. Seus cachos não eram mais confusos que seus pensamentos.

— O Tom Vermelho seria então o nome, certo? — Perguntei. Optamos pelo uso destas cores para ‘apelar mesmo’ no livro. O tom vermelho ficaria com o papel de transpor o que se destacava até o leitor.

— Sim. — Afirmou ruiva enquanto respirava fundo.

Busquei o cigarro por entre as mãos da pequena e fui encontrá-lo já na boca da comilona, que acabara a primeira etapa do lanche. Estiquei meus dedos, em sinal para que me fosse passado o cigarro e ela entendeu o recado.

— E o nome? — Perguntou a minha amiga que tinha os cabelos castanhos longos como uma cachoeira castanha, soltando o longo sopro de fumaça.

— O nome ‘As Quatro Estações’ caiu por terra; precisamos de algo que destaque os meses! — Eu informei, tentando parecer ter controle de algo sob aquele projeto. Mas não tínhamos. O projeto tinha ganhado vida e seguido por rumos que não tínhamos planejado.

— Doz... — resmungou a ruiva.

— Como é? É que eu não ouvi. Desculpa. — Disse a baixinha abaixando o celular onde, como de costume, mantinha sua cara enfiada.

Enchendo o peito de ar e revirando os olhos muito castanhos, a ruiva repete: — DOZE! Assim mesmo, DOZE.

— Doze? Doze pessoas, doze meses, doze abusos. GOSTEI. — Berrou Leonina no máximo de volume e ego que conseguia.

Aquele era um hábito com o qual estávamos acostumados daquela miniatura de mulher. Ela se perdia no mundo virtual enquanto discutíamos o real à sua volta. Mas quando voltava, era como se recebesse uma carga extra de euforia. — Pronto, é isso; era o que faltava definir, vou enviar tudo ao desenhista e à diagramadora. — Disse ela.

— Nem acredito que terminou!” — Desabafou Aquariana, enquanto separava seus pequenos cachos vermelhos, hábito que existiu ao longo dos 7 semestres em que a conheço.

— Será que imprimiremos a tempo? — A dona dos cabelos longos comentou, distraída, catando os bacons entre as pipocas.

— Claro! — Eu respondi. Não que não gostássemos de passar mais tempo juntos, mas estávamos cansados. Confesso que já ansiava pelo banho quente. Nos últimos dias, aproveitamos todas as horas possíveis que sobravam para descansar; e hoje não seria diferente.

Fevereiro foi a primeira a dar algum sinal de exaustão. Esticou-se na cadeira como um gato, e então pegou a bolsa de corujinhas que ganhara da mãe no semestre anterior. Ela me deu um sorriso e eu pude ver aquilo que mais gostava nela: em Fevereiro, surgiam os seus primeiros raios de mulher, mas mesmo assim, mesmo com tudo o que já tinha passado, ela ainda tinha aquele olhar infantil. O mesmo que vi no primeiro dia de aula.

Antes de colocar sua bolsa apoiada em um dos ombros, Fevereiro se ajeitou dentro da blusa do Homem Aranha que tanto amava e

amarrou, em um coque alto, o cabelo ruivo cacheado. Não durou nem dois minutos para se ajustar e já batia, ansiosa, os dedos, em cima da mesa, à espera de sua carona.

Maio, por sua vez, acabara de comer e colhia, não só dos babados de sua blusa, mas também de seus longos cabelos castanhos, algumas poucas pipocas que haviam caído. Guardou em sua bolsa a vasilha de comida *fitness* e pegou de lá as chaves do carro com o qual daria carona a Fevereiro. Maio, era uma mulher linda, e parecia dona de toda a sua vida. O destino de Maio era desenhado por ela e, mesmo com os abusos que sofrera durante a infância, ela era dona dela. Dona do que fazia com sua própria vida. Maio piscou para mim, sorrindo. Um sorriso sincero e orgulhoso.

De repente, o ritual de Maio foi interrompido pelo toque do celular de Agosto. Era seu marido avisando que havia chegado e que já nos esperava do lado de fora da faculdade. Agosto, sempre trazendo flores no sorriso, me informava que poderíamos ir. Não adiantaria recusar a carona quando se tratava dela. Muito prestativa; considerava uma ofensa quando alguém não aceitava.

Agosto era única, como só Agosto poderia ser. Ela tinha aquela distração e hiperatividade tão entranhadas em sua personalidade que eu mal conseguia dizer o que seria dela sem seus acessos de TDH. Agosto se levantou em um pulo. Nem de longe lembrava aquela mulher que tinha me dado um depoimento triste e sofrido.

— Então vamos? — disse Maio.

Apagamos o cigarro que, no pátio, não é permitido e caminhamos em direção às escadas que levam à portaria da Rua Catumbi por onde entrei. Todas já haviam passado a catraca e eu não encontrava meu cartão de acesso para sair.

Maio me repreendeu, já rindo do meu desespero e dizendo: — Você sempre perde esse cartão, não sei porque não deixa no bolso.

— Bom gente, então é isso. — Disse Fevereiro, em seu ar fúnebre de despedida, me oferecendo o rosto para um beijo que aceitei prontamente.

— Acho que um abraço também cabe nessa despedida. — Disse

Agosto sorrindo. Maio e eu, sorrindo, concordamos. Um a um, nos entreolhamos, nos beijamos e nos abraçamos. Pode parecer brega, mas nunca seríamos apenas colegas se despedindo. Não depois de tudo, não depois do que passamos juntos.

Éramos uma família, uma família que brigava e se amava o tempo todo, como todas as boas famílias fazem. E assim, Maio seguiu em direção ao carro junto a Fevereiro, enquanto eu e Agosto seguimos na direção oposta, indo para o carro em que o marido de Agosto nos esperava. Embora jogássemos papo fora no caminho até a minha casa, tanto Agosto quanto eu não disfarçamos onde os pensamentos estavam. Acho que Maio e Fevereiro passaram pela mesma situação. O fim dessa etapa estava próximo; em breve, apresentaríamos o TCC e seria o fim da graduação.

O fim do nosso cotidiano juntos também chegaria. Eu respirei fundo e dei uma última olhada para a faculdade, por cima dos ombros estreitos de Agosto.

Sempre haveria uma marca nossa ali: na mesa escondida no fundo da lanchonete, nos comentários ácidos que jogávamos ao ar, nas gargalhadas altas que não podíamos controlar, nas histórias divertidas que contaríamos pelo resto da vida, nos assuntos polêmicos que costumávamos levantar, nas inimizades veladas que tínhamos feito apenas por ser quem éramos. E nos abusos que tínhamos compartilhado um com o outro, velados como segredos de família... E que família.

Eu jamais esqueceria aquelas meninas: o jeito infantil e, ao mesmo tempo, cheio de opinião de Fevereiro; às tiradas maliciosas e os sorrisos sinceros de Maio; às perguntas distraídas e a gentileza de Agosto. Elas sempre seriam uma tatuagem em minha pele e no meu coração. E, algo em mim sabia, que eu também seria uma parte delas para sempre.

O tempo nos levaria para outros lugares, viveríamos experiências sozinhos a partir dali, mas aquela mesa vermelha no fundo da lanchonete sempre seria nossa. E parte de nós sempre estaria ali, revivendo em um looping as coisas boas.

Eu sacudi meus ombros e disse para mim mesmo que não era

hora de choramingar. Ainda tínhamos alguns dias pela frente. O sentimento era definido pelo suspiro de alívio dado no fim dos depoimentos pelas 12 vítimas, que nos ajudaram a construir o livro.

Me despedi de Agosto com um sorriso e um longo abraço quando ela me deixou na porta de minha casa, e me voltei para a janela da sala, onde como sempre, minha cachorra me esperava, como uma mãe velha. Assim que entrei, antes mesmo de trancar a porta, fui abraçado por meu marido que me esperava:

— Boa Noite Outubro, como foi seu dia? — Disse ele com um sorriso acolhedor, passando os braços ao redor do meu ombro.

— Libertador! — Respondi com lágrimas e um largo sorriso.

*(...) Não perca quem você é, no borrão das estrelas
Ver é iludir, sonhar é acreditar
É normal não estar bem
Às vezes é difícil
Seguir seu coração
As lágrimas não são uma derrota
Todos estão sofrendo
Seja verdadeiro com quem você é (...)
(...) Não há nada de errado com quem você é(...)²⁴*

²⁴ Canção da cantora e compositora inglesa Jessie J, gravada para o seu álbum de estreia de mesmo título em 2010, no Strawberry Bee Studios, na Califórnia. Foi lançada como single promocional na iTunes Store em novembro de 2010. Depois do lançamento do disco, a música entrou no topo de várias listas musicais.

agradecimento

A gratidão é um sentimento difícil de ser traduzido em palavras, mas esperamos que todos que contribuíram para que esse livro tomasse forma e vida, sejam capazes de sentir o nosso eterno reconhecimento. Buscamos, ao contar histórias de abuso e dor, não chocar as pessoas, mas sim ser voz ativa na luta contra a cultura do estupro e colaborar para que cada vez mais as pessoas reflitam o modo como criamos nossas crianças e repensem suas atitudes. É preciso, mais que nunca, combater a cultura do estupro.

Não somos capazes de expressar a nossa gratidão, mas através desse livro, que tem o sangue, suor e lágrimas de diversas pessoas, esperamos que entendam a dor e vejam as marcas que a violência e o abuso causam na vida das pessoas.

A todos que leram, colaboraram, confiaram e se abriram, o nosso eterno Obrigado.

dedicatória

A todas as vítimas de abuso, seja ele qual for.

Uma vez, o músico Kurt Cobain disse que “Estupro é um dos crimes mais terríveis da Terra”, e, ao ter contato com diversas vítimas de abuso, percebemos que ele não poderia estar mais correto.

Mas assim como Estupro, um toque indesejado, uma brincadeira com segundas intenções, uma palavra, também machucam e corroem a carne e a alma. Se hoje, pudéssemos encontrar Cobain, diríamos a ele que o Abuso é também um crime terrível.

Dedicamos cada página e cada momento deste livros, desde sua concepção até o momento em que você, caro leitor, terminar de lê-lo, as vítimas de violência e de abuso. Elas estão aí, pela cidade, andando e trabalhando, transformado a dor em forças e lutando, a cada dia, com as marcas e cicatrizes que lhes foram impostas.

Se há quem possamos chamar de heróis, são eles.



12 Meses
12 Relatos

Histórias e sentimentos
que representam os medos e
inseguranças de pessoas que
sofrem todos os dias com uma
cultura que é capaz de ferir,
não apenas o corpo, mas
também a alma.


**Editora
Newton**

ISBN: 978-65-87392-13-4

9 786587 392134